

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**  
**MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**‘ESSA GUERRA NÃO É NOSSA’: PACTO DE NÃO-VIOLÊNCIA E  
MASCULINIDADES EM UMA TORCIDA DE MANAUS**

**BRUNO TADEU MAGALHÃES MORAES**

Manaus

2025

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

Bruno Tadeu Magalhães Moraes

Orientadora: Profa. Dra. Flavia Melo da Cunha

**‘ESSA GUERRA NÃO É NOSSA’: PACTO DE NÃO-VIOLÊNCIA E  
MASCULINIDADES EM UMA TORCIDA DE MANAUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Manaus

2025

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

---

- M827e      Moraes, Bruno Tadeu Magalhães  
              'Essa guerra não é nossa': pacto de não-violência e masculinidades em  
              uma torcida de Manaus / Bruno Tadeu Magalhães Moraes. - 2025.  
              139 f. : il., color. ; 31 cm.
- Orientador(a): Flávia Melo da Cunha.  
              Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa  
              de Pós-Graduação em Antropologia Social, Manaus, 2025.
1. Futebol. 2. Gênero. 3. Torcida. 4. Masculinidade. 5. Manaus. I. Cunha,  
              Flávia Melo da. II. Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-  
              Graduação em Antropologia Social. III. Título
-

Este trabalho é dedicado a todo povo  
trabalhador brasileiro, simbolizados nas  
imagens de Rosana, minha mãe, ex-diarista,  
ex-recepcionista e hoje gerente, e Marcos,  
meu pai, ex-freteiro no Mercado Ver-o-Peso,  
de onde transportava o açaí para garantir  
nosso sustento.

## **RESUMO**

Esta pesquisa baseia-se em uma etnografia e observação participante realizadas com a União Manaus, grupo organizado de torcedores do Manaus Futebol Clube, entre maio de 2023 e julho de 2024, durante jogos no estádio da Colina e na Arena da Amazônia, válidos pelas séries C e D do Campeonato Brasileiro e pelo Campeonato Amazonense. O estudo contextualiza o cenário do futebol no Amazonas e investiga o histórico e as dinâmicas das torcidas organizadas, com foco no gênero como elemento central para análise das relações e performatividades entre os torcedores, influenciadas por um pacto interno de não-violência. A pesquisa busca compreender como os integrantes da torcida constroem e performam masculinidades, explorando este aspecto nas práticas culturais e sociais associadas ao universo torcedor. Foi possível constatar que a União Manaus se destaca como um grupo de torcedores que busca construir uma identidade própria baseada na intensidade e coordenação de suas performances nos estádios, sobretudo em condições climáticas adversas.

**Palavras-chave:** Torcida, Futebol, Amazonas, Masculinidades, Gênero

## **ABSTRACT**

This research is based on ethnography and participant observation conducted with União Manaus, an organized football fan group of Manaus Futebol Clube, between May 2023 and July 2024, during matches at Colina Stadium and Arena da Amazônia. These matches were part of the third and fourth divisions of the Brazilian Championship as well as the Amazonas State Championship. The study situates the football scene within the socio-cultural context of Amazonas and examines the history and dynamics of organized fan groups, with a particular focus on gender as a central lens for analyzing relationships and performances among supporters. These interactions are shaped by an internal non-violence pact within the group. The research aims to understand how members construct and perform masculinities, exploring this dimension through the cultural and social practices associated with football fandom. It was found that União Manaus stands out as a fan group striving to build a unique identity based on the intensity and coordination of their performances in the stadiums, especially under adverse weather conditions.

**Keyword:** Supporter, Football, Amazonas, Masculinities, Gender

## **AGRADECIMENTOS**

Esta dissertação, uma construção que coloco aqui também como coletiva, foi possível graças às pessoas e experiências vivenciadas nesses dois anos intensos de estudo e trabalho. Em primeiro lugar, agradeço a todos que fazem parte do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAM, docentes e discentes, que com os ensinamentos e partilhas ajudaram a ampliar o meu horizonte rumo a uma antropologia comprometida, atenta aos limites do meu olhar.

Agradeço à minha orientadora, professora doutora Flavia Melo, que com a sua competência, amizade e confiança me manteve em movimento. Gratidão que estendo aos integrantes da banca na minha qualificação, professor doutor Pedro Paulo e professora doutora Mariane Pisani, pelas valiosas contribuições para a construção desta dissertação em seu formato derradeiro.

Agradeço à União Manaus, nas pessoas de Will Hobson e Mário Garcia, meus principais interlocutores nesta pesquisa e intermediadores para que este trabalho fosse possível.

Agradeço aos queridos amigos Jefferson Pinho, agora doutor em antropologia social e integrante da banca em minha defesa, e Allan Gomes, pelo incentivo e suporte desde antes do meu ingresso ao programa, sem o qual talvez não estivesse neste lugar.

Agradeço ao INCT Futebol, pela realização do I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro: Produções e epistemologias futebolísticas e IV Simpósio de Futebol do NAVI, em agosto de 2024, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde tive a oportunidade de apresentar uma prévia desta dissertação e enriquecê-la por meio da troca com tantos pesquisadores produzindo e refletindo sobre esta temática.

Agradeço à CAPES, pela concessão de bolsa em um período dos estudos, e à ciência brasileira de um modo geral. De igual forma, agradeço a todos aqueles que lutaram pela universidade pública, transformadora da minha vida entre tantas outras, da mesma forma que transforma este país por meio da luta de seus agentes.

Por fim, agradeço à minha companheira, Débora, e à minha filha, Marina, que muitas vezes precisaram lidar com a minha ausência neste período, sem faltar com o amor que foi meu suporte para ir até o fim.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Jogadores do Manaus Athletic, primeiro time campeão amazonense .....	21
Figura 2 - Entrada do Bosque Municipal, bairro Flores, no início do século XX.....	23
Figura 3 - Mapa da rede do sistema de transporte por bonde em Manaus .....	24
Figura 4 - Jogadores do Euterpe Football Club.....	27
Figura 5 - Charge do periódico A Nota, publicada em agosto de 1917.....	30
Figura 6 - Registro de uma partida com grande público no Parque Amazonense.....	33
Figura 7 - À direita, Pepeta usa o uniforme do Nacional, aos 22 anos, em 1966. À esquerda, dois anos antes, o atleta esteve à serviço do exército quando instalado o regime militar .....	35
Figura 8 - Lance do jogo entre Nacional e Grêmio Maringá, no Maracanã, em 1969 .....	37
Figura 9 - Flaviano Limongi, à direita, conversa com o governador Danilo Areosa .....	38
Figura 10 - Imagem aérea do Vivaldão no jogo de inauguração, em 1970 .....	39
Figura 11 - Dadá ergue a taça de campeão amazonense pelo Nacional, em 1984 .....	41
Figura 12 - Disputa de bola durante a final da Copa Norte de 2001, que valeu o tricampeonato do São Raimundo .....	43
Figura 13 - Jogadores se reúnem no aquecimento antes do jogo de inauguração da Arena da Amazônia.....	45
Figura 14 - Jogadoras do Iranduba comemoram gol contra o Corinthians simulando flechadas, em 2016 .....	50
Figura 15 - Representantes dos times desfilam no concurso de rainhas do Peladão em 2023 ..	55
Figura 16 - Cobrança de pênaltis em partida do Peladão atrai torcedores em campo de terra..	56
Figura 17 - Equipe do Unidos do Alvorada em disputa na edição de 2022 do Peladão. Dois anos mais tarde, o time jogou a primeira divisão profissional do Campeonato Amazonense..	58
Figura 18 - Torcida Bucheiros da Colina em noite de jogo no Estádio Ismael Benigno.....	73
Figura 19 - Manaus foi eliminado da Série D de 2018 com casa cheia na Colina .....	75
Figura 20 - Escudo do Manaus Futebol Clube .....	76
Figura 21 - Mais de 40 mil pessoas assistiram ao jogo do Manaus contra o Caxias, em 2019	77
Figura 22 - Jogo do Manaus contra o Amazonas no Estádio da Colina, durante o Campeonato Amazonense de 2024.....	78
Figura 23 - Em pé na mureta, Will (de camisa verde) e Mário (camisa preta) regendo a torcida .....	84

Figura 24 - Escudo da União Manaus .....	86
Figura 25 - União Manaus durante jogo contra o Amazonas, em 2024 .....	89
Figura 26 - Mapa do Amazonas com o local de origem por torcedor da União Manaus .....	93
Figura 27 - Repique da União Manaus .....	94
Figura 28 - À direita, Carlos Condera. À esquerda, torcedores posam pra foto, um deles com o adereço de homenagem ao torcedor falecido .....	95
Figura 29 - Torcedores tremulam bandeiras na parte externa da Arena da Amazônia .....	98
Figura 30 - QR Code para acesso a vídeo de entrada da União Manaus na Arena da Amazônia .....	109
Figura 31 - Estádio da Colina e o céu nublado que anuncia chuva .....	123

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Clubes com times de futebol masculino no Amazonas, organizados por título, ano de fundação, cidade e status .....	25
Tabela 2 - Profissão dos integrantes da torcida União Manaus .....	91

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I - DO <i>FOOTBALL</i> PARA O MAIOR CAMPEONATO DE PELADAS DO MUNDO.....</b>	<b>16</b>
1.1 - Pontapé inicial: origens em uma Manaus em transformação .....	18
1.2 - Bola fora: a agenda interestadual pelo Brasileiro de Seleções.....	29
1.3 - Casa cheia: Zona Franca, ditadura e tempos dourados .....	34
1.4 - O brilho do São Raimundo, luta por calendário e Arena da Amazônia .....	42
1.5 - Elas ‘flecham’: Iranduba vira o centro das atenções.....	46
1.6 - O Peladão e a força da matriz comunitária do futebol no Amazonas .....	52
<b>CAPÍTULO II - ‘DA AMAZÔNIA PARA O MUNDO, EU VIM AQUI PRA TE APOIAR!’: A UNIÃO MANAUS NA TRAJETÓRIA DAS TORCIDAS ORGANIZADAS .....</b>	<b>61</b>
2.1 Tática metodológica: por uma descrição densa e formulações teórico-etnográficas .....	62
2.2 - Que torcida é essa? Organizadas, violência e mídia .....	66
2.3 - Manaus Futebol Clube: surgimento, ascensão e recuo .....	75
2.4 - ‘Domingo eu vou lá no Vivaldão!’: organização, integrantes e práticas da União Manaus .....	79
2.4.1 - ‘Já tivemos briga logo no primeiro dia, né?’ .....	81
2.4.2 - A origem e o Censo da União Manaus .....	84
2.4.3 - Músicas e elementos da União Manaus .....	93
<b>CAPÍTULO III - ‘MORREU DE QUE? DE MANAUS!’: MASCULINIDADES EM JOGO.....</b>	<b>99</b>
3.1. Questões de gênero .....	102
3.2. ‘A nossa torcida nunca se meteu em confusão’: o pacto de não-violência.....	108
3.2.1 ‘Se tiver briga, vai brigar só tu!’ .....	111
3.3. ‘No futebol não existe espaço para preconceito’ .....	115
3.3.1. As mulheres da torcida e a árbitra .....	118
3.4. Quando a resistência ao clima é o ‘teste de masculinidade’ .....	121
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>128</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>133</b>
<b>GLOSSÁRIO .....</b>	<b>139</b>

## INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, conecto duas temáticas que costumam ocupar espaços pouco explorados nas prateleiras das ciências sociais a um elemento regional que, no campo esportivo, também tende a receber pouca atenção ou destaque: o futebol amazonense. Proponho este encontro para explorar um objeto que se oferece como rica oportunidade de análise para entender o comportamento masculino em um espaço de lazer com forte identidade nacional e particularidades regionais.

Busco responder à seguinte pergunta: como o grupo organizado de torcedores do Manaus Futebol Clube, denominado União Manaus, (re) produz modelos de masculinidades, considerando a existência de diversas práticas e identidades de gênero em um contexto pluridimensional? A partir desta questão, desdobram-se reflexões sobre a agência desses torcedores, as identidades associadas às torcidas organizadas no imaginário brasileiro e regional, a representatividade do futebol amazonense ao longo da história, e os fundamentos para as formulações etnográficas que orientam este trabalho.

Quando apresento meu tema de pesquisa para colegas acadêmicos, costumo situar o lugar dele mencionando as observações de Norbert Elias e Eric Dunning (1992) sobre como a sociologia deixou em segundo plano os estudos do esporte, uma área até certo tempo deslocada dos holofotes que buscavam a economia e os modos mais utilitários de analisar as sociedades. Lembro também de Raewyn Connell (1995) afirmar o quanto ainda eram escassas as contribuições para os estudos de gênero a partir das práticas masculinas, frente a um avançado cenário de contribuições dos estudos feministas.

No Brasil, esses panoramas sofreram significativas transformações, notadamente a partir do fim do século XX. Autores como Arlei Sander Damo (2005), Carmen Rial (2013), Felipe Tavares Paes Lopes (2020), Luiz Henrique de Toledo (2010), Simoni Lahud Guedes (1998), entre muitos outros, contribuíram para a profusão de pesquisas em torno do futebol pela via das ciências sociais. Atualmente, o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) Futebol reúne pesquisadores da temática em debates e eventos desde 2023.

Minha escolha pelo tema resulta de experiências pessoais e profissionais. Desde a infância na Região Metropolitana de Belém, no Pará, como torcedor, vivenciei a atmosfera de estádios de futebol. Mais tarde, entre 2010 e 2016, atuei como jornalista na cobertura esportiva local em Manaus, o que aprofundou meu conhecimento sobre o assunto. Igualmente, meu

interesse por questões de gênero tem relação com a militância feminista de minha companheira, a paternidade a partir de 2016 e alguns textos sobre masculinidades que me atraíram e geraram curiosidade.

Também por esses motivos a abordagem interseccional ocupou um papel importante na pesquisa. Inspirado por Vigoya (2018), refleti sobre como raça/etnia, classe, idade, regionalidade e gênero influenciam a análise. Embora inicialmente tenha considerado a temática das masculinidades como centrada em sujeitos dominantes, percebi a necessidade de incorporar essas variáveis para enriquecer o estudo, entendendo que as configurações de agências em questão suscitam o reconhecimento de diferentes atravessamentos. Essa vivência proporcionou a base para um olhar mais crítico, mas também impôs desafios.

O objetivo foi interpretar como as masculinidades se manifestam na União Manaus durante o ato de torcer. A pesquisa recorreu a princípios éticos e hermenêuticos do fazer etnográfico, reconhecendo que o contato com os interlocutores muitas vezes carrega expectativas de juízo de valor. Assim, busquei me apoiar em referenciais que evitassem interpretações preconceituosas, como a reflexão sobre a autoridade etnográfica de Clifford (2002).

Isso porque a minha presença em atividades relacionadas ao futebol ao longo da vida, somada ao esforço que julgo ainda inicial com vistas a uma problematização das masculinidades enquanto práticas próprias ou de terceiros, constituem um contato sensível que busca se somar, no exercício interpretativo desta pesquisa, a um aprofundamento do conhecimento em torno desses dois universos em alinhamento ao arcabouço teórico existente.

Conforme destaca Peirano (2014), a pesquisa de campo não tem um início e fim estritamente delimitados. No meu caso, as memórias de estádio – como torcedor e jornalista – suscitaram expectativas que precisaram ser analisadas criticamente. Adotar uma postura investigativa e "estranhar" o campo, como propõe Magnani (2009), foi essencial para superar os desafios interpretativos.

Para realização deste exercício, integrei a torcida após apresentar o projeto para o criador e uma das principais lideranças, Will Hobson, manauara de 31 anos que teve a primeira experiência em grupos organizados no núcleo da Força Jovem do Vasco em Manaus. Ele liderou a organização da Torcida Organizada Gavirmãos e, posteriormente, criou a União Manaus promovendo a fusão de cinco torcidas do Manaus. Esse processo é detalhado no Capítulo 2.

A anuência informal do líder facilitou a inserção no grupo estudado, mas não foi suficiente para a construção de uma relação de confiança para o estabelecimento de diálogos fluidos com parte dos integrantes. Para alcançar esse objetivo, foi necessário engajamento em iniciativas como participação em contribuições financeiras para compor um grupo de sócios da torcida, auxílio logístico no transporte do patrimônio nos estádios e participação ativa nas performances durante os jogos cantando as músicas.

O campo de pesquisa ocorreu principalmente nos estádios Ismael Benigno - a Colina, na Zona Oeste de Manaus; Arena da Amazônia e o ponto comum de reunião da torcida, a Praça do Caranguejo, que fica no Conjunto Eldorado, ambos na Zona Centro-Sul de Manaus. Uma viagem de Manaus para a cidade de Manacapuru, na Região Metropolitana, também compôs o campo, seguido de uma partida realizada no Estádio Gilberto Mestrinho.

Complementarmente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com integrantes da torcida, conduzidas principalmente de forma online via WhatsApp, visto que os encontros em dias de jogo direcionaram energia e foco desses torcedores ao compromisso quase exclusivo de apoio ao time e comentários sobre o evento. As oportunidades de conversa sobre quaisquer assuntos além da motivação de estar ali foram raras ou nulas.

A União Manaus é composta majoritariamente por homens jovens, pardos e trabalhadores. Como homem branco, cisgênero e heterossexual, reconheci os atravessamentos que minha posição social traz para a pesquisa. Para estabelecer uma relação de confiança com os interlocutores, decidi me integrar à torcida, participando dos jogos como membro do grupo. Essa proximidade permitiu observações estratégicas durante as partidas e as performances do grupo da torcida.

A experiência de campo refletiu desafios metodológicos semelhantes aos relatados por Miguel Vale de Almeida em *Senhores de Si* (1995), diante da ausência de modelos definitivos que se enquadrem nas masculinidades observadas. Isso exigiu uma análise atenta aos discursos e práticas. Acolhendo o pensamento de Grossi (2004), a escolha foi por evitar enquadrar os observados no que se entende como masculinidades hegemônicas ou subalternas, compreendendo esses conceitos como dinâmicos e impermanentes.

Embora o termo "torcida organizada" não seja oficialmente adotado pelo grupo, como estratégia para evitar estigmas associados à nomenclatura, a dinâmica interna remete a práticas tradicionais de torcidas. Ao mesmo tempo, o grupo apresenta contrastes

significativos, como o pacto de não-violência observado durante o campo, que desafiou minhas expectativas iniciais.

Assim, a União Manaus oferece um cenário singular para análise das dinâmicas de gênero, refletindo como diferentes torcidas constroem suas condutas específicas. Embora a violência nos estádios seja um fenômeno amplamente estudado (MONTEIRO, 2003; MURAD, 2007; LOPES, 2016; SOUZA, 2016; SALDANHA, 2023), uma abordagem interseccional, especialmente centrada no campo das masculinidades, possibilita novas perspectivas analíticas.

E ainda que não seja possível definir uma masculinidade predominante entre os integrantes, o pacto de não-violência revela um grau significativo de conscientização, apontando para o potencial de novas formas de engajamento no ambiente competitivo do esporte. Buscou-se respeitar a multiplicidade de perspectivas dos interlocutores, alinhando-se ao conceito de "interpretação da interpretação" de Geertz (1973). Assim, a construção dos capítulos reflete a prática antropológica traduzida em texto.

Nele, foi feita a escolha por um percurso histórico, etnográfico e dialógico para compreensão dessa experiência antropológica. No primeiro capítulo, fazemos uma viagem pela história do futebol no Amazonas, explorando a origem e comparando-a com outros centros, bem como a forma que ganhou as ruas, proporcionou agendas além do estado, se enredou em disputas políticas, das quais foi beneficiado e prejudicado, e viveu altos e baixos em sua popularidade.

No segundo capítulo, mergulho no universo das torcidas organizadas no Brasil, observando gerações e problemáticas relacionadas à violência, à repercussão na mídia e reação do estado, até o foco na história da União Manaus. Os relatos etnográficos dão vida à descrição da estrutura, símbolos e práticas, revelando um mosaico de expressões culturais.

Por fim, no terceiro capítulo, os estudos de gênero oferecem as lentes para entender como as masculinidades são construídas e reafirmadas no grupo, conectando essas dinâmicas a gestos, discursos e rituais observados de perto, com ênfase na performatividade diante da resistência ao clima adverso como principal componente de demonstração dessa conduta.

Concluo que o pacto de não-violência adotado pela União Manaus, ainda que sujeito a controvérsias, constitui um elemento central de sua identidade, marcado pela rejeição ao estigma histórico associado às torcidas organizadas. O grupo privilegia a manifestação de apoio incondicional ao Manaus por meio de performances intensas, sobretudo em condições

climáticas adversas. Tal postura evidencia uma conexão com um perfil de masculinidade que associa honra à resistência física e emocional, fator que gerou um mal súbito em um dos meus principais interlocutores durante o campo.

## **CAPÍTULO I - DO *FOOTBALL* PARA O MAIOR CAMPEONATO DE PELADAS DO MUNDO**

Ninguém torce sozinho. E mais, ninguém torce a favor de um time sem se contorcer por outros. E essa seria a outra face da identidade, a produção das diferenças, desapossamento dos outros, nomeados de várias maneiras (oponentes e inimigos que recebem toda carga de categorias jocosas de acusação que grassam entre torcedores: porcos, bambis, galinhas etc.) que, num regime competitivo como os esportes, suportam relações conflitivas de toda ordem. Não é à toa que o futebol nasce nas sociedades competitivas modernas, espacializadas na forma segmentada das cidades e metrópoles (Toledo, 2010, p. 184).

Impera nas intermináveis discussões entre torcedores de futebol no Brasil a busca por se provar o valor do próprio time como superior ao do rival em questão, criando-se um arcabouço de fatos, estimativas e projeções quase sempre regadas à passionalidade que é peculiar aos amantes do esporte. O melhor time pode ser aquele que mais acumula troféus, ou o que mais atrai torcedores aos estádios, ou mesmo o que realizou as maiores façanhas... A rigor, tentar definir qual é o melhor é uma prática mais restrita à sociabilidade torcedora, infinita por reunir as mais distintas razões e, principalmente, emoções.

Na convergência desses discursos inseridos na potência do torcer (TOLEDO, 2010), há um acirramento entre os times reconhecidamente tradicionais do ponto de vista das torcidas e das conquistas, essencialmente aqueles que frequentam a elite do futebol nacional. O Palmeiras é maior detentor de títulos do Campeonato Brasileiro (12), o São Paulo é quem mais conquistou mundiais de clubes reconhecidos pela FIFA (3), o Flamengo tem a fama de reunir o maior número de torcedores, o que também se atribui ao Corinthians, e por aí vai.

Nesse raciocínio, em algumas prateleiras abaixo estão os destaques regionais. Times do estado do Paraná, da Bahia, de Pernambuco, Santa Catarina, Ceará, entre outros, acumulam conquistas estaduais e eventualmente reivindicam seus lugares na elite brasileira do esporte. Levam média significativa de torcedores aos estádios, ocupam os espaços urbanos com suas camisas e pautam noticiários locais como agenda importante e recorrente, chegando à atenção da mídia nacional ocasionalmente, a depender da façanha dentro da competição.

Nessa estrutura de histórico de desempenho e valor cultivado pelos amantes dos clubes, o futebol no Amazonas ocupa um lugar peculiar. Não pela admiração que muitos dos adeptos têm a esses times que buscam o topo, mas pela condição histórica dos clubes com origem no próprio estado e seus amantes. Alcançar as vitórias e os títulos locais, conquistar

agenda de jogos em competições nacionais e pleitear a atenção da mídia configura, antes de tudo, um circuito de sobrevivência. Vencer para não cair no ostracismo.

Independente da região, os mais atentos à representatividade dos estados nas competições nacionais ao longo dos anos sabem que os centenários Nacional e Rio Negro promovem o mais conhecido embate futebolístico do estado. O primeiro (43) e o segundo (16) em títulos estaduais, respectivamente. Destacadamente, o São Raimundo também tem esse reconhecimento por ser o primeiro time amazonense a conquistar o acesso direto em uma divisão nacional, da Série C para a B, em 1999. Só em 2023 o recém-criado Amazonas Futebol Clube conquistou o primeiro título nacional para o estado, o da Série C.

Evidentemente, o prestígio de uma conquista relevante é apenas um dos aspectos que podem ou não mover paixões, debates, promover ou fomentar a cultura do futebol, fazer com que apaixonados pelos vencedores reivindicuem seus lugares entre os melhores. No caso desta pesquisa, importa entender também alguns aspectos históricos que influenciaram e influenciam diretamente no futebol amazonense, estabelecendo as condições para que exista sentido cultivar interesse em prestigiar um time local.

Compreendendo as diferentes possibilidades práticas do futebol e as matrizes futebolísticas propostas por Damo (2005)<sup>1</sup>, proponho, como ponto de partida, uma reflexão a partir de registros do contexto amazonense ao longo do século XX e XXI, em paralelo a eventos socioeconômicos e políticos no estado e ao desenvolvimento organizacional e profissionalização da prática no Brasil, tendo como eixo principal os estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

A princípio, percorro uma narrativa com ênfase na matriz espetacularizada desse esporte, com ênfase, em primeiro momento, na busca pelo entendimento à divisão social promovida a partir de uma prática que obedece rigorosamente a regras constituídas, ganha resoluções em clubes, estabelece ligas, promove tensões entre classes sociais, atrai admiradores e reconhece as agências destes, tudo dentro de um circuito que interliga o futebol praticado na região ao Brasil e ao mundo.

---

<sup>1</sup> Sabe-se que o futebol é um esporte praticado com os pés, tendo como objetivo, na grande maioria das possibilidades previstas em sua estrutura regulamentada, fazer com que uma bola chegue até uma meta em campo adversário. Com esse princípio, Arlei Damo estabeleceu quatro matrizes que correspondem a maneiras práticas do esporte: espetacularizada, bricolada, comunitária e escolar.

Não muito distante do espetáculo, em se tratando do fenômeno em Manaus, mas essencialmente conectado à matriz comunitária, o Peladão, tradicional campeonato amador da cidade, é objeto de análise ao final deste capítulo. Nele, veremos como uma das possibilidades práticas futebolísticas fora de uma matriz hegemônica pode se desenvolver enquanto potência popular e constituir uma forma de identidade regional.

### **1.1 - Pontapé inicial: origens em uma Manaus em transformação**

E como nasce o torcer no maior território brasileiro em extensão? Uma pergunta desafiadora, dada a diversidade étnica, cultural e geográfica do estado do Amazonas, unidade da federação que concentra a maior parte do território amazônico. E esse é apenas o cenário geográfico. O tempo e as construções em torno desse torcer demandam interpretações que merecem reflexões à parte na soma desse esforço.

No âmbito desportivo, a história deixa pontas soltas em relação às possíveis origens das diferentes modalidades pelo mundo, sendo os ingleses quase sempre mencionados como responsáveis por organizar as práticas e dar a elas regras que convencionaram alçá-las ao status de modernas. Nas relações coloniais e imperialistas com territórios do sul global, eles se tornam responsáveis pela propagação dessas práticas com ajuda de operários ou descendentes importadores (DUNNING e ELIAS, 1992).

Um deles, o paulista Charles Miller ganhou a fama de ser o pioneiro a promover, ainda no fim do século XIX, o *rugby* e o *football* em território brasileiro, que pela dimensão vai ganhar diferentes responsáveis pela adoção do esporte em cada estado (FRANZINI, 2009). No Amazonas, os registros atestam introdução semelhante no início do século XX, período de crescimento demográfico acentuado e intenso processo de urbanização da capital Manaus, motivados pelo primeiro ciclo econômico da extração da borracha. De 57.610 habitantes em 1872, a população do estado passou para 249.756 em 1900 (LOUREIRO, 1981; IBGE).

O contexto manauara da virada do século reuniu aspectos comuns a outras cidades de um recente regime político republicano estabelecido, somado a especificidades de uma cidade acessível apenas pelo rio, em contexto de forte presença indígena e ribeirinha, mas ocupada por uma elite formada por brasileiros e estrangeiros. Essa elite foi responsável por

instituir o imaginário da *Belle Époque*<sup>2</sup> manauara, introduzindo costumes e regras, assimiladas pelo estado, com o intuito de preservar propriedades, ditar costumes e, essencialmente, promover signos relacionados ao que era entendido como progresso na urbanização do espaço (SANTOS JÚNIOR, 2007).

Influenciada pela ampliação das navegações, os efeitos econômicos da exploração da borracha e pela migração nordestina (MESQUITA, 2006), Manaus vivia uma intensa transformação da paisagem e dos costumes. Empreendimentos em construção, entre eles o icônico Teatro Amazonas, simbolizavam uma cidade onde circulavam barões e operários, sejam estes amazonenses, imigrantes de outras regiões do Brasil, em busca de melhor qualidade de vida, sejam operários estrangeiros, funcionários de empresas de serviços urbanos.

O mesmo espaço de circulação e convivência das elites era também o de movimento de populares, muitas vezes prestando serviços, trabalhando e morando ocultamente ou de improviso, lócus de tensões entre segmentos sociais e autoridades (Santos Júnior, 2007, p. 3).

Parte ainda não muito explorada desse momento é a introdução dos esportes na agenda de Manaus, tanto do ponto de vista da prática quanto do entretenimento. Na Europa e posteriormente no Brasil, os desportos ocuparam um espaço dentro das atividades entendidas como modernas no interior de uma cultura urbana, onde o cuidado com o corpo e a busca pelas melhores condições de saúde contemplavam esse projeto de civilidade, muito característico do contexto nacional na virada do século.

Enquanto práticas mais restritas aos clubes e colônias inglesas, esportes como críquete, tiro ao alvo, turfe e regatas foram praticados em espaços privados e públicos, atraindo nestes últimos a atenção de curiosos (VIEIRA NETO, 2017). No caso do futebol o efeito foi particularmente semelhante. Tal como a introdução em outros estados do Brasil, o esporte bretão teve início no Amazonas em clubes fechados. No dia 1º de setembro de 1898, o Jornal do Commercio publicou a seguinte nota:

#### **Secção esportiva**

---

<sup>2</sup> Período cujo nome faz referência à expressão francesa contemporânea. Enquanto a Belle Époque europeia diz respeito, sobretudo, a transformações culturais da passagem do Século XIX para o XX, no Brasil, a modernização se deu principalmente com a mudança estrutural urbana, a exemplo de Manaus, beneficiada pela riqueza gerada a partir do ciclo econômico da borracha. A inspiração do estilo arquitetônico, da moda e da arte influenciaram diretamente o estilo de vida da elite manauara.

Consta-nos que a directoria do Sport Club Amazonense, trata activamente d'um projecto de estabelecimento de um jogo de bola, ao lado do edificio em que funciona. Boa idéa que se traduz por mais util e hygienica diversão com que a distincta sociedade vae dotar Manáos.

O registro, resgatado pelo historiador Gaspar Vieira Neto (2017) na obra 'Memória do Esporte Bretão Caboclo', é o primeiro em alusão ao futebol que se tem em um veículo na cidade de Manaus, visto que o termo "jogo de bola" é posteriormente utilizado na identificação do esporte com notáveis características do então chamado 'foot-ball' pelos noticiários amazonenses. Ainda segundo a pesquisa de Vieira Neto, o jornal Quo Vadis, de Manaus, publicou no dia 15 de março de 1903 um anúncio de um jogo de futebol entre os ingleses no bairro da Cachoeirinha, na Praça Floriano Peixoto.

A prática do novo esporte em espaços públicos era iniciativa de ingleses, sobretudo trabalhadores das companhias instaladas na cidade com a responsabilidade de prover infraestrutura moderna para a época, mas o testemunho de amazonenses curiosos e a facilidade de reprodução do jogo surgem como principais hipóteses para a rápida disseminação na capital amazonense. E em se tratando de um período em que qualquer atividade de rua que não estivesse atrelada ao trabalho gerava suspeita e alerta para as autoridades, a prática "higiênica" logo caiu num contexto de ambiguidade.

Em todo o período pesquisado os periódicos noticiam reclamações contra grupos de meninos que se reúnem diariamente nas praças e ruas do centro da cidade para jogarem futebol, atrapalhando o trânsito e incomodando os transeuntes. A falta de espaços específicos para o lazer levava as crianças, não só elas, mas também os adultos, a transformarem esses lugares em campo de futebol. A falta de bola apropriada não era obstáculo para esse divertimento, para substituí-la faziam uso dos caroços de tucumãs, que não lhes custava nada. Disse-nos ontem, um distinto cavalheiro, que algumas praças e ruas estão transformadas em campo de "foot-ball". O molecorio não tem o dinheiro preciso para adquirir bolas adequadas. Mas numa terra fértil como esta, isto é uma questão secundária: os tucumãs ali estão. Jogam todas as tardes, prejudicando a passagem de quem tem o que fazer (Pessoa, 2010, p. 163).

A novidade estava posta, nos moldes da observação de Norbert Elias e Eric Dunning (1992), num tempo e contexto onde talvez fizesse mais sentido formular a pergunta: o que faria um grupo considerável de pessoas reunirem-se para praticar ou apreciar uma atividade competitiva como o futebol? No século XX, esse esporte já vinha em estado avançado de influência cultural na vida dos ingleses, com times ampliando o número de adeptos e regimento bem estabelecido, embora em constante adaptação com o passar do tempo.

Como prática de liberação das tensões em meio a notória desigualdade social, o futebol era praticado nas ruas, integrando ao que Damo (2005) identifica como matriz

bricolada, e nos clubes, estes num lento processo de adaptação ao modo inglês de organização, primeiro por via da constituição de times e, em seguida, na promoção de partidas e criação de torneios. Estes com um princípio de exclusão, visto que só jogavam os associados adimplentes.

Esse fenômeno era semelhante no Rio de Janeiro e em São Paulo, conforme constata Franzini (2009).

A partir de fins da década de 1900, os introdutores do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro assumiram-se também como representantes oficiais do jogo. Legítimos detentores tanto do direito de praticá-lo quanto do direito de regularizá-lo e regulamentá-lo, o que passaram a fazer por meio das ligas que reuniam os principais clubes em ambas as cidades. Daí por diante, foram várias as medidas adotadas no sentido de filtrar, ou impedir, o acesso de jogadores e equipes de origem popular aos campeonatos disputados pelos quadros da elite, como Fluminense ou o Paulistano (Franzini, 2009, p. 122).

Em 1906 surgiu o Racing Club Amazonense, o primeiro dedicado à prática do futebol, com a predominância de ingleses (Vieira Neto, 2017). Dois anos depois, nasceu o primeiro campeão amazonense - no caso, bicampeão - das primeiras edições oficiais, em 1914 e 1915, o Manaus Athletic Club. O primeiro vencedor estadual era formado por atletas como Bilet, Hore, Durns, Ketnor, Wright, Baird, Thomaz, Burton, Burnett, Forbes e Preece. Todos ingleses ou descendentes diretos de ingleses, a maioria funcionários de empresas de serviços na cidade em construção.

**Figura 1 - Jogadores do Manaus Athletic, primeiro time campeão amazonense**



Fonte: Anuário do Manaós, em VIEIRA NETO (2017)

Paralelamente ao declínio do primeiro ciclo econômico da exploração da borracha, ao longo da segunda década do Século XX, os donos e sócios estrangeiros desses times retornaram ao país de origem, deixando como legado o esporte e as praças esportivas, como o Bosque Municipal, propriedade do Manaus e local de disputa dos primeiros torneios em Manaus. Começava, assim, a hegemonia do Nacional Futebol Clube, fundado em 1913 e campeão por cinco vezes consecutivas a partir da terceira edição do Campeonato Amazonense.

A essa altura, conforme os registros permitem constatar, reuniam-se em cadeiras improvisadas na lateral do campo as chamadas assistências, grupo de espectadores interessados no esporte, com preferência por algum dos times e que manifestava algum tipo de apoio a estes. As assistências são o que viriam a se tornar as torcidas, em alusão às mulheres que torciam as luvas em movimento de apreensão durante os jogos (RIBEIRO, 2000; RODRIGUES FILHO, 2003), no período em que o futebol se consolidava no Brasil.

“No que tange às sociabilidades por meio do esporte, certamente, o futebol foi a prática mais democrática e de maior capacidade para reunir pessoas das mais diversas origens e classes sociais. As notas esportivas narravam as partidas sempre como eventos animados e concorridos, como podemos observar por meio do jornal União Portuguesa, que, ao descrever uma partida no campo do Luzo Sporting Club, definiu o evento como um “magnífico festival sportivo”. Pela descrição em nota, o evento foi um sucesso, o campo estava totalmente cheio de grupos de torcedores entusiasmados por todo canto, e ao entrarem em campo pontualmente às quatorze horas, os times do Luzo e do Manáos Athletic foram recebidos sob frenéticos aplausos da assistência e dos acordes da banda de música do Luzo Sporting Club, que, postada nas arquibancadas, executou trechos de seu repertório durante toda a partida” (Porto, 2016, p. 149).

Conforme pesquisa de Gaspar Vieira Neto (2017), é possível afirmar que, na primeira década de futebol em Manaus, os assentos laterais ao campo do Bosque Municipal eram notadamente ocupados por associados dos clubes, trajados à moda da elite na época. As mulheres, identificadas nos noticiários como “admiradoras”, representavam presença significativa. Constituíam-se um novo espaço de sociabilidade para além das praças - que também passariam a receber jogos de futebol -, do teatro e do porto.

Os códigos de boas práticas e comportamentos importantes da época exerciam forte influência nos espaços de jogos, contrastando com eventuais palavrões e xingamentos, reprovados pelo público e nas notas publicadas em jornais (Vieira Neto, 2017). As tensões provocadas pelas disputas causavam, dentro e fora de campo, conflitos de conduta entre o que se esperava da sociedade manauara e as expressões de euforia a partir da dinâmica dos jogos.

Mas acontecia também de muitas vezes alguns membros da torcida exagerarem em seus modos, proferindo palavrões e xingamentos, o que era uma atitude reprovável por parte dos atletas, da imprensa e do público em geral, principalmente por parte das damas e cavalheiros. Era comum os jornais tecerem comentários nada agradáveis sobre a atitude desses moços que como bem lembrava o informativo pertenciam à famílias de destaque da cidade, além de estudarem nos melhores estabelecimentos e terem uma educação requintada, mas quando estavam reunidos em um determinado jogo, perdiam toda a sua postura, ameaçando linchar e proferindo palavras de baixo calão aos jogadores e juiz (Vieira Neto, 2017, p. 452).

Essa sociabilidade criada a partir dos jogos ganhava escala para além do momento de competição. Isso porque o Bosque Municipal era o principal campo onde ocorriam as partidas. O deslocamento da área portuária e residencial da cidade na época para o local exigia um percurso com duas linhas de bondes diferentes para chegar à chamada região de Flores, atual zona Centro-Sul da cidade (VIEIRA NETO, 2007). Dessa forma, jogadores e espectadores ocupavam de maneira crescente os lugares do transporte coletivo.

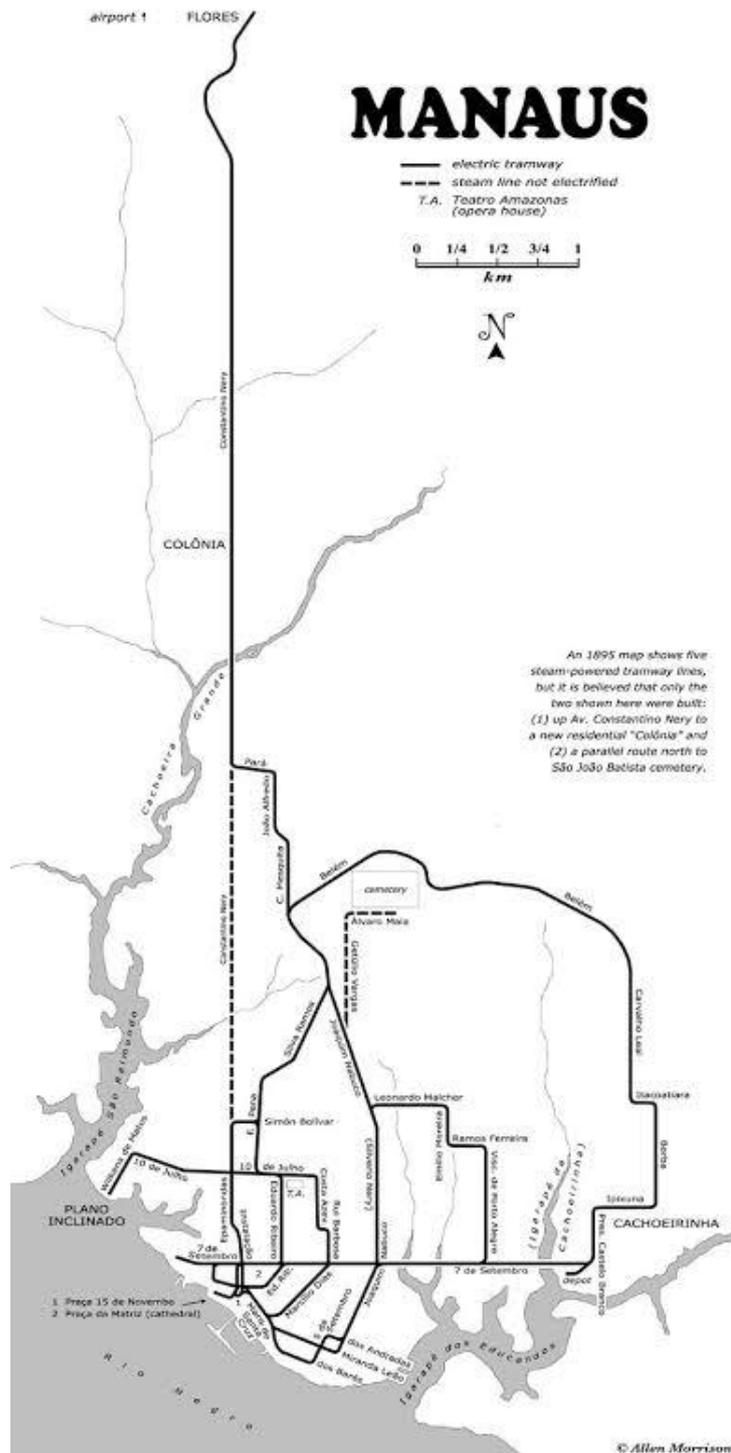
**Figura 2 - Entrada do Bosque Municipal, bairro Flores, no início do século XX**



Fonte: VIEIRA NETO (2017, p. 472)

O trajeto para os jogos ganha por si uma peculiaridade e passa a ser um componente da experiência futebolística recém-estabelecida na cidade, porque além do destino, ganhava relevância as condições de acesso ao espetáculo, a demanda por mais bondes em dias de jogos, os pedidos por redução da tarifa de dois trechos, em razão do segundo bonde percorrer uma curta distância, além do clima de expectativa pré-jogo ou euforia pós-jogo (VIEIRA NETO, 2017).

Figura 3 - Mapa da rede do sistema de transporte por bonde em Manaus



Fonte: Disponível no link: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Bonde\\_de\\_Manauas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bonde_de_Manauas). Acesso em 12 de novembro de 2024.

Ainda que o futebol fosse estabelecido e praticado num contexto altamente excludente, onde os dirigentes também eram atletas e fiadores dos clubes, a novidade atraiu interessados de diferentes classes sociais. Seja na liga oficial, nas praças do Centro ou no

distante Bosque Municipal, a assistência ganhou o reforço dos trabalhadores entre interessados na prática.

As classes populares também se faziam presentes às partidas, embora os jornais mencionem algumas vezes a presença dos mesmos. Morando em cortiços na área central ou em bairros afastados como São Raimundo, Mocó, Constantinópolis, Cachoeirinha, Colônia Oliveira Machado e Praça 14 e, sendo em sua maioria caboclos, negros e tapuias essa população também simpatizava com o futebol chegando também a formar times provisórios e realizar animadas partidas em campos improvisados em seus próprios bairros. Os mesmos, quando estavam com condições de pagar passagens de bondes rumo ao Bosque, não perdiam a oportunidade de acompanhar os principais jogos. Se não tivessem condições para pagar a passagem, o jeito era encarar uma longa caminhada até o local (Vieira Neto, 2017, p. 457).

Os registros permitem compreender que o futebol se tornou uma agenda importante para a sociedade manauara no início do século XX, com semelhanças ao que se observava em outras regiões no mesmo período. A condição geográfica de Manaus, acessível apenas pelo Rio Amazonas, sem acesso por estradas e num contexto mais isolado que as demais capitais, não impediu a cidade de viver a implementação da nova prática e observar o fenômeno do gosto popular se expandir.

A consolidação impulsionou o surgimento de novos clubes, muitos deles oriundos de colônias de migrantes internacionais.

Como exemplo os portugueses, que continuaram dando origem a outras equipes como a União Sportiva (1915), Benfica (1915), Leixões (1916), Lusíadas (1918), Portuense (1919), Bragança (1919), Poveiro (1919), Luso Brasileiro (1920) e Sport Club Portugal (1920). Os italianos, que fundaram o Sportivo Italiano (1918) e o Lega Foot Ball Club (1918). Os espanhóis que originaram a União Espanhola (1918). (Vieira Neto, 2017, p. 308).

**Tabela 1 - Clubes com times de futebol masculino no Amazonas, organizados por título, ano de fundação, cidade e status**

<b>Clube</b>	<b>Títulos estaduais</b>	<b>Ano de fundação</b>	<b>Cidade</b>	<b>Status</b>
Nacional Futebol Clube	43	1913	Manaus	Ativo
Atlético Rio Negro Clube	16	1913	Manaus	Ativo
Nacional Fast Clube	7	1930	Manaus	Ativo
São Raimundo Esporte Clube	7	1918	Manaus	Ativo
América Futebol Clube	6	1939	Manaus	Ativo
Manaus Futebol Clube	6	2013	Manaus	Ativo
Olimpico Clube	3	1938	Manaus	Extinto

Penarol Atlético Clube	3	1947	Itacoatiara	Ativo
Auto Esporte Clube	2	1950	Manaus	Extinto
Cruzeiro do Sul Futebol Clube	2	1926	Manaus	Extinto
Manaos Athletic Club	2	1908	Manaus	Extinto
Sul América Esporte Clube	2	1932	Manaus	Ativo
União Esportiva Portuguesa	2	1915	Manaus	Extinto
Amazonas Futebol Clube	1	2019	Manaus	Ativo
Grêmio Atlético Coariense	1	1977	Coari	Ativo
Holanda Esporte Clube	1	2007	Rio Preto da Eva	Extinto
Manaos Sporting Club	1	1913	Manaus	Extinto
Princesa do Solimões E.C.	1	1971	Manacapuru	Ativo
Associação Atlético Rodoviária	1	1960	Manaus	Extinto
Santos Futebol Clube	1	1952	Manaus	Extinto
Esporte Clube Iranduba da Amazônia	0	2011	Iranduba	Ativo
Libermorro Futebol Clube	0	1947	Manaus	Ativo
Atlético Clipper Clube	0	1952	Manaus	Ativo
CDC Manicoré	0	2007	Manicoré	Ativo
Manauara Esporte Clube	0	2021	Manaus	Ativo
JC Futebol Clube	0	2017	Itacoatiara	Ativo
Esporte Clube Tarumã	0	1974	Manaus	Ativo
Unidos do Alvorada Esporte Clube	0	1995	Manaus	Ativo
Clube Nacional Borbense	0	1989	Borba	Ativo
Parintins Futebol Clube	0	2021	Parintins	Ativo
Operário Esporte Clube	0	1982	Manacapuru	Ativo
Sete Futebol Clube SAF	0	2022	Manaus	Ativo

Fonte: Site da Federação Amazonense de Futebol (FAF) e Zamith (2009).

Vieira Neto (2017) destaca ainda a criação do Euterpe Football Club, fundado em 7 de agosto de 1919 pelo carteiro Benedito de Mello Peixoto. Tinha como determinação em estatuto a participação apenas de negros como sócios e jogadores, feito apontado como

pioneiro em todo o Brasil<sup>3</sup>. O clube usava as cores verde e branca e adotou o nome supostamente em alusão a euterpe oleracea, nome científico do açaí. Participou do Campeonato Amazonense de 1920, sem bons resultados em campo, e foi considerado extinto em 1930.

**Figura 4 - Jogadores do Euterpe Football Club**



Fonte: Baú Velho (ZAMITH, ed. 1999)

Enquanto agremiações e ligas já estabelecidas mediavam a participação das classes populares, trabalhadores e negros, novos clubes formados por nativos e migrantes surgiam com o propósito influenciado pelas tensões sociais do período de rápida consolidação do futebol em cenário nacional. O Clube de Regatas Vasco da Gama é um dos notórios pioneiros nesse sentido, ao ser a primeira agremiação carioca a contar com um presidente negro: Cândido José de Araújo (GUTERMAN, 2010).

Mais tarde, em 1923, se consagraria campeão carioca com atletas trabalhadores e negros, superando times formados por estudantes ricos da elite local. O triunfo vascaíno estava na inovadora rotina de treinos, além da remuneração dos atletas, medida ainda pontual e em volta de controvérsias no período, sendo proibida por algumas ligas. O termo “amadorismo

---

<sup>3</sup> Disponível em link: <https://observatorioracialfutebol.com.br/ha-100-anos-euterpe-football-club-quebrou-barreira-racial-no-esporte/>. Acessado em 2 de junho de 2024.

marrom” passou a ser usado para caracterizar esse período de grande pressão por uma modernização da modalidade (GUTERMAN, 2010; SOUZA, 2016).

Já nas décadas de 1910 e 1920, equipes vinculadas a empresas, como o Bangu, se utilizavam do recurso de beneficiar funcionários para que mantivessem a rotina de atleta, como redução de horário e carga de trabalho (GUTERMAN, 2010), contrariando a filosofia de clubes que optavam pela prática recreativa sem vistas ao alto rendimento. Como veremos a seguir, essa pressão ganhará contornos políticos, gerando embates entre dirigentes e motivando a regulamentação do ofício de jogador de futebol como trabalho previsto na legislação brasileira.

Enquanto experimentou mudanças estruturais financiadas pela exploração e venda da borracha, Manaus, uma cidade com pretensão cosmopolita e com alto fluxo de embarcações viu o futebol nascer como prática promovida por clubes, gerando interesse e também sendo reproduzida de maneira improvisada nas camadas populares. Guardadas as devidas proporções, havia um certo alinhamento temporal com a disseminação e organização de clubes e agenda de jogos em outros estados, inclusive São Paulo e Rio de Janeiro.

Contudo, carecem informações acerca do desenrolar da prática e a discussão em torno da emergência de uma profissionalização na cidade, como ocorria em outros centros. Por hipótese, o declínio econômico após o fim do primeiro grande ciclo comercial da região no século, logo na década de realização das primeiras edições do campeonato estadual, surge como fator para dificultar iniciativas nesse sentido.

Não obstante, a capital amazonense reunia fãs do esporte que não apenas demonstravam a paixão pelo futebol, mas também estabeleciam noções em torno das diferenças entre o futebol praticado no Amazonas e em outras regiões. Isso é possível constatar em um dos levantamentos de Vieira Neto (2017). Um leitor do jornal O Tempo teve carta publicada em 14 de outubro de 1913, na qual analisou a conjuntura futebolística.

Echos Sortivos

Foot-Ball

Recebemos, hontem a seguinte carta: Manáos – Exm. Sr. Redactor d’O Tempo

Li com algum entusiasmo a noticia inserta sobre um “match” de foot-ball entre os valorosos “players” do “Manáos Athletic Club” (inglezes) e um “scratch-team” dos destemidos “players” dos sympathicos “Onze Nacional” e “Manáos Sporting” (brazileiros). Sou, Sr. Redactor, um adepto fervoroso d’O Tempo, porque vejo que, os que moirejam nessa honrada redação, são moços que muito demonstram se interessar pela nossa cultura physica, pena é que a mocidade desta bella Manáos, não tenha este amor proprio, por tudo que se diz de sport como tem a dos grandes centros. Em Manáos como no Rio de Janeiro, bem podiamos possuir alguns “teams” de foot-ball

de valor, não para vencer “teams” de mundial fama, como no Rio os nossos distintos patricios acabam de o fazer, vencendo os portugueses, ingleses e chilenos, mas para nos proporcionar bellos matchs aos domingos, deste lindo sport britanico, tão aplaudido em todo o mundo civilisado. Os nosso foot-ballers deviam imitar os valorosos patricios que tão brilhantemente souberam vencer no Rio o “team Corinthians”, campeão do mundo, formando entre nós “teams” verdadeiramente homogeneos, mas infelizmente no norte do Brazil, é sport o que menos preocupa a mocidade. Actualmente temos aqui um grupos de rapazes que bem merece o conforto do vosso apoio, refiro-me aos sympathicos “players” do “Onze Nacional”, que com a sua invejada união formaram um “team” digno delles e, que com alguma vantagem, já conseguiram num só “match” vazar por 3 vezes o “goal” dos admiraveis “players” ingleses. Para terminar Sr. Redactor, peço-vos como correligionario e admirador, que sempre nos preste o seu valioso apoio, no sentido de tornar uma realidade entre nós a “Liga Amazonense de Foot-Ball” (Vieira Neto, 2017, p. 430).

O relato do torcedor oferece uma importante perspectiva para entender como o futebol era visto por um admirador do esporte em Manaus, compreendendo que àquela altura a prática já era percebida em diferentes níveis de representatividade do ponto de vista regional. Mesmo um ano antes da primeira edição oficial do Campeonato Amazonense, um simpatizante da modalidade já estabelecia como critério de valorização o alcance às façanhas dos times do Rio de Janeiro, percebidos logo cedo como referência de desempenho e consequente interesse da massa.

## **1.2 - Bola fora: a agenda interestadual pelo Brasileiro de Seleções**

A partir do ano de 1925, o Estado do Amazonas entra em período de estagnação (LOUREIRO, 1981). Os efeitos da exploração da borracha no início do século já não influenciavam na economia e no modo de vida da população amazonense, que assistia o início de um notável processo de ocupação de terras e a chegada de empresas internacionais, que se apropriaram de terrenos para exploração de combustíveis fósseis e minerais.

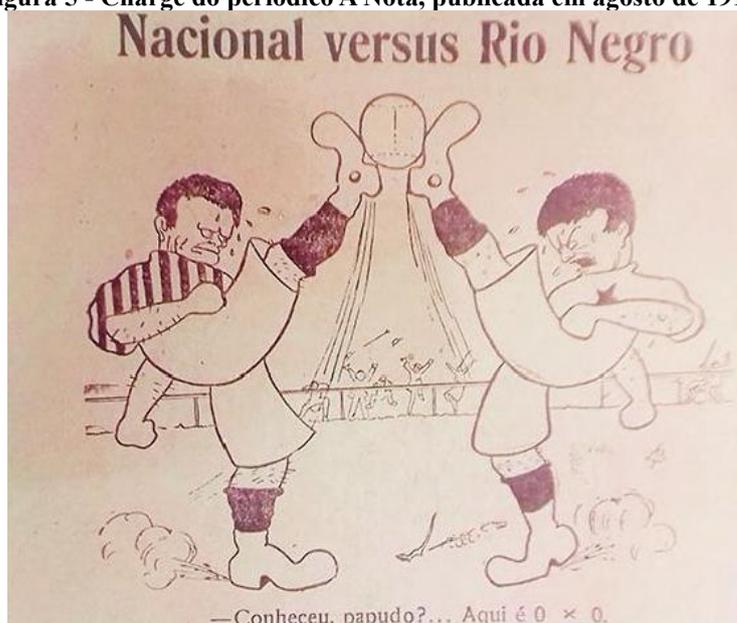
A dinâmica econômica do período tornou a região altamente dependente da importação, o que conteve o desenvolvimento estrutural urbano para dar conta da população próxima a 360 mil habitantes. Eram tempos de acentuada desigualdade e pobreza na região como um todo, que pouco ou nada foi beneficiada pela política da Era Vargas (LOUREIRO, 1981).

No futebol, não houve Campeonato Amazonense nos anos de 1924 e 1925. A primeira temporada sem a competição oficial após dez anos de realização regular coincidiu com a Rebelião de 1924 em Manaus, ato do movimento tenentista do Amazonas em conexão com outros episódios pelo Brasil e que fez parte de um cenário de disputas políticas entre as

oligarquias da época. Disputas essas que, no contexto amazonense, também tiveram como pano de fundo as circunstâncias de gestão do estado no recém-estabelecido modelo republicano (SANTOS, 2001).

O retorno da agenda oficial de jogos ocorreu apenas em 1926. Foi um “torneio extra” organizado pela então Federação Amazonense de Desportos Atlético (FADA), fundada em 1917. Participaram Nacional, Rio Negro, União Sportiva, Luso-Brasileiro e Libertador. O Rio Negro foi o vencedor da competição, fator que gera dúvida quanto ao número total de títulos estaduais oficiais do clube até a atualidade (16 ou 17).

Figura 5 - Charge do periódico A Nota, publicada em agosto de 1917



Fonte: VIEIRA NETO (2017)

Em paralelo ao hiato de competições estaduais, no ano de 1925 o Amazonas fazia sua estreia no Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais de Futebol, organizado pela então Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e disputado entre os anos de 1922 e 1962, além de uma edição em 1987. Uma competição pouco lembrada pela mídia, mas que fomentou rivalidades interestaduais e contribuiu para a projeção de grandes atletas brasileiros, como Pelé (BRAGA, 2021).

Neste período há uma escassez de referências à torcida amazonense no âmbito do futebol, mas os registros das competições permitem deduzir o nascimento da rivalidade entre Pará e Amazonas, pois o regulamento do campeonato previa confrontos regionais no início e as seleções desses estados foram as que mais representaram o Norte. E, nesse aspecto, a equipe paraense obteve larga vantagem. Segundo dados da Rec.Sport.Soccer Statistics Foundation

(RSSSF), foram 17 vitórias paraenses, sendo uma por W.O, cinco triunfos amazonenses e um empate.

Alguns fatores dificultavam a participação competitiva da seleção do Amazonas neste torneio, em especial o econômico, mas também o logístico. Na edição de 1935, por exemplo, a derrota por W.O para o Pará ocorreu porque “a delegação amazonense não conseguiu ir a Belém devido a uma greve dos marítimos que paralisou o transporte entre as duas capitais” (BRAGA, 2021). Até 1941, os confrontos do grupo do Norte na competição ocorriam todos em Belém, o que permitia a seleção paraense contar sempre com o apoio da torcida.

No ano seguinte, quando o Amazonas enfim jogou em Manaus, saiu vitorioso diante dos paraenses pelo placar de 2 a 0. Finalmente na condição de visitante, a seleção do Pará deixou o gramado antes do fim da partida, em protesto contra as decisões da arbitragem. A festa da primeira vitória sobre os rivais, contudo, foi interrompida pela desistência em disputar a fase seguinte, contra a seleção cearense. O motivo foi por “dificuldades em programar a viagem por via fluvial e marítima” até Fortaleza (BRAGA, 2021).

Ao longo dos anos a seleção do Amazonas se tornou mais competitiva, equilibrou o confronto contra os paraenses e somou vitórias contra as estreantes Rio Branco (atual Estado de Roraima), Guaporé (depois Estado de Rondônia) e Acre. No balanço final da competição, foram 25 vitórias, 24 derrotas - duas por W.O - e um empate. A melhor campanha ocorreu em 1952, quando o Amazonas avançou para a segunda fase e foi eliminado para o Mato Grosso, em duelo equilibrado.

É importante situar que, ao longo do período em que o campeonato de seleções movimentava a agenda interestadual, o futebol brasileiro como um todo passava por muitas transformações. As três primeiras edições da Copa do Mundo realizadas pela Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA) (1930, 1934 e 1938) foram de insucesso para a seleção brasileira, que só veio se organizar para uma participação mais competitiva em 1938.

Os embates entre a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), então entidade máxima do futebol e defensora do modelo amador, e a Associação Paulista de Esportes Atlético (APEA) impediram uma melhor representatividade do Brasil nas duas primeiras edições: a primeira sem atletas de São Paulo, vetados pela APEA; a segunda só com atletas considerados amadores, que não recebiam salários e, portanto, não tinham maior dedicação ao esporte.

Na política, o presidente Getúlio Vargas via no futebol um instrumento de aproximação com as massas, principalmente após o início das transmissões completas das partidas via rádio, em 1931<sup>4</sup>.

Dentro do “Programa de Reconstrução Nacional”, instituído por Vargas logo após assumir a Presidência em 1930, o 15º item, de um total de dezessete, criava o Ministério do Trabalho, e traria repercussões importantes para o futebol brasileiro. Vargas lançaria as bases para uma posterior regulamentação do futebol, em 1933. A Legislação Social Trabalhista do governo Vargas iria, entre 1930 e 1936, regulamentar um número razoável de profissões até então nunca cogitadas nesse sentido, e o futebol estava nesta lista (CALDAS, 1990: p.175) (Souza, 2016, p. 68).

Com exceção da edição isolada de 1987, todas as participações do Amazonas no Campeonato Brasileiro de Seleções ocorreram com o futebol do estado ainda no estágio do amadorismo, encerrado em 1964. Isto é, mais de 30 anos após a profissionalização do próprio campeonato. Em Pernambuco, o primeiro contrato profissional no futebol foi assinado em 1937. No vizinho Pará, a profissionalização da Liga local aconteceu em 1945 (SOUZA, 2016).

Já na década de 1940, o Campeonato Brasileiro de Seleções perdeu fôlego e deixou de ter edições anualmente, restringindo, assim, a participação do Amazonas na agenda nacional de competições oficiais. Até a última edição amadora do Campeonato Amazonense, o Nacional acumulava 18 títulos e o rival Rio Negro, nove. Fast Clube e América foram quatro vezes campeões. O primeiro vencedor e já extinto Manaós Athletic tinha dois títulos, junto com Cruzeiro do Sul, União Esportiva, Olímpico e Auto Esporte. São Raimundo, Santos e Manaós Sporting tinham apenas uma conquista àquela altura.

Na obra Baú Velho, Carlos Zamith dedica um capítulo a “Fatos e Emoções no Futebol de Manaus” (ZAMITH, 2009). Nele há somente dois tópicos datados antes da profissionalização do futebol no Amazonas: a primeira vez do Clube de Regatas Flamengo na capital, para uma série de amistosos a partir de março de 1959; e a primeira visita do Clube de Regatas Vasco da Gama em março de 1959, também para amistoso, contra o Nacional.

Embora pareça precipitado apontar objetivamente elementos que justifiquem a preferência dos amantes do futebol no Amazonas por esses dois clubes do Rio de Janeiro, não deixa de ser simbólico ter estes dois fatos como primeiros registros memoráveis em se tratando

---

<sup>4</sup> Em 1934, o jornalista Lourival Fontes foi o chefe da delegação brasileira na Copa do Mundo e nomeado chefe do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural do Governo Vargas, cargo que exerceu por oito anos (GUTERMAN, 2010).

da prática desse esporte no estado. Segundo Zamith, o amistoso do Flamengo contra o Fast Clube ocorreu em 30 de março de 1950 e “movimentou o torcedor na intensa procura de ingresso. O jogo foi numa quarta-feira à tarde no Parque Amazonense de reduzida acomodação. O comércio fechou às 15h”. O placar foi 6 a 1 para os rubro-negros.

Já em 28 de março de 1959, o Vasco da Gama jogou amistoso contra o Nacional usando o time B, pois os titulares estavam em excursão pela Colômbia (ZAMITH, 2009). O placar foi 7 a 0 para os cruzmaltinos, no Parque Amazonense “apinhado de gente”. A equipe de Manaus sequer era a atual campeã local e jogou com atletas emprestados de outros clubes.

**Figura 6 - Registro de uma partida com grande público no Parque Amazonense**



Fonte: Baú Velho (ZAMITH, ed. 1999)

Em resumo, a jornada futebolística do Amazonas em meio século a partir da primeira competição oficial (1914) foi marcada por limitações econômicas e logísticas que dificultaram ou prejudicaram a participação em competições nacionais, ainda que o esporte tenha caído no gosto de parte significativa da população, seja na prática em si, no testemunho aos jogos das competições oficiais locais ou de clubes onde atuavam os principais atletas do país, através dos veículos de comunicação.

A profissionalização tardia foi um dos fatores que atrasou a participação de clubes do estado na Taça Brasil, competição nacional criada em 1959. Ela dedicava vagas à Copa Libertadores da América aos dois primeiros colocados e depois viria a se transformar no Campeonato Brasileiro de Futebol que vigora até os dias de hoje. Portanto, só em 1964, na quinta edição, o Amazonas viria a ser representado, na ocasião pelo Nacional.

Nesse hiato amazonense em agendas oficiais integradas ao futebol no contexto interestadual, destaca-se, em 1956, a fundação da Associação dos Cronistas e Locutores Esportivos do Amazonas (ACLEA). Em meu trabalho final de graduação no curso de

Comunicação Social - Jornalismo, entrevistei Carlos Zamith, um dos fundadores da ACLEA, que ressaltou a importância dessa associação com um trabalho coordenado para estimular a valorização do futebol do estado nas rádios e páginas dos noticiários.

Com os esforços dos integrantes da Aclea, na esteira da profissionalização e da instalação da Zona Franca de Manaus, em paralelo ao início do regime militar brasileiro, a década de 1960 reservara transformações importantes para o futebol amazonense. Com o reconhecimento da Federação Amazonense de Futebol (FAF) em 1967, os dirigentes passaram a investir em grandes eventos e os principais clubes, Nacional e Rio Negro, teriam nos anos seguintes uma reunião de momentos inesquecíveis.

### **1.3 - Casa cheia: Zona Franca, ditadura e tempos dourados**

Um ano depois do surgimento da ACLEA, o deputado federal pelo Amazonas, Francisco Pereira da Silva, apresentou a Lei nº 3.173, que transformava a cidade de Manaus em

uma zona franca para no armazenamento ou depósito, guarda, conservação, beneficiamento e retirada de mercadorias, artigos e produtos de qualquer natureza, provenientes do estrangeiro e destinadas tanto ao consumo interno da Amazônia como dos países interessados, limítrofes do Brasil ou que sejam banhados por águas tributárias do rio Amazonas (Lei 3.173 de 1957, art. 1º).

Essa legislação foi considerada um embrião do que viria a se tornar a Zona Franca de Manaus, por meio de Decreto de Lei nº 288 de 28 de fevereiro de 1967, assinado pelo então presidente militar Humberto Castelo Branco. A medida foi consequência da chamada "Operação Amazônia", uma série de medidas que resultou na criação de entidades como a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) e o Banco da Amazônia (Basa), com fins estratégicos e econômicos visando a ocupação da região diante do risco alegado pelos militares de ocupação estrangeira (Rey, 2019).

Assim, conforme o texto da lei, a capital do Amazonas passou a ser considerada

uma área de livre comércio de importação e exportação e de incentivos fiscais especiais, estabelecida com a finalidade de criar no interior da Amazônia um centro industrial, comercial e agropecuário dotado de condições econômicas que permitiam seu desenvolvimento em face dos fatores locais e da grande distância a que se encontram os centros consumidores de seus produtos. (Decreto-Lei nº 288 de 1967, art. 1º).

Numa década em que grande parte da população do interior do estado se voltava à capital, em razão do fim do segundo ciclo econômico da exploração da borracha, além da instalação de um grande parque industrial na cidade, o futebol brasileiro já era bicampeão mundial ao lado do Uruguai e da Itália e nunca mais ficaria atrás de outro país em número de títulos de Copa do Mundo. A maioria absoluta dos atletas que jogavam pela seleção atuava por clubes brasileiros, tendo a Taça Brasil como competição da vez (1959-1968).

Essa época ficou marcada pelo predomínio do Santos de Dorval, Coutinho, Pepe e do jovem Pelé. Um time cinco vezes campeão e duas vezes vice em oito edições disputadas. No recorte amazonense dessa época, os registros e memórias apontam destaques para o Nacional de Sula, Pretinho, Rolinha e Pepeta. Eles fizeram parte dos títulos estaduais de 1963 e 1964; 1968 e 1969. No Brasil de Pelé, o Amazonas era de Pepeta, um habilidoso ponta esquerda que foi contratado pelo Palmeiras de Ademir da Guia, Djalma Santos e Vavá.

**Figura 7 - À direita, Pepeta usa o uniforme do Nacional, aos 22 anos, em 1966. À esquerda, dois anos antes, o atleta esteve à serviço do exército quando instalado o regime militar**



Fonte: SILVA, 2009

Uma curiosidade relacionada ao contexto da época é a volta do jogador revelado pelo Nacional a terras manauaras: tal qual Pelé, Pepeta precisou cumprir serviço militar obrigatório, o que motivou o retorno. O clube paulista ainda financiou viagens ao atleta para manter o vínculo, mas ele cedeu ao assédio do Nacional para que retornasse à terra natal em

definitivo. Na ocasião do início do regime militar, em abril de 1964, Pepeta dedicou dois meses de prontidão no quartel (Silva, 2009).

É nesse período que se inicia a participação amazonense na Taça Brasil, a partir da profissionalização no estado, em 1964. O saldo lembrou o desempenho no início do Campeonato Brasileiro de Seleções: eliminações precoces para times paraenses. Na estreia, o Nacional caiu para o Paysandu e depois para o Remo no ano seguinte. Em 1966, o representante amazonense foi o Rio Negro, eliminado pelo Paysandu. Em 1967 não houve participantes amazonenses. Já no ano seguinte, na última edição do torneio, o Olímpico disputou em formato de grupo, com Paysandu e Moto Clube, ficando em último lugar.

A despeito de toda falta de sucesso no retorno à agenda nacional de competições, o contexto político e econômico em Manaus, em paralelo a profissionalização do esporte, o crescente sucesso da seleção brasileira e a consolidação de ídolos reconhecidos internacionalmente se oferecem como efeitos de potencialização do futebol como elemento cultural consolidado em terras amazonenses.

Evidentemente não se pode também descartar o peso que a agenda local de jogos tinha junto aos torcedores dos clubes. Principais estádios da época, o Parque Amazonense e a Colina recebiam torcedores em quantidade significativa nos jogos do Nacional, Rio Negro, Fast, Olímpico, Rodoviária, Sul América, São Raimundo e América. Os domingos eram de bandeiras tremulando pelas ruas e conclamação aos locais dos jogos, com entrada grátis para mulheres (Zamith, 2009).

O final dos 1960 marcaria episódios importantes nesse sentido. Em agosto de 1968, Pelé veio a Manaus pela primeira vez, como jogador do Santos, que enfrentou os times do Fast e do Nacional pelo Torneio da Amazônia, nos dias 9 e 11 de agosto, respectivamente, no estádio da Colina. Foram quase 20 mil espectadores em cada partida, ambas vencidas pelo Santos, por 3 a 0 e 2 a 1, com Pelé marcando um gol em cada jogo (Zamith, 2009).

Um ano e duas semanas depois, outro grande momento, desta vez longe de Manaus. O Nacional derrotou o paranaense Grêmio Maringá, no Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, em partida preliminar a um Brasil e Venezuela, válido pelas Eliminatórias para a Copa do Mundo de 1970. Naquele dia 24 de agosto de 1969, os torcedores cariocas viram Pepeta marcar a favor do time amazonense o único gol da partida amistosa, e Pelé balançar as redes duas vezes no jogo seguinte, na vitória da seleção brasileira por 6 a 0.

**Figura 8 - Lance do jogo entre Nacional e Grêmio Maringá, no Maracanã, em 1969**



Fonte: Baú Velho (ZAMITH, ed. 1999)

Estes dois eventos envolvendo o futebol amazonense e o jogador mais importante desse esporte não aconteceram por acaso. Ambos foram planejados e executados pelo então presidente da recém-criada Federação Amazonense de Futebol (FAF), Flaviano Limongi. O dirigente, que também foi um dos fundadores da ACLEA, atuou para incluir Manaus na agenda de partidas envolvendo grandes clubes e a própria seleção brasileira, além de fomentar maior conexão entre torcedores amazonenses e os clubes do estado.

O retorno do Nacional a Manaus após a façanha no Maracanã atraiu milhares de torcedores aos arredores do aeroporto da cidade para recepcionar os atletas, em um dos eventos mais simbólicos da história do futebol amazonense. O governador Danilo Areosa decretou dois dias de ponto facultativo. “Flamengo, Santos de Pelé e Edu, Vasco, Botafogo de Gerson, Jairzinho e Paulo César Caju. Que nada! Bom mesmo era o Nacional, o campeão do Maracanã. A homenagem era justa”, escreveu o jornalista Rosalvo Reis em crônica sobre a partida (Silva, 2009).

Durante esses eventos memoráveis, estava em curso a construção do Estádio Vivaldo Lima<sup>5</sup>, primeira praça esportiva do Estado projetada para acomodar públicos de até 40 mil pessoas. O nome do novo empreendimento não foi uma homenagem ao governador indicado

---

<sup>5</sup> Vivaldo Palma Lima nasceu na Bahia, em 1877, onde se formou farmacêutico e médico, depois mudou para Manaus. Em terras amazonenses foi vereador, deputado estadual e federal. Foi presidente do Nacional e um dos fundadores do Fast Clube.

pelo governo militar, Danilo Areosa, o que aconteceu em 12 dos 14 grandes estádios inaugurados no período. O indicado a governar o estado, por sua vez, nomeou um torneio que reunia Nacional, Fast, Rio Negro e Rodoviária, realizado em dois dias de jogos duplos, em março de 1971. A ideia da competição era celebrar o mérito do político na concepção do estádio.

Tratava-se de uma obra que não estava desconectada do contexto político nacional em apostar nas construções faraônicas diretamente associadas à paixão nacional. Entre 1965 e 1985, período da ditadura, foram inaugurados pelo Brasil outros 13 estádios públicos estaduais com capacidade para receber público semelhante ou superior (Santos e Fortes, 2021).

Além de se tratar de um movimento coordenado do período militar, em especial no governo de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), a aceleração das obras e inauguração do ‘Vivaldão’ passava também por um alinhamento entre Flaviano Limongi e o governador Danilo Areosa. A inauguração aconteceu em 5 de abril de 1970, com a construção ainda em andamento e dois jogos entre a seleção brasileira - que seria tricampeã mundial dois meses depois - e a amazonense.

**Figura 9 - Flaviano Limongi, à direita, conversa com o governador Danilo Areosa**



Fonte: Portal A Crítica

Primeiro houve um confronto entre os selecionados “B” de cada representação, brasileira e amazonense. Em seguida, após o pontapé inicial de Danilo Areosa, jogaram os times principais, com o ídolo nacional Pelé enfrentando, enfim, o ídolo local Pepeta. Melhor para Pelé, que marcou um dos quatro gols na vitória por 4 a 1. A seleção que até hoje é

considerada uma das melhores de todos os tempos foi vista de perto por 36.828 pagantes num Vivaldão ainda com cheiro de cimento (Zamith, 2009).

**Figura 10 - Imagem aérea do Vivaldão no jogo de inauguração, em 1970**



Fonte: Corrêa Lima / Acervo Eduardo Braga

Entre os presentes estavam o presidente da então Confederação Brasileira de Desportos (CBD), João Havelange, e seu convidado Stanley Rous, presidente da FIFA. Em outras palavras, Manaus reunia os principais dirigentes do futebol na época, para apreciar a melhor seleção de futebol, talvez de todos os tempos, em ocasião de inauguração de um estádio capaz de abrigar, quando totalmente concluído, 40 mil torcedores.

Eram tempos de arquibancadas lotadas em competições estaduais ou mesmo amistosos. Um ano antes da inauguração do Vivaldão, a Colina havia batido o recorde de público com 23.152 pagantes para assistir a semifinal da Taça Amazonas, entre os rivais Rio Negro e Nacional. Dias antes, o jogo entre Nacional e Fast levou 13.828 pagantes ao Parque Amazonense (Zamith, 2009). Com influência do regime político, de dirigentes e da representatividade do esporte três vezes campeão mundial, o futebol amazonense atraiu multidões.

Com um grande local para jogos, imprensa mais presente, dirigentes atuantes e presença massiva de público, os times amazonenses iniciam a década de 1970 com uma maratona de competições interestaduais e nacionais. Nos meses finais de 1970, o Fast venceu a etapa Norte do Torneio Norte-Nordeste, ficando em primeiro lugar num grupo formado por

Tuna Luso, Remo e Paysandu, do Pará; Nacional e Rio Negro também pelo Amazonas. Os jogos foram disputados no Parque Amazonense.

O Tricolor de Aço, como também é chamado, viria a ser bicampeão amazonense (1970-1971), consolidando-se como principal força local no início da década. Mas foi o Nacional quem herdou a primeira vaga do Amazonas na primeira divisão do Campeonato Brasileiro, em 1972. Até 1986, o Naça esteve na elite por 13 vezes. O Rio Negro esteve em seis edições. Já o Fast disputou três.

Foram anos em que os times amazonenses duelaram frente a frente com os principais clubes do país, beneficiados pelo interesse político do regime militar em inflar o número de participantes na maior competição em território brasileiro. "Onde a ARENA (Aliança Renovadora Nacional) vai mal, um time no Nacional"<sup>6</sup> era uma frase utilizada entre jornalistas e formadores de opinião para ironizar a inclusão deliberada de clubes de todos os estados na primeira divisão do Campeonato Brasileiro.

Foi essa conduta que influenciou, por exemplo, a criação de uma edição com 94 equipes, em 1979. Isso beneficiou os times do Amazonas, que permaneciam na elite ao evitar a zona de rebaixamento ou garantiam participação através do título estadual. Contudo, não é possível afirmar que a ARENA tinha problemas políticos no Amazonas, estado com forte presença militar por comportar fronteiras com três países.

Principal representante do Amazonas no Brasileirão, o Nacional apostou no empréstimo de jovens jogadores do campeão de 1971, o Atlético Mineiro. Atletas como Campos, Toninho Cerezo e Paulo Isidoro participaram dessa parceria antes de jogarem pela seleção brasileira. Anos mais tarde, viriam veteranos como Edu, ex-Santos, e Dadá Maravilha, entre outros craques históricos em passagens mais curtas, como Jairzinho, Reinaldo e Rivelino (Zamith, 2009).

---

<sup>6</sup> Essa lógica da época dá nome a obra do historiador carioca Daniel Araújo dos Santos: 'Onde a ARENA vai mal, um time no nacional: a criação do Campeonato Brasileiro de futebol de 1971'.

**Figura 11 - Dadá ergue a taça de campeão amazonense pelo Nacional, em 1984**



Fonte: Reprodução Portal Amazônia

A condição privilegiada de contar com elencos formados por grandes revelações do futebol brasileiro rendeu ao Nacional o hexacampeonato estadual (1976-1981). Mais tarde, seria a vez do Rio Negro alcançar o tetra (1987-1990), acirrando a rivalidade. Contudo, a crise financeira da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e o surgimento do Clube dos 13, na edição de 1987, marcou o fim do período amazonense na primeira divisão do país.

O título estadual passou a servir apenas como garantia de participação em campeonatos de divisões inferiores. Sem mais a agenda de jogos com grandes clubes e o enfraquecimento dos times locais, o futebol amazonense entrou numa profunda crise entre o fim dos anos 1980 e o início dos anos 1990, que acompanha um novo momento político do Brasil após a redemocratização e instabilidade institucional com o impeachment de Fernando Collor de Melo.

De acordo com o IBGE, Manaus passava por um intenso crescimento populacional, saindo de 314 mil habitantes em 1970 para superar 1 milhão de habitantes em 1991. A Zona Franca já consolidada era o atrativo principal, em um contexto de especulação imobiliária e invasão de terras (de Oliveira, 2017) que expunham uma capital amazonense em um cenário de extrema desigualdade social.

Por hipótese, com a federação e os clubes tão dependentes de movimentos políticos e do estado para o fomento do futebol, a falta de investimento privado evidenciou a limitação em se manter competitivo e atrativo para o público local. As indústrias que movimentavam a economia da cidade o faziam - e ainda o fazem - em razão de incentivos fiscais. Nem mesmo

o período de estádios cheios oportunizou patrocínios robustos aos clubes do Amazonas, pelo menos em médio ou longo prazo.

De certo, essa crise e estagnação futebolística coincidiu com um momento em que a violência nos estádios brasileiros passou a tomar os noticiários e ganhar a atenção dos cientistas sociais. Em Manaus, movimento semelhante é identificado na expressão de uma juventude que não está notadamente nos estádios, mas nas danceterias e na rivalidade entre bairros. Um conflito generalizado entre grupos com algum nível de organização, chamados de galeras. Esses fatores serão analisados em maior detalhe no capítulo 2.

#### **1.4 - O brilho do São Raimundo, luta por calendário e Arena da Amazônia**

Sem mais confrontos com times da elite do futebol brasileiro, sem grandes revelações ou craques veteranos e, conseqüentemente, sem o público de outrora. A despedida da primeira divisão foi um banho de água fria para os clubes do futebol amazonense, que amargaram campanhas ruins nas divisões de acesso, onde permanecem até os tempos atuais. Nem na segunda divisão os tradicionais Rio Negro e Nacional conseguiram se manter, caindo depois para a terceira.

O Campeonato Amazonense, outrora beneficiado pelo momento mais nobre dos clubes locais com maior visibilidade e fluxo de jogadores de nível competitivo diante das principais forças nacionais do futebol brasileiro, também foi profundamente afetado em razão do declínio econômico e de popularidade dos clubes, chegando ao número de apenas quatro participantes no ano de 1994, quantidade que só se compara à edição de 1938.

Vivaldão lotado para o futebol profissional só em ocasiões específicas, como nos jogos da Copa do Brasil; competição que oportunizou confrontos de amazonenses contra o Vasco da Gama em quatro edições no período; e jogos da seleção brasileira, que retornou a Manaus para amistosos contra Colômbia, Croácia e Bósnia entre 1995 e 1996. A partida contra esta terceira seleção contou com a presença do atacante Ronaldo Nazário, na época com 20 anos.

E foi nesse cenário, na segunda metade dos anos 1990, que o político e ex-dirigente do Nacional, Manoel do Carmo Chaves, o Maneca; o radialista Ivan Guimarães e o técnico Aderbal Lana se uniram para dar início a um trabalho no modesto São Raimundo, até então campeão estadual uma única vez, no já longínquo ano de 1966. O projeto composto por muitos

atletas locais, elenco montado gradualmente e sem a pressão pelo insucesso no primeiro ano, em 1996, resgatou o público e as conquistas.

O Tufão da Colina, do artilheiro amazonense Delmo, foi tricampeão amazonense (1997, 1998 e 1999), tricampeão da Copa Norte (1999, 2000 e 2001), torneio no qual ainda foi duas vezes vice-campeão (1998 e 2002), e conquistou o acesso da Série C para a B do Campeonato Brasileiro em 1999, ficando com o segundo lugar, atrás apenas do Fluminense do técnico Carlos Alberto Parreira. Manteve-se na segunda divisão até 2006, quando foi rebaixado.

**Figura 12 - Disputa de bola durante a final da Copa Norte de 2001, que valeu o tricampeonato do São Raimundo**



Foto: Reprodução Globoesporte

Foram quase dez anos de protagonismo do São Raimundo na região Norte como um todo, que conquistou ainda dois títulos estaduais no período e figurou como principal representante amazonense nas competições nacionais. Um dos feitos memoráveis do time foi a vitória por 2 a 0 sobre o São Paulo de Kaká e Rogério Ceni, na Copa do Brasil de 2003, no Vivaldão. Em São Paulo, no jogo de volta, o Tricolor Paulista venceu por 6 a 0.

Mas a reta final da primeira década do Século XX foi de novo declínio para o futebol no Amazonas, sem sucessos na modesta Série C e, depois, na Série D, criada pela CBF em 2009. O que este ano reservou de relevante para o esporte em Manaus foi a escolha da cidade

como subsede da Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil. Uma decisão contestada por jornalistas esportivos justamente pelos maus resultados e estádios vazios.

Por outro lado, o argumento em defesa da capital amazonense de 2014 como anfitriã de quatro jogos do maior evento futebolístico do mundo articulou o novo estádio em caráter multiuso, com utilidade para além do futebol, e melhorias estruturais na cidade, como a construção de monotrilho, reforma do Porto de Manaus e do Aeroporto Eduardo Gomes, embora apenas este último item foi executado em conjunto com a construção da arena (ANDRADE, 2013).

Dessa forma, o Estádio Vivaldo Lima foi demolido, dando lugar às obras para construção da Arena da Amazônia, um empreendimento que levou cinco anos para ser erguido. O Estádio da Colina, que abrigou jogos importantes do São Raimundo nos anos 1990 e 2000, também deu lugar a um novo estádio construído para ser usado como centro de treinamento das seleções que jogaram em Manaus naquele Mundial de 2014.

Também foi iniciada a construção de outro centro de treinamento, que ganhou nome em homenagem ao repórter e escritor Carlos Zamith, falecido em 2013. Em meio ao clima de preparação para Copa, os clubes de Manaus passaram a jogar em estádios de menor porte, como Roberto Simonsen, no Clube do Trabalhador do SESI, e até mesmo no local onde o Fast Clube realizava seus treinamentos, na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

Foi um período em que os clubes do interior do Amazonas tiveram mais sucesso, podendo usufruir de seus estádios tradicionais e público mais presente. Assim, o Penarol, de Itacoatiara, foi bicampeão (2010 e 2011), e o Princesa do Solimões, de Manacapuru, campeão (2013) da última edição antes da inauguração da Arena da Amazônia e dos novos estádios em Manaus.

Curiosamente, mesmo sem os maiores estádios de Manaus, aquele ano foi marcado por um aumento de público em 89,5% em relação a 2012, com média de 770 torcedores por jogo (ANDRADE, 2013). Os números foram puxados em especial pela torcida do Princesa e do Penarol, que levavam públicos consideráveis aos seus estádios nesta edição.

Neste período, o Amazonas tinha direito a duas vagas na Copa do Brasil, reservadas aos dois primeiros colocados do Campeonato Amazonense, e uma vaga direta na Série D para o vencedor estadual. A primeira competição nacional representava um aporte financeiro importante aos participantes pela participação e pelas classificações, quando ocorriam; a

segunda era a oportunidade de avançar na principal competição brasileira, com maior quantidade de jogos e almejando o acesso para divisões superiores.

Dessa maneira, o cenário era de calendários incertos, o que prejudicava a busca por patrocínios. Para um ano regular de jogos, o clube precisava conquistar o estadual para usufruir dos ganhos financeiros da Copa do Brasil, de bônus da CBF e de renda no estádio, o que ajudaria na manutenção de um time competitivo para a disputa da Série D no decorrer do ano. Para dirigentes e torcedores de times locais, um novo estádio de Copa do Mundo poderia ajudar nesse processo.

Com capacidade para 44.400 torcedores, custo superior a R\$ 600 milhões e despesas mensais de aproximadamente R\$ 1 milhão, a Arena da Amazônia foi inaugurada em 9 de março de 2014, com liberação para público apenas no anel inferior do estádio. O jogo foi entre Nacional e Remo, válido pela segunda fase da primeira edição da Copa Verde, competição regional que enquadra times do Norte e Centro-Oeste. O empate em 2 a 2 deu a classificação ao time paraense. Foram 9.875 presentes no estádio.

**Figura 13 - Jogadores se reúnem no aquecimento antes do jogo de inauguração da Arena da Amazônia**



Fonte: Bruno Tadeu (2014)

Seis dias depois, a arena padrão FIFA foi o local da final do primeiro turno do Campeonato Amazonense, entre Fast e Princesa do Solimões, que recebeu 8.073 pagantes. Ainda antes dos jogos da Copa do Mundo, foram quatro partidas da Copa do Brasil, sendo a

de maior público um confronto entre os cariocas Vasco e Resende, em 3 de abril, para 38.189 pagantes. Em 30 de abril, o Nacional recebeu o Corinthians diante de 35.773 pagantes.

Em junho, finalmente a cidade recebeu os quatro jogos da Copa do Mundo: Inglaterra x Itália, Croácia x Camarões, Portugal x Estados Unidos e Suíça x Honduras. Foram mais de 39 mil pessoas em cada compromisso, mas a agenda internacional foi curta e o estádio só seria utilizado novamente para futebol profissional em outras quatro oportunidades, envolvendo jogos das séries A e B. Um time amazonense só voltaria a jogar na arena em junho de 2015.

Passada a euforia da Copa e dos jogos envolvendo grandes times do Sudeste, os longos intervalos sem eventos reduziram a média de público na Arena da Amazônia, caindo de 27.215 em 14 partidas no ano de 2014 para 11.119 em 2015, com 11 jogos; depois 9.581 em 2016, com 35 jogos. Simbolicamente, o maior público registrado no estádio até aquele momento foi de um Flamengo x Vasco pelo Campeonato Carioca de 2016 (44.419). O pior foi no mesmo ano, pelo Campeonato Amazonense, num Fast x Rio Negro só para 81 pagantes.

Nesse primeiro momento, não foi pelo futebol masculino nem por um clube de Manaus que a Arena da Amazônia foi espaço de representatividade do esporte amazonense em um calendário nacional de jogos. Isso aconteceu através do time de mulheres do Iranduba, representante do município homônimo, vizinho da capital.

### **1.5 - Elas ‘flecham’: Iranduba vira o centro das atenções**

A menção às façanhas do Iranduba convida a uma breve interrupção na cronologia deste capítulo para uma volta ao início do século XX, quando o futebol ainda era uma novidade no Brasil. A partir dos trabalhos de Gaspar Vieira Neto (2017) e Carolina Soares de Almeida (2018), é possível afirmar que o futebol praticado por mulheres tem os primeiros registros na imprensa em 1915, tanto no Rio de Janeiro, principal referência para os pesquisadores do futebol, quanto no Amazonas.

No distante ano de 1915, o periódico humorístico *A Encrenca* publicava a primeira notícia sobre mulheres praticando futebol em Manaus. O periódico afirmava que todas as noites, a partir das 7 horas, um grupo de moças jogava animadas partidas na praça Floriano Peixoto (bairro da Cachoeirinha) (Vieira Neto, 2017, p. 11).

De acordo com o autor, o primeiro registro de um jogo de futebol de mulheres noticiado pela imprensa no estado do Amazonas ocorreu no dia 28 de dezembro de 1919, envolvendo as equipes Luso e Manaós Sporting. Apesar dessa menção histórica, a abordagem

do historiador em sua obra limita a participação das mulheres ao papel de torcedoras, destacando o entusiasmo e a admiração que elas demonstravam pelos jogadores masculinos. Essa narrativa, entretanto, deixa de explorar o interesse das mulheres pela prática esportiva ou a possibilidade de engajamento ativo no futebol.

Almeida (2018) aponta como primeiro registro da prática do futebol por mulheres no Brasil um anúncio de 1915 no Jornal A Época, do Rio de Janeiro. E, em 1919, os jogos exclusivamente de mulheres passaram a ser identificados nos noticiários cariocas com maior frequência, consolidando a modalidade feminina como assunto recorrente entre admiradores e críticos. Na Europa, o cenário estava mais avançado, com muitas equipes de mulheres já existentes praticando o futebol enquanto homens iam para a guerra (RIAL, 2013).

A proliferação de times formados por mulheres no Rio de Janeiro até o primeiro ano da década de 1940 tornou o assunto cada vez mais recorrente nos jornais, com um notável espaço para profissionais de saúde, especialmente militares, que condenavam a prática sob argumentos supostamente fisiológicos. Outros recorriam a abordagens moralistas, apontando que a prática viril do futebol tornava as mulheres viris (ALMEIDA, 2019).

Pelas páginas dos jornais, percebe-se um processo de depreciação sistemático do Futebol Feminino: ao mesmo tempo em que os jogos eram anunciados, analisados e relatados nas sessões esportivas, suas jogadoras sofriam condenações. Às mulheres pesava o fardo decorrente de uma moralidade construída na valorização do recato, da honradez e da delicadeza. Bem distante do observado em campo: jogadoras ágeis, fortes, em trajes diminuídos a brigar “violentamente” pela posse da bola. O golpe final recaiu sobre a acusação de prostituição concernente à prática. Não restaria alternativa senão uma intervenção do Estado (Almeida, 2019, p. 6).

Na primeira metade do século XX, o trabalho remunerado de mulheres no Brasil foi moldado por legislações que refletiam valores patriarcais e uma herança escravocrata. O Código Civil de 1916 subordinava as mulheres ao controle paterno ou conjugal, exigindo autorização para que assumissem empregos, enquanto as primeiras regulamentações trabalhistas voltadas a elas surgiram apenas em 1932, no governo Vargas. O Decreto-Lei 21.417-A, embora garantisse igualdade salarial, restringia horários, atividades e locais de trabalho, enfatizando a proteção do corpo feminino “em nome da maternidade e da moralidade”.

Essas restrições reduziram drasticamente a participação das mulheres na indústria, deslocando-as para funções consideradas “compatíveis com seu sexo”, como enfermeiras, professoras e telefonistas, e reforçaram uma economia moral que as idealizava como responsáveis exclusivas pelo lar e pela família. Nesse contexto, as mulheres que praticavam

futebol confrontaram os padrões sociais dominantes, que associavam feminilidade ao recato e à moderação física (ALMEIDA, 2019)

Foi nesse ambiente que, em abril de 1941, foi publicado o Artigo 54 do Decreto- Lei 3.199: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. Foram 38 anos de proibição prevista em lei, restringindo a prática ao futebol de rua ou mesmo com a lei sendo desafiada por algumas mulheres pelo Brasil<sup>7</sup>.

Rial (2013) considera não ser por acaso o fim da proibição, em 1979, ocorrer no mesmo ano da aprovação da Lei da Anistia, ainda durante o regime militar, entre 1964 e 1985. Ela destaca que o movimento coincidiu com o retorno de intelectuais feministas ao Brasil após o exílio, tensionando o debate sobre direitos sexuais e reprodutivos, além de questões relacionadas ao corpo, enfrentando o pensamento moralista que compôs a base da proibição na década de 1940.

Sob efeito de quase quatro décadas de paralisação, a modalidade teve a primeira competição nacional oficial em 1983, a Taça Brasil de Futebol Feminino, com edições até 1989. A primeira seleção brasileira formada por mulheres surgiu em 1988, tendo como base as jogadoras do Esporte Clube Radar, hexacampeão da Taça Brasil. O Brasil jogou um torneio mundial experimental naquele ano, ficando em terceiro lugar.

A primeira edição do Campeonato Amazonense de Futebol Feminino foi realizada em 1984, tendo como vencedor o Sul América. A competição ocorreu ainda em 1985 e 1986, quando foi interrompida novamente, retornando 21 anos depois. A edição de 2007 foi motivada pela vaga na recém-criada Copa do Brasil da modalidade. Desde então, a competição acontece anualmente.

Em âmbito nacional, o Sul América, bicampeão amazonense (1984 e 1986), representou o estado na Taça Brasil, sagrando-se vice-campeão em 1988 e campeão em 1991, quando a competição foi nomeada Torneio de Futebol Feminino. Chama a atenção a falta de

---

<sup>7</sup>Em 1950, na cidade de Pelotas, no sul do Brasil, foram organizados dois times de futebol de mulheres, o Vila Hilda FC e o Corinthians FC. Com jogadoras de 13 a 18 anos, majoritariamente da classe média baixa, essas equipes desafiaram as restrições impostas pela legislação, mas acabaram proibidas pelo Conselho Regional de Desportos. Citado em Luiz Carlos Rigo et al: Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. Revista Brasileira de Ciências do Esporte vol. 29 N° 3, 2008, pp. 173-188.

registros mais detalhados destes feitos do clube amazonense, o que pode ser explicado pela falta de prestígio ao futebol praticado por mulheres na época e além.

O status de modalidade amadora e a falta de recursos dos times foi um entrave para constituição de público nos jogos. Na mídia, observações machistas e comparações com atletas homens eram - e permanecem - insistentes. Rial (2013) compara o número estimado pela CBF de mulheres praticantes no Brasil (400 mil) às 12 milhões de pessoas que jogam nos Estados Unidos, evidenciando uma disparidade que explica o lugar do país em termos de competitividade e estrutura.

Ao pesquisar o circuito de futebol de mulheres em São Paulo, Pisani (2018) identifica na trajetória de jogadoras o componente da violência de gênero em diferentes escalas, da violação ou ameaça à integridade física até toda a indefinição que permeia a vida de atletas num cenário onde o esporte não oferece fronteiras claras entre o amadorismo e o profissionalismo. Obter projeção nessa carreira configura um percurso muito específico, como passar por um time de estrutura em São Paulo, almejar uma convocação para seleção brasileira ou, no melhor dos mundos, conquistar uma oportunidade em um time europeu.

Nesse cenário, o Esporte Clube Iranduba da Amazônia foi criado em janeiro de 2011 e logo integrou a agenda do futebol amazonense. Com o time de mulheres, deu início a uma sequência de oito títulos estaduais seguidos (2011-2018), que garantiu a oportunidade de ser o representante do estado em competições nacionais como a Copa do Brasil e o recém-criado Campeonato Brasileiro (2013).

Em 2016, o clube estabeleceu parceria com um dirigente que trouxe jovens e talentosas atletas do Avaí Kindermann, como a volante Djani e as atacantes Elisa e Nathane, campeãs da Copa do Brasil Feminino de 2015. O primeiro grande feito aconteceu no dia 23 de março de 2016. Era noite de estreia na segunda fase do Campeonato Brasileiro, mas também de mulheres jogando oficialmente no gramado da Arena da Amazônia. Público de 8.405 pagantes para assistir o empate em 2 a 2 contra o Corinthians.

Na final da Liga Feminina Sub-20, 17.332 espectadores assistiram às meninas do Iranduba no duelo contra a Adeco-SP. As campanhas aproximaram a torcida do clube, dando início a uma nova era. O clube investiu na contratação de jogadoras da seleção brasileira, como Andressinha, e tornou cada vez mais sólidas as campanhas em competições nacionais. Nas comemorações, as jogadoras simulavam flechadas, em alusão às raízes indígenas da região.

**Figura 14 - Jogadoras do Iranduba comemoram gol contra o Corinthians simulando flechadas, em 2016**



Fonte: Bruno Tadeu

Em 2017, o recorde de público com ingresso pago até o momento: 25.371 pessoas na semifinal do Campeonato Brasileiro, contra o Santos.

Na segunda fase do Campeonato Brasileiro Feminino, o clube manteve uma média de 20.239 espectadoras/es, superando a média de público do Brasileirão Masculino – que é de 15.167121. Dessas/es, cerca de 82% são mulheres. Os ingressos são cobrados, ao contrário do que normalmente acontece no resto do país, onde as entradas são livres (Almeida, 2018, p. 140).

A presença maciça no estádio em grandes jogos atraiu a CBF, que presenteou a cidade com o Torneio Internacional de Futebol Feminino, ainda em dezembro de 2016. Brasil, Itália, Rússia e Costa Rica jogaram em rodadas duplas na Arena da Amazônia para públicos entre 3.245 e 7.337 espectadores. Em abril de 2017, o estádio recebeu novamente as atletas brasileiras, desta vez em amistoso contra a Bolívia, diante de 16.198 pessoas.

Em agosto de 2016, Manaus sediou duas partidas dos Jogos Olímpicos na categoria feminina, sendo uma delas o confronto entre a seleção brasileira e a da África do Sul. Eleita melhor jogadora do mundo por seis vezes, Marta entrou no segundo tempo e foi ovacionada por mais de 38 mil pessoas na Arena da Amazônia. Próxima da seleção e protagonista nacional nas arquibancadas, Manaus foi reconhecida nacionalmente pelos bons públicos nos jogos das mulheres.

Por três anos seguidos (2016, 2017 e 2018), o Iranduba se mostrou competitivo no Campeonato Brasileiro, garantindo classificação para fases decisivas, além do notório terceiro lugar na Libertadores Feminina de 2018, realizada em Manaus. A realidade começou a mudar

em 2019, quando a CBF obrigou clubes da Série A masculina a formarem times de mulheres. A medida inflacionou o mercado e alavancou agremiações mais estruturadas, deixando o Iranduba para trás, já sem as atletas de destaque e com quedas para a Série A2, em 2020, e A3 em 2022.

É possível afirmar que o feito do Iranduba em atrair público significativo para a Arena da Amazônia, um estádio de Copa do Mundo cuja construção sempre foi alvo de questionamento pela baixa expressividade do futebol profissional amazonense, ajudou a fortalecer o coro de entusiastas do esporte praticado por mulheres a valorização da modalidade. A exigência por pagamento de melhores salários e atenção da mídia hegemônica se fortaleceu, principalmente durante as transmissões de torneios como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos.

Nos meios de comunicação, mulheres passaram a integrar equipes de repórteres, comentaristas e narradores. Criado em 2015 por três comunicadoras, o canal Dibradoras<sup>8</sup> se tornou um dos veículos importantes na reflexão e discussão sobre melhorias ao futebol de mulheres, tanto quanto na contribuição de um olhar mais crítico e técnico às performances dentro de campo, especialmente da seleção brasileira.

Com o aquecimento do debate e aumento da audiência, o Campeonato Brasileiro de 2021 representou um marco no âmbito da repercussão midiática. Isso porque a competição passou a ser transmitida pelo YouTube e canais esportivos mais populares do país<sup>9</sup>, com times tradicionais sendo representados e divisões de acesso melhor estabelecidas. Uma organização que, enfim, se assemelha a do circuito masculino pelo menos desde a década de 1990.

No Amazonas, surgiu a Associação Esportiva 3B da Amazônia, time exclusivamente de mulheres. Conquistou o vice-campeonato da Série A2 de 2024 e representará o estado diante da elite nacional na temporada seguinte. O time tem quatro títulos estaduais e chegou a rivalizar com o Iranduba ainda forte, para quem foi derrotado nas finais locais de 2017 e 2018, mas alcançou a primeira conquista no ano de 2019. Atletas da seleção brasileira como Gabi Portilho e Thaisa passaram pelo time.

---

<sup>8</sup> O canal é formado pela publicitária Angélica Souza e pelas jornalistas Renata Mendonça e Roberta Nina Cardoso.

<sup>9</sup> Disponível no link: <https://brasil.elpais.com/esportes/2021-04-17/proibido-por-80-anos-por-prejudicar-maternidade-futebol-feminino-estrela-brasileira-historico.html>. Acessado em 8 de setembro de 2024.

Outro importante legado desse fortalecimento do futebol de mulheres no Amazonas foi a revelação de atletas como a meia esquerda Micaelly. Nascida em 2000, no município de Autazes (a 113 quilômetros a sudeste de Manaus), ela foi revelada no Iranduba, onde conseguiu a convocação para seleção brasileira sub-17, disputando três jogos no Mundial de 2016. Passou por Cruzeiro, São Paulo, e hoje veste a camisa 10 da Ferroviária. Foi convocada para a seleção principal em duas oportunidades (2022 e 2024), sendo a primeira amazonense a alcançar este feito.

Em 2027, Manaus retornará a agenda internacional do futebol de mulheres, sendo uma das subdeses da Copa do Mundo que será disputada no Brasil. Isso poderia ter ocorrido já em 2023, na edição que o Brasil chegou a formalizar a candidatura, mas a CBF recuou em 8 de junho de 2020. Sem apoio do governo de Jair Bolsonaro, a entidade comunicou que “não foram apresentadas as garantias do Governo Federal e documentos de terceiras partes, públicas e privadas, envolvidas na realização do evento”<sup>10</sup>.

## **1.6 - O Peladão e a força da matriz comunitária do futebol no Amazonas**

“Um dia surpreendi os cambebas entregues a uma singular prática, que minha razão pende entre a insanidade e o esporte, no intuito de classificá-la. Alguns homens corriam pelo terreiro da aldeia em busca de uma esfera, procuravam impulsioná-la com os pés, para um objetivo determinado, que eram duas varas fincadas no solo, num dos extremos do terreiro. No outro extremo, outro semelhante par de varas parecia ser considerado o objetivo de alguns dos participantes, que para lá procuravam desviar sempre aos coices, a esfera que, porventura, se encontrasse nos pés de algum adversário. Mas o principal não é a natureza exótica dessa prática, é a própria esfera que parece constituir o centro de interesse. Essa esfera salta e torna a saltar, contrariando a lei da gravidade da terra. Tal peculiaridade logo me atraiu, e os gentis cambebas me mostraram que a esfera, elástica e cheia de ar, tinha sido manufaturada a partir de uma seiva branca, que uma espécie muito farta de árvores deita generosamente. Esta seiva é solidificada com a fumaça e se torna elástica, impermeável e com outras peculiaridades que poucas matérias podem reivindicar. Vislumbro um grande futuro para essa descoberta que, a principio, me intrigou por desafiar uma lei tão severa que é a da atração dos corpos” (La Condamine, 1745).

O cientista francês Charles Marie de La Condamine percorreu o Rio Amazonas em expedição a partir de Quito, no Equador, em 1743, quando o Brasil ainda era uma colônia

---

<sup>10</sup> Disponível no link: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/06/08/por-que-cbf-desistiu-de-candidatura-para-sediar-copa-feminina-em-2023.htm>. Acessado em 2 de outubro de 2024.

portuguesa. Entre os relatos, La Condamine fez esta observação ao aportar na então Aldeia de Tefé, hoje município de Tefé (a 523 quilômetros a oeste de Manaus).

Ao abordar esse registro, Vieira Neto (2017) especula a possibilidade da então Capitania de São José do Rio Negro, à época subordinada ao Estado do Grão-Pará e Maranhão, obter o registro pioneiro de uma prática aproximada ao que hoje entendemos como futebol. Isso mais de 100 anos antes da criação da Província do Amazonas, desmembrada do Grão-Pará em 5 de setembro de 1850.

Norbert Elias e Eric Dunning (1992), contudo, apontam que desde o século XIV é possível encontrar referências de fontes medievais a um jogo semelhante, ainda que esses autores evitem estabelecê-las como representações diretamente identificadas ao jogo. A maioria das citações, segundo eles, remetem à proibição da prática. “Deve ter sido um jogo violento, de acordo com o temperamento das pessoas desse período” (DUNNING e ELIAS, 1992).

Independente do pioneirismo, a esfera elástica e cheia de ar, originada a partir da seiva branca extraída das seringueiras, é o componente mínimo necessário para que o futebol de improviso, a matriz bricolada seja executada. No caso da aldeia avistada por La Condamine, certamente o testemunho indica algo dessa natureza. Uma bola, duas metas, sujeitos correndo com o objetivo de mobilizar a esfera para uma delas... Era uma aldeia amazônica no século XVIII, mas poderia ser também um campinho de terra batida em um centro urbano no século XXI.

O simbolismo desse terreno, com duas traves e dimensões semelhantes - ainda que não idênticas - ao campo oficial traz a ideia do que se convencionou a chamar no Brasil de futebol de várzea. São campos de futebol em terra batida, geralmente situado em terrenos baldios ou à margem de um rio, usado por equipes amadoras.

Esse duplo entendimento em torno do futebol de várzea, que versa sobre a prática em campinhos espalhados pelos centros urbanos ou não, e também pode ser atribuído ao jogo em locais periodicamente inundados pelos rios encontra no contexto amazônico uma conexão entre a categoria geográfica e o ditado popular (TAVARES, 2023). A paisagem do campo na beira do rio, comum em aldeias e comunidades espalhadas pelo Amazonas, tem essa representatividade visual muito própria da região.

Além de uma das mais tradicionais formas de recreação entre crianças e adolescentes, o futebol nesses espaços, tradicionais ou transformados pela urbanização, compõe a agenda

de lazer daqueles que buscam atividades físicas e de excitação, geralmente após uma jornada de trabalho, seja na pesca, no roçado, na indústria ou em variadas formas de serviço ao longo do dia. Distrai e ocupa aqueles que não possuem ofício profissional, gerando julgamentos por alguma ala comunitária que associa o esporte ao ócio e à indolência.

Assim se constrói a matriz comunitária, onde o jogo ainda não alcança as condicionantes do circuito espetacularizado, mas se aproxima em termos de obediência às regras oficiais, compõe tempo importante na agenda dos praticantes, influência a ocupação dos espaços, atrai a atenção e recebe juízos daqueles que estão na órbita: pais, irmãos, filhos, cônjuges, amigos, vizinhos, parentes em geral ou na concepção do termo aos povos indígenas, além, é claro, da mídia e do poder público.

Entre a matriz espetacularizada e a bricolada existe ao menos uma modalidade de futebol, vinculada ao tempo de lazer dos seus praticantes, realizada em espaços mais padronizados do que a bricolagem, mas sem a ortodoxia dos campos oficiais e tampouco circunscritos a uma edificação que dá ao espaço uma conotação sagrada - caso dos estádios, por exemplo (Damo, 2005, p. 41).

Entre a bricolagem que caracteriza as peladas<sup>11</sup> (DAMO, 2005) e uma alegada preocupação em relação à desocupação de amazônidas recém-chegados em número expressivo na capital Manaus<sup>12</sup>, o jornalista Messias Sampaio idealizou um torneio como uma forma de lazer e integração social para aqueles que buscavam na cidade novas oportunidades. A ideia ganhou força com o apoio do jornalista Oséas Carvalho, à época responsável por elaborar o jornal de domingo do grupo A Crítica (CHIQUETTO, 2014).

Vendo no torneio um potencial atrativo para as edições semanais, Carvalho levou a proposta ao fundador do jornal, Humberto Calderaro. O empresário percebeu no campeonato de peladas pelos bairros de Manaus uma oportunidade de impulsionar as vendas do periódico. Assim, nasceu, em 1973, a primeira edição do Peladão, reunindo 178 equipes espalhadas por cerca de 80 campos improvisados pela cidade.

---

<sup>11</sup> Damo (2005) reúne alguns registros na tentativa de resgatar a origem do termo 'pelada', sendo uma delas justificada por Anatol Rosenfeld (1993) por se tratar de jogos realizados em terrenos sem grama, 'pelados'.

<sup>12</sup> Na comparação entre o Censo (IBGE) de 1960 e o de 1970, Manaus teve um crescimento populacional superior a 79%, saindo de 175.343 para 314.197 habitantes. Esse movimento ocorreu principalmente pela chegada de migrantes do interior do Amazonas e de outros estados, atraídos pelas promessas de emprego e qualidade de vida a partir da criação da Zona Franca.

A realização do torneio foi favorecida pelo contexto econômico da época. A regulamentação da Zona Franca, formalizada poucos anos antes, já mostrava seus efeitos, com a expansão do parque industrial e a atração de novos trabalhadores para Manaus. Esse cenário de transformação foi acompanhado pelo auge do futebol em várias instâncias: o tricampeonato mundial da seleção brasileira em 1970 ainda reverberava no imaginário coletivo; os jogos televisionados dos grandes clubes nacionais reforçavam o apelo pelo esporte; e o futebol amazonense vivia seu período de ouro, competindo com os principais times do país na primeira divisão e enchendo os estádios Vivaldo Lima e Colina.

Um ano após sua criação, em 1974, o Peladão deu início a consolidação de sua identidade com a realização do primeiro desfile de abertura, na Avenida Eduardo Ribeiro, no Centro de Manaus. Nesse evento inaugural, foi introduzida uma das marcas registradas do campeonato: o concurso das rainhas, no qual as equipes eram representadas por mulheres em uma competição paralela de beleza. A inovação transformou o torneio em um fenômeno cultural que ia além das partidas de futebol e atraía a atenção de diversos segmentos da sociedade.

**Figura 15 - Representantes dos times desfilam no concurso de rainhas do Peladão em 2023**



Fonte: Paulo Bindá / Uno Mídias

Componente indispensável naquele momento, o Regime Militar foi integrante do processo a auxiliar na logística dos desfiles e fornecer campos para jogos situados no interior de unidades das forças armadas na cidade. Aos sábados e domingos, os jogos ocorriam muitas

vezes de forma improvisada, dada a falta de iluminação de alguns campos ao anoitecer e os critérios de desempate, que iam de cobranças de pênaltis ou mesmo no par ou ímpar (CHIQUELTO, 2014).

No final dos anos 1990, sob a gestão do jornalista e então presidente da Fundação Vila Olímpica, Arnaldo Santos, foram implementadas mudanças significativas. Ele introduziu novas categorias, como as juvenis (15 a 17 anos), femininas e indígenas, ampliando o alcance do torneio e envolvendo um público ainda mais diversificado. Além disso, Santos promoveu uma maior burocratização nas inscrições, conferindo ao campeonato um caráter mais formal e organizado, sem perder sua essência comunitária e integradora.

Os números do Peladão ao longo dos anos corroboram sua importância como um dos maiores torneios de futebol amador do Brasil e do mundo, como ficou conhecido. Em 2012, na edição intitulada Peladão Verde, o campeonato contou com impressionantes 24.904 jogadores distribuídos em 1.172 equipes, abrangendo tanto a capital quanto o interior do Amazonas. Para atender à demanda da competição em Manaus, foram disponibilizados 57 campos, onde aconteceram 2.590 partidas ao longo do torneio (CHIQUELTO, 2014).

**Figura 16 - Cobrança de pênaltis em partida do Peladão atrai torcedores em campo de terra**



Fonte: Antonio Lima

O título de "maior campeonato de peladas do mundo", amplamente divulgado em materiais oficiais do Peladão, gerou debates e questionamentos por parte de outros meios de

comunicação<sup>13</sup>. Ainda assim, a relevância histórica e cultural do torneio é inegável, sendo usada como argumento do estado em caderno de encargos à FIFA relativo à concorrência de Manaus como subsede da Copa do Mundo de 2014.

Do ponto de vista da mídia, o fato do torneio ser um produto de uma emissora gera diferentes efeitos. O mais desafiador está atrelado à conduta das empresas de comunicação concorrentes, que não costumam fazer menção ao evento, limitando à promoção e divulgação à Rede Calderaro. Isso faz com que boa parte do material produzido em torno do Peladão ganhe ares mercadológicos, privilegiando o marketing e ocultando qualquer efeito negativo que o evento possa gerar<sup>14</sup>.

Por outro lado, o veículo promotor dedica coberturas especiais ao tradicional campeonato, com direito a jornal impresso exclusivo. No período em que fui repórter e editor assistente do caderno de esportes do Jornal A Crítica, o Craque (2012-2013), percebia que o jornal do Peladão era atração para os profissionais jornalistas, que viam na cobertura a possibilidade de ganhar uma renda extra, tanto quanto ter a oportunidade de produzir textos dedicados a personagens e fatos marcantes entre os milhares de atores envolvidos.

O futebol aparece, aqui, como um jogo que, ao mobilizar pessoas, colocando-as em contato, movimenta significados dos mais variados e engendra a criação de linhas narrativas que tratam, por sua vez, das relações entre os diversos agentes do circuito e deles com o ambiente que habitam. Num campeonato metropolitano como o Peladão, portanto, a cidade é tema constante nas conversas que se dão nos campos e nos bares pelos quais os boleiros e boleiras circulam continuamente. Mas a cidade não é somente tema de conversas: ela é vivida intensamente por estes agentes, uma vez que o futebol faz com que eles circulem para todos os lados, sempre em busca de novos oponentes ou parceiros, sempre em busca de se colocar em jogo. Revela-se, assim, uma Manaus compreendida e habitada a partir de categorias específicas do mundo do futebol. Uma cidade construída no cotidiano do jogo e dramatizada em seus momentos mais tensos. Se formos levar a sério a perspectiva ingoldiana (INGOLD, 2000), de que o homem explica o ambiente e de que o ambiente explica o homem. Em Manaus, o futebol explica a cidade e a cidade explica o futebol (Chiquetto, 2014, p. 21).

---

<sup>13</sup> De acordo com o Portal UOL, a Copa Telmex, realizada no México, foi a disputa reconhecida pelo Guinness Book (Livro dos Recordes) como a maior do planeta entre amadores. Em 2010, o torneio contou com 201.287 jogadores inscritos e 11.777 times. Disponível no link: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2013/01/10/maior-torneio-amador-do-pais-promove-liga-entre-indios-e-faz-reality-show-com-musas.htm?cmpid=copiaecola>. Acessado em 2 de novembro de 2024.

<sup>14</sup> Qualquer episódio de violência atrelado aos jogos do Peladão costuma ser noticiado em Manaus por veículos concorrentes da Rede Calderaro, geralmente ocultando o nome do torneio.

O envolvimento daqueles inseridos no universo da competição movimentava comunidades e atrai públicos consideráveis aos jogos, superiores ou ao menos comparáveis com jogos do campeonato profissional. A torcida é formada por sujeitos pertencentes ao núcleo escolhido para compor as equipes, seja na representatividade de uma rua, de uma empresa, de uma associação ou bairro. A competitividade envolve, assim, aqueles que reconhecem a competição como uma agenda tradicional importante.

As finais foram disputadas no antigo Vivaldão, no Clube do Trabalhador do SESI e atualmente ocorrem na Arena da Amazônia, valendo premiação que já variou entre um veículo zero quilômetro e R\$ 40 mil. Atualmente, o time vencedor de cada categoria recebe um valor em dinheiro. Desde 2012, as rainhas melhor colocadas disputam um reality show (A Bordo - O Reality) em uma embarcação de luxo no Rio Negro, onde ficam confinadas, disputam provas e são escolhidas por votação popular. A vencedora tem direito a um prêmio de R\$ 50 mil.

No engajamento ao torneio realizado há décadas e busca pelas premiações, as equipes se organizaram e promoveram uma espécie de profissionalização dentro do torneio amador. Atletas profissionais, que disputam o Campeonato Amazonense promovido pela FAF, figuram entre os times mais competitivos, sendo remunerados. Entre as centenas de equipes, algumas se consolidaram pertencendo a uma elite e sempre figurando entre as melhores colocadas.

**Figura 17 - Equipe do Unidos do Alvorada em disputa na edição de 2022 do Peladão. Dois anos mais tarde, o time jogou a primeira divisão profissional do Campeonato Amazonense**



Fonte: Emanuel Mendes Siqueira (2022)

De toda forma, a delimitação entre a agenda profissional e a amadora do futebol, estabelecendo em dois pólos o Peladão e a agenda de jogos dos times junto a FAF ou a CBF, é separada por uma linha notória, dividindo universos muito distintos. De maneira peculiar, é o torneio amador que coloca a cidade de Manaus numa relação mais destacada com o futebol, enquanto os times profissionais enfrentam mais dificuldades para obter engajamento e alcançar resultados no patamar do alto rendimento.

Ressalta-se, ainda, que a agenda do futebol amador no Amazonas não se esgota no Peladão. No interior, os festejos são oportunidade de promoção de competições, quase sempre vinculadas a paróquias, como ocorre em Parintins (CAMPOS, 2010). O Torneio da Santa (Nossa Senhora do Carmo) ou torneio exclusivo de disputa de pênaltis ajudam a explicar a organização do lazer em torno da prática, bem como a ocupação dos espaços.

Na capital, além do Peladão, os campos de areia espalhados pela cidade comportam disputas acirradas e organizadas, com direito a público e até narrador. É o que acontece na Liga Desportiva do São José 3, disputada no Campo do Bahia, no bairro São José, Zona Leste de Manaus. Em apuração no local para uma reportagem escrita, em 2021, entrevistei o comerciante, motorista de aplicativo e narrador Silva Júnior, também conhecido como Borracha, que disse faturar entre R\$ 200 e R\$ 300 por narração de partidas.

Ainda na Zona Leste, no bairro Jorge Teixeira, o supervisor de serviços gerais Wellington Silva, 33, criou uma página do Campo do Teixeirão no Facebook em abril de 2021, com o objetivo de divulgar as competições e eventos no local. Com o engajamento virtual de moradores usuários do espaço, ele passou a transmitir os jogos ao vivo, de forma online, e receber uma surpreendente audiência de amigos do Jorge Teixeira e até de outras cidades.

Em Manaus, cada grande campo de futebol tem sua liga, com participação de times do bairro ou de fora. Do sub-17, passando pela categoria principal até o campeonato de pessoas com mais de 50 anos, os torneios premiam de troféus a valores em dinheiro de R\$ 20.000,00. A verba depende sempre do número de inscritos e apoio de padrinhos, empresários ou políticos. Nas camisas dos times, vereadores e deputados ganham publicidade como patrocinadores. Não é por acaso. Dia sim, dia não, uma parte influente e considerável da comunidade se reúne para torcer nos campos.

Inserido nesse circuito está o Atrium Futebol Clube, time da Zona Norte de Manaus que é treinado por Will Hobson, meu interlocutor junto a União Manaus. O Atrium é apoiado pelo presidente de honra do Manaus Futebol Clube e vereador Luis Mitoso, que estampa seu

nome na camisa. Identifica-se como “time cristão”. Para esta pesquisa, simboliza o ponto de encontro entre o universo espetacularizado e o comunitário do futebol para a torcida, ou pelo menos para Will, que não concentra as atenções apenas nas atividades da União Manaus.

O futebol comunitário não é capaz de competir com a hegemonia espetacularizada do futebol profissional em suas elites, seja no Brasil ou no mundo. Mas uma forma não anula a outra, principalmente em Manaus, onde os jogos fazem parte do cotidiano de moradores, que ocupam espaços públicos e criam eles mesmos meios para transmitir os eventos. O futebol, de fato, ajuda a explicar a cidade, a despeito do lugar do profissionalismo na ordem dos discursos.

## **CAPÍTULO II - ‘DA AMAZÔNIA PARA O MUNDO, EU VIM AQUI PRA TE APOIAR!’: A UNIÃO MANAUS NA TRAJETÓRIA DAS TORCIDAS ORGANIZADAS**

A primeira conversa mais extensa e presencial que tive com o meu principal interlocutor, Will Hobson, criador da União Manaus, não envolveu gravador nem caderno de campo para anotações. Naquele 23 de julho de 2023, numa tarde de domingo muito quente em Manaus, preferi deixar os instrumentos etnográficos de lado - pelo menos os físicos. Estávamos na Arena da Amazônia e nos encontramos logo após a derrota do Manaus para o Brusque, por 2 a 0.

Já ciente do meu interesse enquanto pesquisador e muito receptivo, Will mostrava serenidade e até simpatia, mesmo depois de duas horas regendo a torcida numa partida que terminou em derrota e deixou o time próximo da zona de rebaixamento para a Série D. Comentamos brevemente sobre o jogo e depois falamos pela primeira vez a respeito da União Manaus. Antes, de forma bastante didática, ele fez um resumo do que entendia ser o histórico das torcidas organizadas no Brasil.

Caminhando lentamente das arquibancadas do anel inferior da arena para a área externa, meu interlocutor voltava no tempo, mencionando movimentos dos anos 1980 e 1990, em São Paulo e Rio de Janeiro; o perfil de cada torcida, entre as mais famosas; seus integrantes, as responsabilidades; e o fator violência. A conversa era ocasionalmente interrompida por ele para cumprimentos a colegas de torcida, acenos a amigos e esposa. Durou pouco mais de 20 minutos e foi tão proveitosa que depois lamentei não ter gravado ou mesmo anotado.

Meses depois, à medida que eu ampliava o repertório de leituras em busca de referências acerca do tema, consegui encontrar em diversos artigos, teses e dissertações relações com aquela conversa. Will estava muito bem informado sobre o seu ofício, ainda que depois fosse possível distinguir fatos de percepções e valores particulares dele.

Promovendo tabelinhas entre a conversa daquela tarde e referências dos estudos sobre o tema, proponho este capítulo com a responsabilidade de agora ser eu o responsável por apresentar um breve resumo da trajetória das torcidas organizadas no Brasil, passando por fatores midiáticos, sociais e do que diz respeito às práticas históricas. Este relato irá compor

o diálogo com o trabalho de campo aqui proposto, uma etnografia junto à torcida União Manaus.

Mas, antes de entrar em campo, é preciso definir a tática. Para alcançar o objetivo de interpretar modelos de masculinidades numa torcida organizada situada na cidade de Manaus, o que darei ênfase no terceiro capítulo, parto do universo de práticas e significados existentes nas formas de expressão da União Manaus em dias de jogos do Manaus Futebol Clube, em diálogo com as reproduções que se tem registro sobre esses grupos. Para isso, me tornei membro da torcida acompanhando jogos em Manaus - além de um jogo na cidade de Manacapuru - entre maio de 2023 e julho de 2024.

## **2.1 Tática metodológica: por uma descrição densa e formulações teórico-etnográficas**

Minha empreitada como torcedor pesquisador foi por uma descrição densa (Geertz, 1973) a partir de formulações teórico-etnográficas (Peirano, 2014) postas mediante à vivência junto a torcida organizada União Manaus. Desta forma, reconhecendo a impossibilidade de transparecer a realidade do pensamento nua e crua, articulo algumas noções do torcer como formas de comparações, recurso elementar do fazer antropológico.

Escolhi entrar em campo - ou seria nas arquibancadas? - como parte da torcida União Manaus de modo a estabelecer com meus interlocutores uma relação de proximidade e confiança. O desafio não foi simples e exigiu decisões no sentido de não transparecer que ali, durante os jogos, o lado pesquisador era sobreposto ao de torcedor. As observações oscilaram entre as partidas e as performances da torcida de forma estratégica e discreta.

Essa relação foi permitida sem maiores burocracias. Eu, pesquisador-torcedor, uniformizado com uma camisa do Manaus, estive presente aos jogos integrado à União Manaus, representando mais um corpo constitutivo daquele grupo, mais uma voz para expressar suas manifestações. Busquei estreitar os caminhos entre o sentido que atribuo ao torcer e o significado dessa prática para quem faz parte daquela torcida, um exercício que só é possível concretizar por meio da observação e prática sistemática.

Na investigação da teia de significados (GEERTZ, 1978) daqueles que formam o grupo organizado, busquei entender o que os adereços, músicas, performances e manifestações no ato de torcer representam para aqueles sujeitos. E a partir dessa observação participante,

interpretar a interpretação deles sobre como se percebem entre si e para além do grupo, pavimentando o caminho para um olhar de gênero às práticas e condutas em questão.

Metodologicamente, deparei-me com desafio semelhante ao relatado por Miguel Vale de Almeida na obra ‘Senhores de Si - Uma interpretação antropológica da masculinidade’ (1995), na qual o antropólogo português relata a ausência de um modelo capaz de recolher dados com maior objetividade em relação à masculinidade. Com perspectiva semelhante à da pesquisa no povoado de Pardais, em Portugal, aproveitei minha inserção no grupo de torcedores para analisar discursos e práticas.

Entendo que, através do requerimento epistemológico da alteridade, a antropologia vem aprimorando ferramentas de investigação para tentar identificar o universal e o particular na humanidade e seus grupos. Compreender as “outridades” e refutar o etnocentrismo que a própria disciplina ainda precisa lidar, conforme o aprimoramento crítico de seu exercício. Assim, o conceito de cultura também se estabeleceu como objeção a determinismos, biológicos e geográficos.

Na prática etnográfica moderna em que se sustentou a antropologia ao longo do século XX, a configuração se deu pelo trabalho de deslocamento e aplicação teórica de um antropólogo ocidental em regiões periféricas do mundo, como a África, as ilhas do sudeste asiático e a América Latina. À medida em que o ofício passou a ser exercido por mulheres, pessoas negras, indígenas, dentre outros grupos que anteriormente tinham apenas o status de objeto de estudo, passou-se a questionar os aspectos teóricos metodológicos do fazer antropológico a partir de uma perspectiva decolonial.

Destaco na produção de Abu-Lughod (1991) a problemática que aponta a antropologia como prática constituída pela dominação ocidental, dado que a disciplina em sua concepção moderna, se considerada a partir de Malinowski, surgiu num contexto de neocolonialismo. Assim, os estudos decoloniais contribuem para a antropologia de maneira transversal à habilidade de interpretação do etnógrafo por si. Afinal, “ser estudado pelos ‘homens brancos’ acaba por dar a estes homens o poder de falar pelos estudados”.

A cultura enquanto “ferramenta para fazer o outro”, ainda segundo Abu-Lughod, tende a cristalizar diferenças. Um ponto de reflexão importante para um empreendimento historicamente constituído pelo campo ocidental, o que veio a moldar a forma como a própria disciplina se desenvolveu. Fato que não pode ser ignorado.

Por outro lado, imerso a um contexto urbano e de manifestação cultural tão peculiar quanto o fenômeno do futebol, que atravessa meu histórico pessoal e profissional, encontro na busca pelo estranhamento para o exercício etnográfico um inevitável acirramento às diferenças, mesmo num exercício paradoxal de aproximação do grupo, de maneira que fosse possível alcançar os meus objetivos neste exercício. Desta forma, pude obter um olhar diferente daqueles que convencionei exercer no mesmo ambiente, mas com outras perspectivas e propósitos.

À medida em que este trabalho foi construído, no exercício empírico e teórico, as diferenças entre o jornalista e o etnógrafo autor ganharam contornos mais nítidos, de modo que as memórias que facilitaram o desenrolar do trabalho também precisaram passar por reconsiderações significativas. Como observou Cunha (2011), “a construção das alteridades exige um trabalho contínuo de recorte e produção, a despeito do contexto onde se realize”.

Foram questões para pensar a pesquisa, sem renunciar ao que a disciplina entregou e aprimorou em mais de um século, comprometida com o próprio desdobramento e regime discursivo atribuído à cultura, conceito marcado pela plasticidade e transformação. E, atualmente, com ponderações colocadas à mesa pelas circunstâncias políticas, sociais, econômicas e culturais as quais as populações se encontram.

Todos nós, seres humanos, temos necessidades biológicas que nos é comum. Todo o resto das ações que governam a forma como compreendemos a vida ao nosso redor e determina as nossas ações são convenções sociais. Essas convenções são diversas no grau em que se é permitido ser no planeta em que vivemos. E compreendê-las exige uma habilidade interpretativa que consiste na dinâmica desse fazer antropológico, tão lapidado e problematizado ao longo de mais de um século.

Quando se pensa na conexão entre uma forma de vida de um grupo ou povo e a capacidade de realizar uma leitura competente desta configuração, pensa-se na perspectiva interpretativista de Clifford Geertz como referência clássica. Para o autor, não existem atalhos ou concepções práticas neste exercício. Influenciado por Weber, ele entende a necessidade da busca pela compreensão das teias de significados tecidas pelo homem. E esses significados estão em expressões particulares dos sujeitos em seus contextos, o que exige o trabalho de descrição densa, interpretativa, uma jornada como na leitura de um enigma ou a interpretação de um poema.

Piscadelas, brigas de galo, compreensão dos diferentes “eus” existentes... As experiências de campo vividas pelo antropólogo são as formulações teórico-etnográficas, conforme Peirano. Uma ênfase na articulação entre teoria e prática, reunindo os significados apreendidos empiricamente com aqueles que historicamente recorremos na busca por sentidos numa perspectiva ocidental.

Se direcionarmos essa investigação para o nosso próprio campo ocidental - os sentidos que damos às coisas, a forma como estabelecemos nossas identidades, nossa masculinidade - temos em mãos novas possibilidades de rota, que encontram nas concepções de Geertz pistas valiosas para pôr em prática um exercício antropológico clássico e com validade contemporânea inquestionável.

A dimensão simbólica da cultura proposta por Geertz nos é possibilitada para uso no fazer antropológico de tal forma que faz esquecer a complexidade em torno do uso deste termo nos dias atuais, com a problematização de antropólogos pós-modernos. Cultura assume o papel do significado, do interpretável.

Quanto aos espaços entre o etnógrafo e os sujeitos que oferecem o objeto de estudo, em análise à autoridade etnográfica, James Clifford questiona experiência e interpretação, exemplificando a produção científica na comparação com a literária, expondo dilemas entre citação e um “estilo indireto livre”. Afinal, como Clifford ressalta, etnografias são textos, escritos geralmente em um longo tempo após a prática etnográfica.

O reconhecimento dos diferentes modos de autoridade etnográfica e suas implicações é um processo que se desdobra desde as primeiras experiências a partir do marco em que a antropologia pleiteou a própria atribuição científica. As habilidades para obter acessos no campo, a definição e prática de alteridade, o refinamento hermenêutico... De alguma forma, todas essas práticas estiveram sob análise dos antropólogos em seus diferentes trabalhos pelo mundo.

Mas quais foram as figuras dominantes nesse fazer antropológico? A partir de quem se constrói o sentido de diferença entre “eu” e o “outro”? É com esses questionamentos que Abu-Lughod contribuiu com a ampliação dessa perspectiva em torno dessa autoridade. Em “A escrita contra a cultura”, ela usa elementos das antropologias feminista e mestiça como categorias para pensar a dicotomia mais paradigmática desta ciência.

Tanto quanto - ou mais do que - refletir sobre a verdadeira autoria da etnografia, pensar sobre o contexto histórico de quem exerce essa autoridade é constatar que existem lados

opostos numa dinâmica de poder. E isso passa a ser perceptível no momento em que mulheres, negros, mestiços, indígenas ocupam o lugar do etnógrafo e traz para o arcabouço de debates em torno dessa prática uma nova dimensão.

Dessa forma, a autora aciona o conceito de cultura como um demarcador histórico de diferenças e propõe um aperfeiçoamento da prática etnográfica. Em especial, propõe, citando Laura Nader, um direcionamento dos estudos a camadas mais privilegiadas econômica, política e socialmente, olhando para governantes e figuras influentes no contexto ocidental. Nader atribui a essa prática o termo “studying up”.

Nesse contexto, a antropóloga acrescenta a respeito da posicionalidade na prática etnográfica, destacando-se que os primeiros teóricos não necessariamente entregaram verdades parciais, como as antropólogas feministas são acusadas de operar. São verdades posicionadas, que o contexto e os objetivos das pesquisas conseguem expressar com relativa clareza, funcionando como um elemento que orienta as expectativas nesses trabalhos.

É considerando essas perspectivas que direciono este trabalho na busca pela compreensão das práticas e relações dos torcedores da União Manaus enquanto sujeitos vinculados a um contexto urbano, pertencentes a uma determinada classe social, em contexto geográfico e histórico específicos, conectados a uma cultura do futebol, permeados por diferentes possibilidades de masculinidades e dedicados a um grupo que se organiza para prestar apoio ao Manaus Futebol Clube, influenciados por todo um histórico nacional e internacional de reproduções do torcer.

## **2.2 - Que torcida é essa? Organizadas, violência e mídia**

Em 1938 foi realizada a terceira edição da Copa do Mundo de Futebol, na França. Foi a primeira com transmissão radiofônica ao vivo para os brasileiros, que viveram pela primeira vez a tensão de acompanhar, lance a lance, os jogos da seleção em um mundial. E a derrota nas semifinais para a futura bicampeã Itália trouxe também a primeira grande frustração para a torcida brasileira, que só voltaria a se conectar com a experiência como anfitriã da competição, em 1950.

Foi no fim daquela década de 1930 que ocorreu o que se tem como ponto de partida da história das torcidas em um caráter de organização diferenciado (SOUZA, 2016; SALDANHA, 2023). Ainda que não haja consenso quanto ao marco, atribui-se ao Grêmio

Tricolor (São Paulo), fundado em 1939, como primogênito de um movimento de torcidas uniformizadas no qual a carnavalização do torcer irá configurar como principal característica desta que Souza (2016) vai chamar de primeira geração de grupos organizados de torcedores.

Entrava em cena a charanga, grupo musical que usa instrumentos de sopro e percussão com o intuito de dar uma trilha sonora animada aos ambientes de jogos. A charanga resiste até os dias atuais, sendo muito comum nos jogos realizados no interior, em se tratando do Amazonas, mas também ocasionalmente na capital Manaus. No Brasil como um todo e em outros países, especialmente sul-americanos, a herança da primeira geração se mantém firme.

De maneira geral, esse primeiro movimento marca uma necessidade de grupos de torcedores em se diferenciar dos torcedores comuns, seja pela celebração do futebol enquanto espetáculo, capaz de reunir grande número de pessoas por diferentes estados; seja como forma de expressão do amor pelo clube em questão, em ocasião de reunião em grupo para a atividade festiva de maneira mais comprometida do que a simples apreciação do jogo.

Em que pese algumas peculiaridades locais, diferenças temporais, ou particularidades de cada torcida, é possível abrigar todas essas experiências em um conjunto comum, como torcidas oficiais, normatizadoras (embora “carnavalizadas”), lideradas por “chefes de torcida”, responsáveis por aprontar e reger a festa na arquibancada dentro de determinados parâmetros, que envolvia alguma cordialidade com os adversários, restrições a comportamentos tidos como violentos ou desrespeitosos, e o apoio incondicional à equipe. Cumpriam, portanto, um duplo papel: contribuía para tornar o espetáculo mais belo, mais atrativo (com gritos de guerras, bandeiras, faixas e orquestras musicais), e também, mais ordeiro, controlado e disciplinado (Saldanha, 2023, p. 57).

No Brasil presidido por Getúlio Vargas em contexto ditatorial, a festa do Carnaval somava-se ao futebol num país em busca da chamada identidade nacional, onde as charangas e torcedores-símbolo não estariam ali sem alinhamento prévio com atores tais quais dirigentes dos clubes, autoridades policiais e imprensa. Interações sadias entre torcidas rivais e até mesmo vigilância e advertência contra palavrões faziam parte do roteiro (SOUZA, 2016; SALDANHA, 2023).

Em movimento de ruptura a esse perfil, mas em uma nova circunstância ditatorial, o surgimento da Gaviões da Fiel, em 1969, marcou o início da segunda geração de grupos de torcedores pelo Brasil. Esta tem como principal característica uma busca por independência e criação de estruturas burocráticas internas, fazendo das torcidas instituições mais formais e com aumento do número de integrantes. É desse período que se consolida a atribuição “organizadas”.

É o momento em que as competições nacionais passam a compor o principal calendário do futebol, primeiro com a Taça Brasil, depois Taça de Prata, até o início do Campeonato Brasileiro em 1971. A viagem para acompanhar o time em outras cidades e estados exigia um nível de organização e dedicação maior que o enquadrado em tempos anteriores. Era necessária uma nova estrutura, com independência financeira para dar conta dessas atividades. Esse movimento também ajudou a espalhar a proposta pelo país.

Ademais, o período marcaria ainda o distanciamento entre torcida e clube, deixando esses torcedores mais independentes para criticar ações das diretorias e promover a livre expressão nas arquibancadas. Saldanha (2023) destaca que antes mesmo da Ditadura Militar os estádios passaram a catalisar manifestações de contestação características daquela geração, levando a campo um tom mais crítico e original.

Esse perfil autêntico e crítico não apenas foi amplamente repercutido com auxílio das transmissões televisivas, mas também se notabilizou por questionamentos à Ditadura Militar, entre 1964 e 1985. Num período em que qualquer movimento em grupo era visto como suspeito por autoridades, as torcidas, no interior do universo do futebol, onde o poder militar buscava reconhecimento e popularidade, estabeleceram-se como válvula de escape para manifestações críticas ao regime político que perdurava.

Em 11 de fevereiro de 1979, durante o jogo Corinthians e Santos, com mais de 100 mil pessoas presentes no estádio do Morumbi, a Gaviões abriu uma grande faixa com os dizeres “Anistia ampla, geral e irrestrita”, como demonstração explícita de apoio ao movimento contra a Ditadura Militar. Fato semelhante seria protagonizado na final do campeonato brasileiro de 1984, entre as equipes do Vasco da Gama e do Fluminense, 128 mil pessoas no maracanã, fizeram coro pelas eleições diretas, durante a execução do Hino Nacional (Souza, 2016, p. 112).

Souza (2016) destaca ainda a influência dessa segunda geração fora do eixo Rio/São Paulo a partir dos anos 1970, numa fusão de padrões de comportamento com a primeira geração. No ano de 1988, o assassinato do líder da Torcida Mancha Verde, do Palmeiras, representa um novo momento para o universo das torcidas, que vive uma escalada de confrontos entre representações rivais. O clima hostil e a proliferação de críticas na imprensa esportiva marcaram o início da terceira geração de grupos organizados.

Saldanha (2023) resgata uma fala emblemática do momento a partir do depoimento de um membro de uma torcida organizada do Confiança, de Sergipe, em entrevista ao GEFuT no ano de 2020. De acordo com o torcedor, a fundação de torcidas no estado já era consequência do interesse pelos conflitos na passagem da década de 1980 para 1990. Não havia, nesse

exemplo, interesses sociais ou pela estruturação de uma entidade autônoma, mas o simples desejo de oportunizar brigas.

Essa informação foi enfatizada por Will em nossa primeira conversa na arena. Na visão do meu interlocutor, ficou marcado o propósito de algumas torcidas em sistematizar confrontos a partir da própria concepção, de maneira tão enfática quanto a agenda de apoio ao clube. Nascido em 1993, ele tinha como principal referência a terceira geração desses grupos, ainda que diga não concordar com as condutas que caracterizam esse perfil, como veremos mais adiante.

Como vimos no Capítulo 1, a transição para a última década do século XX ficou marcada para o futebol no Amazonas como um período de declínio competitivo, com os descensos de Nacional e Rio Negro para divisões inferiores. Para a realização desta pesquisa, não foram encontradas referências neste período sobre movimentos de grupos organizados de torcedores no estado. Sabe-se que, em 1991, foi fundada a Narraça, torcida do Nacional, a mais antiga organizada ainda em atividade no estado.

No que diz respeito à juventude manauara ou de recém-chegados do interior do Amazonas e estados vizinhos - atraídos pelos benefícios econômicos da Zona Franca à região metropolitana, os confrontos de grupos organizados aconteciam entre bairros e nos arredores das danceterias do centro de Manaus. Esses grupos passaram a ser conhecidos como galeras (de Oliveira, 2017). Isso em uma cidade que chegava a 1 milhão de habitantes, conforme registro do IBGE em 1991.

Os rapazes e moças que fizeram parte de turmas de galeras em Manaus nesse período, possuíam, em sua maioria, idade entre doze e vinte e poucos anos, baixo nível de escolaridade, eram oriundos de famílias de baixo poder aquisitivo e moradores de bairros considerados periféricos e sem muita infraestrutura urbana (De Oliveira, 2017, p. 6).

Evidentemente, as galeras não necessariamente ocuparam em Manaus um espaço nos centros urbanos que fosse representativo do que significou o fenômeno das torcidas em outras capitais. Até porque, conforme constata Saldanha (2023), movimento semelhante se via nos bailes funk e “bailes de corredor” pelo Brasil, nos quais os grupos estabeleciam conexões com diferentes tipos de torcidas para manutenção da agenda de confrontos com rivais.

Na América Latina como um todo, Viveros Vigoya (2018) observa que a violência foi incorporada por grupos de jovens como forma consequência da exclusão social, passando a ser expressa como uma identidade ligada a práticas de torcidas ou gangues. Vale destacar que

essa violência também era registrada em ambientes de sociabilidade da classe média, impulsionada pela prática do Jiu Jitsu, embora esta jamais recebesse a mesma pressão e crítica da imprensa e de formadores de opinião, tanto em Manaus quanto em outras cidades do Brasil.

O fenômeno do hooliganismo na Europa, especialmente na Inglaterra, também é elemento indispensável na composição dessa dinâmica que, como se vê, se deu em escala global. Tal qual ocorreu no Brasil e América Latina, especialmente nos anos 1990, nos anos 1980 os grupos identificados como hooligans passaram a receber maior atenção midiática dos governos e cientistas sociais após sucessivos episódios violentos nos estádios, em especial o da final da Taça dos Campeões da Europa de 1985, na Bélgica, onde um conflito entre torcedores da Juventus (Itália) e do Liverpool (Inglaterra) registrou 42 mortes e centenas de feridos.

Murad (2007) destaca que a reprodução de violências dessa natureza na Inglaterra culminou em um relatório governamental produzido a partir de estudos e investigações em busca de maior controle e alegada preservação do futebol enquanto espetáculo. Desta feita, o endurecimento de penas, controle de bebidas alcoólicas e valorização dos ingressos foram algumas das medidas adotadas no sentido de conter os distúrbios nos estádios e arredores.

Este marco internacional da participação do estado nos episódios violentos envolvendo torcedores foi acompanhado da ampliação de pesquisas acerca do tema. Conforme relata Souza (2016), foi possível constatar que a violência observada no futebol esteve sempre conectada a cenários sociais específicos, como “desemprego, consumo banalizado de drogas (maconha, cocaína, ecstasy, álcool), intolerância étnica e religiosa, etc.”.

Grupos identificados como hooligans e ultras (na Europa), barra bravas (América Latina), e torcidas organizadas (Brasil), mobilizaram estudos específicos em vários campos do conhecimento, sobretudo entre as Ciências Sociais, conquistando um espaço importante nas discussões ligadas a segurança de grandes eventos e, principalmente, alcançando destaque mediático em torno desta temática (Souza, 2016, p. 148).

Dessa perspectiva do tratamento midiático ao problema, Lopes (2016) faz a crítica sobre uma cobertura predominantemente reativa e pouco plural, priorizando narrativas que privilegiam as vozes de autoridades públicas e policiais enquanto silenciam os torcedores organizados. Estes são excluídos dos meios de comunicação e do debate público sobre as causas e soluções para a violência, configurando um apagamento que restringe sua capacidade de contestação.

Paralelamente, as matérias jornalísticas recorreram em simplificar o problema, dramatizando cenas de violência para impactar a audiência, reforçando estereótipos negativos. O uso de adjetivos e metáforas que associam estádios a cenários de guerra ou selvageria ajudou a vilanizar esses torcedores, frequentemente apresentados como os principais culpados, o que influenciou a opinião pública e justificou o endurecimento de leis e punições no Brasil.

Essa questão me leva a um momento do trabalho de campo em que estive junto a torcida União Manaus, em jogo do Campeonato Amazonense de 2024, no Estádio Ismael Benigno, a Colina. Uma integrante da equipe de comunicação da Secretaria de Estado de Segurança Pública do Amazonas convidou um representante da torcida para comentar sobre a segurança nos estádios, como parte de uma reportagem institucional do governo.

Will se candidatou a gravar o depoimento em vídeo, mas antes, em off, fez críticas construtivas aos responsáveis pela segurança do jogo, como a entrada de torcedores dos dois times por um único portão naquele dia e em outras vezes, ainda que numa partida com baixa expectativa de público. A observação do meu interlocutor ocorreu no sentido de evitar possíveis confrontos entre torcidas, e que o contrário não poderia ser simplesmente presumível pelos responsáveis.

A cultura de exclusão desses torcedores por parte dos agentes organizadores e promotores do futebol acaba por nublar perspectivas privilegiadas como a de Will, um experiente integrante de um grupo organizado de torcedores que traz na vivência potenciais contribuições para a realização do espetáculo em melhores condições. Lopes (2016) constata que a abordagem praticada ignora demandas legítimas desses torcedores, como a luta contra a elitização do futebol e pela preservação de uma cultura torcedora vibrante, além de subestimar seu papel político enquanto espaços de resistência e participação popular.

É evidente que não se pretende aqui descartar o fato de que também parte de membros de grupos organizados de torcedores a busca pelo confronto e demais distúrbios provocados em razão da rivalidade entre esses grupos. Como veremos mais adiante, além dos elementos culturais aos quais esses torcedores estão inseridos, outros fatores podem ser apontados como hipótese para a prática generalizada da violência.

Da mesma forma que as organizadas eram excluídas, Saldanha (2023) observa que o futebol passou por transformações profundas a partir dos anos 1990, impulsionadas pela crescente influência da televisão e da lógica mercantilista no esporte. Com o avanço das

privatizações, especialmente na Inglaterra, a concorrência entre canais inflacionou os valores pagos pelos direitos de transmissão, levando a um crescimento exponencial nas receitas dos clubes.

A modernização dos estádios, com foco no conforto e segurança, resultou em ingressos mais caros e exclusão de antigos frequentadores, majoritariamente da classe trabalhadora, em favor de consumidores de classes mais altas. O foco foi deslocado para o lucro e a exploração comercial do espetáculo futebolístico. Assim, medidas como o combate à violência foram usadas como justificativa para ações restritivas e excludentes, transformando o ambiente dos estádios e moldando o comportamento das torcidas para se alinhar ao novo perfil do esporte como produto midiático.

Esse efeito foi impulsionado pela escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014 e a consequente readequação das principais praças esportivas para atendimento ao padrão FIFA. Com isso, o futebol brasileiro passou por uma notável resignificação do torcer, gerando dissidências e crises entre as torcidas constituídas no modelo de 1990. Nesse período ganham espaço as “barras”, inspiradas especialmente nas torcidas argentinas.

Com performances de apoio incondicional e novos elementos visuais e musicais, como tirantes, trapos, bandeirolas, e um ritmo cadenciado com influência da cumbia, as barras no Brasil desenvolveram características próprias, adaptando o modelo estrangeiro às especificidades locais. Esses agrupamentos trouxeram inovações estéticas e simbólicas às arquibancadas, além de fatores comportamentais em alguns casos.

Algumas barras brasileiras se diferenciam das torcidas da terceira geração pelo repúdio à violência e pela valorização de um ambiente acolhedor e focado na festa das arquibancadas. Essas características favorecem a inclusão de públicos diversos, como mulheres em papéis relevantes, e atendem a interesses mercadológicos do futebol como espetáculo. Visual e musicalmente, priorizam elementos que celebram a história e a tradição do clube, evitando exaltações ao próprio grupo ou provocações aos rivais.

Em Manaus, um exemplo desse novo estilo é a torcida Bucheiros da Colina. Criada em 2014, ano da Copa do Mundo e da entrega do Estádio Ismael Benigno reformulado - situado próximo ao bairro de origem do clube e onde o mesmo costuma mandar seus jogos -, o grupo abusou da estética barra, a qual faz questão de se identificar. Sinalizadores, rolos de papel atirados ao campo e cantoria por todo o jogo, com músicas inspiradas no ritmo da cumbia dão o tom da torcida. “Seguimos orgulhosamente bêbados”, diz uma de suas faixas.

**Figura 18 - Torcida Buceiros da Colina em noite de jogo no Estádio Ismael Benigno**



Fonte: Facebook da torcida Buceiros da Colina. Foto de 2015

Outra característica marcante desse momento é a organização de forma horizontal e informal, com rejeição a centralização hierárquica, optando por estruturas menos complexas, com membros se reunindo majoritariamente durante os jogos e sem rituais de filiação. Sai de cena o CNPJ. A legitimidade documental se faz de outras maneiras, como em contas de redes sociais e grupos de Whatsapp.

Compõem esse enquadramento novas identidades torcedoras que ressignificam os valores das arquibancadas. Exemplos como Torcidas Rastas e Reggae, Torcidas Chopp e Torcidas Gospel revelam agrupamentos baseados em interesses culturais ou religiosos, marcados por filosofias pacifistas, sociabilidade ou espiritualidade (Saldanha, 2023). Esses modelos, ao se afastarem do estigma da violência e da hierarquização rígida, disputam simbolicamente os sentidos e práticas tradicionais do torcer, promovendo diversidade nas formas de vivenciar o futebol.

Após dedicar o primeiro capítulo para contextualização do futebol amazonense no âmbito dos marcos, façanhas e desempenhos nas competições nacionais, fator crucial para manutenção da existência dos clubes, promovo aqui a conexão com o universo das torcidas após este breve resumo permitido pelos estudos realizados neste campo em diferentes regiões no Brasil. É num momento de baixa representatividade do Amazonas no futebol e novos estádios padrão FIFA que se dá o surgimento do Manaus e, em consequência, suas primeiras torcidas.

Pessoalmente, estive especialmente conectado com a agenda do futebol na cidade de Manaus no período entre 2016 e 2019, através de um canal no Youtube criado por mim, em

parceria com o colega jornalista Felipe Costa, chamado Bola pro Mato. O espaço nascia no audiovisual como desmembramento do blog de mesmo nome que, a princípio, fez parte do portal D24am.com no ano de 2012, quando fui repórter do veículo.

Em 4 de fevereiro de 2018, publiquei um vídeo-reportagem com o título “Menino Manaus - Nova postura, bom começo”<sup>15</sup>. O material é inspirado no bom desempenho do time que vinha em busca do bicampeonato amazonense e com bons desempenhos na Copa Verde, chegando a eliminar o Remo. Mas a minha maior curiosidade estava em volta da torcida atraída aos jogos e de como era possível um clube recém-fundado reunir tão rapidamente um público em quantidade semelhante aos já tradicionais Nacional, São Raimundo, Princesa do Solimões, entre outros.

No vídeo, entrevisto torcedores e dirigentes do Manaus para entender esse processo e descubro que a formação de times para disputa das competições infantil e de juniores foi fundamental na composição do público crescente.

Minha relação com o Manaus foi começando a assistir aos jogos com meus amigos, nas categorias de base desde o ano passado. Aí, com o decorrer dos dias, eu fui gostando muito do Manaus e comecei acompanhar o campeonato amazonense profissional. Acabei trazendo a minha noiva para começar a torcer comigo também. Como ela gosta muito de futebol e também não tinha time em Manaus, eu acabei tentando... Eu to tentando trazer toda a família, mas até então consegui trazer só a Bruna” (Ygor Freitas, estudante)

Se você me perguntar se tem alguém por trás disso envolvido, pra chegar e fazer torcida, convocar e tudo mais, não é eu e nem o Giovanni (Silva, cofundador e então presidente do clube). São pessoas que realmente estão admirando o Manaus, estão confiando no trabalho propositivo que estamos fazendo. Um trabalho que já deu resposta em pouco tempo, quatro anos (Luis Mitoso, cofundador e então presidente de honra).

Em 8 de julho daquele ano, o Manaus chegou às quartas-de-finais da Série D no ano de estreia. Perdeu o primeiro jogo por 1 a 0 contra o Imperatriz-MA. Na partida de volta, atraiu público máximo à Colina, onde venceu por 2 a 1, mas nas disputas por pênaltis foi derrotado e eliminado da competição. O jogo valia o acesso à Série C, disputa que um time do estado não alcançava desde 2010, com o América<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> Vídeo disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=P3ZaFr0ilWA&t=181s>.

<sup>16</sup> Apesar de alcançar o acesso à Série C e uma vaga na decisão pelos resultados na quarta divisão daquele ano, o América de Manaus foi condenado pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) por infração do artigo 214 do CBJD (escalação de irregular de jogador), com perda de seis pontos. Com isso, o clube foi desclassificado, perdendo a vaga na Série C de 2011 para o Joinville.

**Figura 19 - Manaus foi eliminado da Série D de 2018 com casa cheia na Colina**



Foto: Bruno Tadeu (2018).

Cinco anos depois, ao entrevistar Will para esta pesquisa, descobri que após aquela partida ele daria início a estruturação da torcida, primeiro como Torcida Organizada Gavirmãos. Até então, Will afirma que era um frequentador de jogos pontuais e do futebol amazonense, mas antes foi integrante da Força Jovem do Vasco em Manaus, de onde traria as bases para estabelecer a formação da nova torcida.

### **2.3 - Manaus Futebol Clube: surgimento, ascensão e recuo**

Como foi possível verificar no Capítulo 1, as equipes do Amazonas costumam atrair a atenção de público maior em duas ocasiões: quando estas enfrentam adversários reconhecidos pelos amantes do futebol em competições nacionais ou mediante a possibilidade de vencer uma competição nacional. A agenda local de jogos é restrita a um grupo muito reduzido de torcedores que se mantém presente, resistindo a desvalorização contínua do Estadual ao longo dos anos.

O Manaus Futebol Clube surgiu em 5 de maio de 2013. Foi fundado pelos dirigentes Luis Mito - que é vereador em Manaus desde 2008 - e Giovanni Silva, que deixaram o Nacional após divergências internas ainda em 2013, ano do centenário do clube. A fundação e início das atividades do Manaus foi rápida: já em setembro daquele ano, estrearam na segunda divisão estadual, na qual obteve o título e o acesso para a primeira divisão, a ser disputada em 2014.

O clube tem como mascote o gavião-real, ave também conhecida como harpia e que habita regiões de floresta preservada, principalmente na Amazônia e com presença notável em Manaus e proximidades<sup>17</sup>. No escudo, ostenta na parte superior a cúpula do Teatro Amazonas, principal ponto turístico da capital amazonense. O gavião-real aparece com uma bola de futebol entre as garras. A agremiação tem ainda as cores verde, branco e preto.

**Figura 20 - Escudo do Manaus Futebol Clube**



Foto: Página do Manaus no Wikipédia

Nos primeiros anos de existência, o Manaus esteve presente e competitivo não apenas no campeonato profissional masculino da Federação Amazonense de Futebol, mas também no feminino e nas categorias infantil e juvenil. O envolvimento de familiares de atletas das diferentes categorias do clube ajudou a constituir torcida, reforçada por simpatizantes à medida que o clube alcançava resultados positivos, sobretudo nas competições regionais e nacionais.

Foi tricampeão amazonense (2017-2019), depois bicampeão (2021-2022) e vencedor da edição de 2024, acumulando seis títulos estaduais em 11 anos de existência. Representou

---

<sup>17</sup> Informações obtidas no site WikiAves, disponível no link [www.wikiaves.com/wiki/gaviao-real](http://www.wikiaves.com/wiki/gaviao-real). Acessado em 14 de dezembro de 2024.

o estado com participações competitivas na Copa Verde (chegou às semifinais em 2018 e 2020) e Copa do Brasil. Em 2018, disputou nos pênaltis o acesso para a Série C na primeira participação em campeonatos brasileiros, mas foi derrotado pelo Imperatriz-MA, em jogo válido pelas quartas de final da Série D daquele ano.

Em 2019, outra grande campanha: invicto na primeira fase com quatro vitórias e dois empates, depois vitórias contra Real Ariquemes-RO e São Raimundo-PA. Nas quartas-de-final, o jogo que valeu o acesso para Série C do ano seguinte foi contra o Caxias-RS. Diante de um público de 44.121 torcedores na Arena da Amazônia, o Manaus conquistou uma vitória empolgante de 3 a 0. No primeiro confronto, havia perdido no Rio Grande do Sul por 1 a 0.

O time superou ainda o Jacuipense-BA nas semifinais e chegou à final da competição, no dia 18 de agosto de 2019, levando 44.896 pessoas à Arena da Amazônia na decisão contra o Brusque-SC. O Gavião foi derrotado nos pênaltis, mas oportunizou a quebra do recorde de público da Arena numa quarta divisão, sem precisar de um clube tradicional do eixo Rio-São Paulo como adversário para atrair espectadores.

**Figura 21 - Mais de 40 mil pessoas assistiram ao jogo do Manaus contra o Caxias, em 2019**



Foto: Bruno Tadeu (2019)

O Manaus se manteve na Série C até 2023, quando foi rebaixado. Na mesma competição, viu o recém-criado Amazonas Futebol Clube conquistar o título, o primeiro da história do estado em um campeonato nacional. Em circunstância de rivalidade pelo posto de principal representante do estado em competições nacionais, os dois times se enfrentaram na final do Campeonato Amazonense de 2024, quando o Manaus levou a melhor.

Na disputa da Série D de 2024, o Manaus caiu nas oitavas de final para o Iguatu-CE. A conquista do Estadual, contudo, garantiu a agenda completa de jogos para o time na temporada de 2025 (vagas na Copa do Brasil, Copa Verde e Série D), embora em menor visibilidade e sob a pressão pelo acesso para recuperar a estabilidade da disputa de uma Série C.

**Figura 22 - Jogo do Manaus contra o Amazonas no Estádio da Colina, durante o Campeonato Amazonense de 2024**



Foto: Bruno Tadeu (2024)

É no período entre a disputa e queda para a quarta divisão em 2023, a conquista do Campeonato Amazonense e o insucesso na competição nacional de 2024 que esta pesquisa é realizada junto à torcida União Manaus, escolhida como foco do trabalho num momento em que o clube gozava de maior prestígio e representatividade local diante dos compromissos no futebol, mas que logo caiu na histórica instabilidade que marca o Amazonas no cenário esportivo brasileiro.

Analisar uma torcida organizada de um clube de futebol masculino no Amazonas passa por entender o histórico e as condições nas quais o esporte foi e é praticado na região. Desafios logísticos, econômicos e políticos característicos influenciam diretamente nos desempenhos dos clubes mediante as exigências do profissionalismo e alto rendimento, o que reverbera na intensidade de interesse da população.

Pode-se afirmar que as condicionantes para se manter relevante e competitivo nessas circunstâncias envolve, primeiro, conquistar um calendário de jogos na temporada, através do

sucesso no campeonato local; segundo, ser vitorioso nas competições nacionais, alcançando acessos nas divisões inferiores. Tudo isso sem grandes patrocinadores, dependência de verbas do estado e das finanças dos próprios dirigentes.

Por outro lado, os insucessos representam, em diferentes instâncias, riscos de afastamento da agenda nacional e até mesmo local, em caso de rebaixamento no Campeonato Amazonense, o que já ocorreu com os tradicionais Rio Negro, Fast e São Raimundo. Desta forma, vencer não representa apenas a alegria genuína da torcida e o avanço rumo às conquistas, mas também a fuga do completo ostracismo, que assombra boa parte dos clubes e torcedores amazonenses.

Dessa maneira, acrescenta-se ao significado do torcer para o amazonense uma condicionante diretamente afetada pela instabilidade competitiva que marca os clubes, desafiados a uma sequência de sucessos para manutenção não apenas da agenda no estado e, principalmente, nos campeonatos nacionais, mas também do interesse em larga escala daqueles que frequentam os estádios para acompanhar os times locais.

#### **2.4 - ‘Domingo eu vou lá no Vivaldão!’: organização, integrantes e práticas da União Manaus**

Integrar uma torcida organizada de um time de futebol com o intuito de realizar uma etnografia é desafiador, tanto pelo exercício antropológico em si quanto pela perspectiva de análise das masculinidades possíveis em questão. O mesmo motivo que me levou a escolher o campo de pesquisa - pensado como cenário promissor para análise no campo de gênero e, ao mesmo tempo, local familiar pela minha vivência enquanto repórter de esportes - é também razão para estabelecer vigilância diante dos rumos que a pesquisa pode tomar.

Primeiro, acredito ser importante pontuar o quanto essa experiência oportunizou a mim uma ampliação de horizontes que colide com generalizações e vícios de linguagem adotadas no fazer jornalístico, dos quais preciso estar atento em reconhecer e evitar. Como já vimos neste capítulo, a conduta da torcida na ótica da imprensa é expressa nas produções de forma pontual, onde a imersão costuma ocorrer mediante a cenários de conflitos físicos explícitos, o que via de regra desperta juízo de valor e opiniões punitivistas (Lopes, 2019).

Expressão popular brasileira, o futebol tem nos grupos organizados de torcedores o que se pode considerar a essência dessa cultura. Não seria o mesmo sem os espetáculos nas

arquibancadas, os papéis picados atirados no gramado quando os times entram em campo, a euforia do gol. Uma das amostras da importância da torcida estava na experiência do futebol sem público em tempos de pandemia, onde o silêncio imperava. Não que a torcida seja generalizadamente esquecida ou marginalizada. Pelo contrário.

O papel do torcedor é reconhecido, mas costumeiramente num lugar de figura neutra, onde se costuma medir mais de forma quantitativa que qualitativa. Torcedores são veículos de emoções, para os momentos bons e ruins. Alguns entendem os limites do bom senso, outros não. E essa linha do bom senso é extremamente relativa, onde problemas de outras ordens, que não do próprio esporte, às vezes tomam dimensões drásticas na arena do futebol.

A torcida está para boa parte da imprensa - na qual eu me incluo e observo a partir de concepções do passado - como um “fato social total” (Mauss, 1925). Conhecer a torcida a partir de seus integrantes oferece uma perspectiva que imediatamente contrasta com a visão generalista e reduzida dessa prática e permite refletir sobre a prática etnográfica enquanto abordagem promissora para um trabalho mais comprometido com a verdade e a variedade de possibilidades deste campo.

Mas essa abstração talvez seja a mais prática, inevitável e de rápida execução nesse exercício. O maior desafio provavelmente está na busca por diálogos e articulações diante do contexto em que se encontra a torcida União Manaus. Movido pela expectativa jornalística de encontrar facilmente, em qualquer que fosse o campo, perfis de masculinidades que oferecessem em riqueza de amostras as categorias de análise comuns desse campo de estudo, deparei-me com um cenário um tanto quanto inesperado.

Movido pelas memórias de infância e vivências profissionais em estádio, escolhi a União Manaus para a delimitação da pesquisa na expectativa de analisar discursos e manifestações esperadas. Contudo, deparei-me com um grupo que estabeleceu um pacto interno de não-violência, seja contra torcidas de times adversários, seja em protestos diante de resultados ruins do Manaus, seja internamente.

Dessa forma, a busca pelo reconhecimento a partir de uma conduta não violenta enquadra a União Manaus em um perfil recente de grupos organizados de torcedores (Saldanha, 2023), ainda que este fator não esteja livre de contradições. Criador da torcida e figura mais influente, Will Hobson afirmou em nossa primeira conversa que a União é formada por torcedores *good vibes* e que, portanto, diferencia-se do que se convencionou a pensar sobre torcidas.

Como veremos a seguir, a partir de uma imersão neste grupo e através do embasamento adquirido a partir dos estudos dedicados às torcidas pelo Brasil, a União Manaus reúne características muito particulares, ao mesmo tempo em que absorve práticas históricas de agrupamentos com finalidade semelhante.

#### **2.4.1 - ‘Já tivemos briga logo no primeiro dia, né?’**

A União Manaus foi o meu primeiro contato com um grupo organizado de torcedores. Nunca sequer acompanhei um jogo de futebol próximo a uma delas ou tive amigos integrantes com maior grau de envolvimento com organizadas, se a minha memória não falha. Na infância e adolescência, os perfis desses grupos sempre chegaram até mim representados por práticas violentas de confronto com outros grupos e motivo de alerta quanto ao uso de camisas ou adereços em desacordo com determinados espaços.

Entender a torcida para além desse aspecto parte de um compromisso pessoal de questionar a reprodução midiática convencional. Apesar de ter uma vida voltada ao futebol, seja pela recreação quando criança e adolescente, seja como torcedor, seja como repórter do caderno de esportes por pelo menos quatro anos, o universo das torcidas esteve para mim como um lugar relativamente distante, fato que esta experiência antropológica me obriga a admitir como um pecado original para um jornalista esportivo.

Assim, escolhi este campo contaminado pelas percepções imediatas em volta das organizadas, mas já convencido de que ampliaria os horizontes na oportunidade de conhecer o ambiente ao vivenciá-lo, emprestando o oxímoro observado por Favret-Saada (1990) entre a observação participante e a participação observante. Para tentar driblar a clássica relação de “nós e eles”, optei por integrar a União Manaus, especialmente em jogos do Manaus no ano de 2024.

Essa escolha foi consolidada em 2023, por um fator determinante em se tratando de futebol amazonense: o Manaus era o principal representante do estado em competições nacionais, com calendário cheio. Ou seja, mais oportunidades para torcida se fazer presente nos estádios. É válido destacar que o recém-criado Amazonas Futebol Clube alcançou patamar semelhante neste ano, porém o Manaus vinha de uma sequência mais duradoura de sucessos, conforme retratado no primeiro capítulo.

Ao apresentar o projeto para o meu interlocutor, ele mesmo sugeriu que integrar a torcida seria o melhor caminho para um convívio natural, o que poderia evitar dissimulações. Entendi nessa primeira conversa que o grupo poderia não se sentir à vontade com a minha presença ali, com um papel e caneta ou gravador na mão. De qualquer maneira, fui apresentado a parte da torcida em uma feijoada na Praça do Caranguejo, Conjunto Eldorado, onde o grupo tinha hábito de se reunir antes dos jogos na Arena da Amazônia ou para assistir às partidas pela TV, quando o Manaus atuava fora do Amazonas.

Tanto nesse espaço quanto durante os primeiros jogos próximo à torcida fui mais um observador. Prefiri entender com cautela os hábitos, a divisão de tarefas, a natureza das conversas, as interações internas, as músicas, as performances, para num segundo momento tentar diálogos e maiores interações com o grupo, o que eu só alcançaria em algum nível no ano de 2024, quando efetivamente passei agir como membro da torcida.

Antes do início da Série C do Campeonato Brasileiro de 2023 tive apenas o acordo com Will para realizar a pesquisa, sem maiores formalidades. No dia da estreia, em 2 de maio, enviei uma mensagem para ele avisando que iria ao jogo, na expectativa de que conversássemos em algum momento. Cheguei ao estádio mais ou menos uma hora antes. O adversário era o Clube Náutico Capibaribe, de Pernambuco.

Era noite. Entrei no estádio e avistei de longe a faixa da União Manaus, pendurada pela parte da mureta que fica para o gramado. O local onde estava a faixa da torcida era logo atrás de uma das traves no campo, oposta ao lado em que entrei. Contornei, então, o anel inferior do estádio para chegar ao meu destino. Aguardando o grupo, notei que torcedores com o uniforme do Náutico se reuniam num bloco centralizado das cadeiras do anel sul, na direção da linha que divide o gramado.

Faltavam 20 minutos para começar o jogo quando avistei próximo onde estavam os torcedores do Náutico um homem sem camisa e de calça comprida preta, que num ato súbito correu em direção a um trio de torcedores com a camisa do Manaus. Não consegui identificar a motivação dessa atitude, nem mesmo se ela existiu, mas aqueles torcedores do Manaus apenas continuaram andando e mostrando estranhamento, no que o homem recuou e se juntou a um grupo com outros quatro, todos eles com roupas pretas, sem alusão a nenhum time.

Em paralelo, notei que um grupo de torcedores se formava atrás da trave do lado oposto ao que eu estava e por onde entrei. Eram os integrantes da União Manaus, que começaram a cantar desde antes de se posicionarem nas arquibancadas. Quando os jogadores já estavam em

campo, a torcida se deslocou ao local onde eu estava. E eles escolheram atravessar a arena pelo lado onde estava a torcida do Náutico. Foi estabelecido o cenário de tensão.

A torcida União contabilizava cerca de 50 pessoas naquele dia, a grande maioria homens, no momento que avançou cantando e tocando os instrumentos (surdo e tambores). Ao se aproximar dos apoiadores do Náutico, alguns integrantes da União Manaus iniciaram uma breve sessão, em movimento, de xingamentos e provocações aos adversários. Quando quase todos já haviam passado do local, dois daquele grupo de homens com roupas pretas caminharam em direção à torcida, chamando os integrantes para a briga.

Neste momento, lembrei do meu primeiro contato com o Will Hobson e do quanto ele enfatizava o fato da União Manaus ser diferente neste aspecto, por ser uma torcida, segundo ele, sem o propósito do confronto. É bem verdade que alguns membros da União Manaus provocaram o grupo de torcedores do Náutico, mas a interação não sugeriu uma intenção de confronto físico direto. Pelo menos não diretamente. Não foi dessa forma que o pequeno grupo alocado entre a torcida visitante interpretou. Ou quis interpretar. Eles notadamente desejavam o confronto.

Após chamarem os torcedores do Manaus para a briga e serem majoritariamente ignorados, os dois sujeitos avançaram entre os representantes da União Manaus, agrediram pelo menos um, que ficou ferido na cabeça, quebraram uma indumentária caracterizada por uma cabeça de um indígena e um instrumento, antes de recuarem. De maneira geral, os integrantes da União demonstraram surpresa com a ousadia e agressividade daqueles homens.

Parte dos integrantes da torcida queria reagir, reunir um grupo e ir em direção aos agressores com a intenção de revidar. Outra parte se acomodava nas cadeiras enquanto inventariava os danos físicos e materiais do ocorrido. Outros reclamaram da decisão de contornar o anel inferior do estádio justamente pelo lado em que estavam os torcedores adversários, procurando o responsável pela decisão. Manaus e Náutico já estavam se enfrentando no gramado, mas a partida ganhou a atenção dos torcedores só depois dos primeiros 15 minutos.

Posteriormente, Will reconheceu que a escolha da locomoção da torcida pelo lado onde estavam os visitantes foi um erro e defendeu a provocação como parte do ambiente de um estádio, e que isso não poderia justificar a conduta violenta dos agressores. “Eu escolhi entrar num mundo que já tinha essa violência. Eu falo isso pra eles toda vez, eu digo: ‘cara, vocês não vão mudar esse mundo, vocês só vão mudar o mundo de vocês’”, disse.

Naquela ocasião em específico, a União Manaus seguiu a postura defendida por Will de se esquivar do estigma da violência. Ao fim da partida, a vitória do Manaus por 2 a 1 amenizou o trauma do confronto. O clima de indignação e raiva deu lugar à satisfação da vitória e o conflito ficou em segundo plano. Só após parabenizar os integrantes da União Manaus pela performance ao longo do jogo, Will me reconheceu, aproximou-se, comprimimentou-me e lamentou: “Já tivemos briga logo no primeiro dia, né?”.

#### 2.4.2 - A origem e o Censo da União Manaus

A União Manaus é formada por outras cinco torcidas: Fúria Jovem Manaus, Torcida Desorganizada Manaus FC, Torcida Organizada Psicoucos, Torcida Uniformizada Gaviões do Norte e Movimento Camisa 12. Além dessas, atuam de forma independente a Ira Jovem e a Torcida Organizada Gavirmãos, sendo esta última a porta de entrada de Will no universo das organizadas do Manaus, segundo ele, na passagem de 2018 para 2019.

Foi membro da Força Jovem do Vasco em Manaus, conhecida como 26ª Família. A numeração ordinal diz respeito ao agrupamento pertencente à organizada, espalhada por diversos núcleos no Rio de Janeiro, em outros estados e até no exterior. Torcedor do Vasco desde a infância, Will diz que passou a entender melhor as organizadas após essa primeira experiência onde, de acordo com ele, não alcançou posições de destaque no grupo por não compactuar com algumas práticas ilícitas.

**Figura 23 - Em pé na mureta, Will (de camisa verde) e Mário (camisa preta) regendo a torcida**



Foto: João Normando/Federação Amazonense de Futebol

Esteve à frente da Gavirmãos no momento mais importante do Manaus, entre 2019 e 2021, desde acesso à Série C até as campanhas que quase renderam lugar na Série B, com boa presença de público na Arena da Amazônia. O estádio construído para receber jogos da Copa do Mundo era objeto de cobiça e desafio para clubes locais que postulavam ocupar o lugar com boa presença de público. Além do time feminino do Iranduba, o Manaus foi quem se aproximou desse feito.

Chamei a galera e lancei o projeto na chácara onde trabalhava. Começou a ir a galera da Força (Jovem do Vasco) que não tinha espaço. A base da torcida era toda vascaína. Mais a frente eu introduzi flamenguistas, porque ali não tinha nada a ver com o Vasco. Era Manaus. Para mim, era uma empresa, trabalho. Levantei tesouraria, até assessoria jurídica. Em 2019 a gente já tinha uma base. Os torcedores rivais não precisavam se abraçar, mas respeitar. Sem drogas, sem brigas (Will Hobson, em entrevista concedida em 30 de agosto de 2023).

Embora questione a violência e outras práticas das torcidas, Will admite que a estruturação de um grupo organizado de torcedores exige preparos para situações de confronto, como a definição de pistas<sup>18</sup> e códigos para reação em circunstâncias de ameaça diante de outras torcidas. Assim foi operacionalizada a Gavirmãos, clube onde meu interlocutor estreitou a relação de paixão com o Manaus.

Will tem no antebraço uma tatuagem do escudo do Manaus e faz questão de dizer que é maior que a da própria esposa. Também tatuou o filho, formando as únicas três artes que diz ter no corpo. Se antes eu achava curiosa a rápida relação de torcedores com o Manaus em seus primeiros jogos, como abordei no capítulo 2.2, Will apareceu como exemplo de que a paixão por um time de futebol não exige tempo mínimo para se consolidar.

Apesar do esforço em estruturar a torcida, a Gavirmãos não chegou a ter um CNPJ. Após divergências internas e acusações de uso impróprio de recursos, mesmo sem comprovação, além dos impactos da pandemia de Covid-19, Will deixou a torcida em 2021 e ficou afastado das organizadas até participar da fundação da União Manaus, em 2022, num esforço para reunir outras torcidas e ampliar presença no estádio.

---

<sup>18</sup> No universo das torcidas organizadas, "pista" é o termo usado para designar o membro da torcida que participa ativamente de brigas, confrontos e embates físicos com torcidas rivais, além de ser aquele que costuma promover o "atraso", que é a apropriação de qualquer patrimônio físico pertencente a torcidas adversárias.

Figura 24 - Escudo da União Manaus



Foto: Instagram da Torcida União Manaus

O emblema é uma animação do rosto de um homem indígena, com semblante sério, uma faixa verde no cabelo preto, com traços que lembram a Arena da Amazônia vista por fora. Além do nome da torcida, é destacado o termo “somos família”. Tudo nas cores verde e preto, alusivas ao Manaus. Descobriria depois que o emblema é uma adaptação ao da Fúria Jovem do Manaus, no qual o homem indígena aparece em plano americano, da cintura pra cima, com a camisa da torcida e corpo musculoso.

Diferente do que é possível observar em outras torcidas, Will informou que a União evita associações explícitas com torcidas organizadas de outros clubes, tanto locais quanto de fora, para manter a neutralidade e evitar conflitos, o que tem se mostrado efetivo e dispensado maior preparo para conflitos. Essa postura, entretanto, não exclui colaborações pontuais, como a recepção de torcedores visitantes em Manaus ou o apoio a grupos e situação de jogos decisivos na cidade, até mesmo de times rivais.

Os integrantes da União também costumam frequentar jogos do Manaus em outros esportes, como vôlei, e das categorias de base, buscando engajamento para além do futebol profissional. Embora a maioria dos torcedores residam na região do Campos Sales, conjunto na Zona Oeste de Manaus, Will afirma que não há nenhum propósito ou movimento pelo território a partir da torcida.

A Praça do Caranguejo é o ponto de encontro para a sociabilidade para além da agenda do Manaus, servindo como oportunidade de manutenção das amizades em ambiente onde é comum a exibição de jogos de futebol por telões em bares. O local também serve como ponto de saída nas viagens de ônibus para assistir jogos no interior ou mesmo em Roraima.

Segundo Will, a torcida já promoveu campanhas de doação de sangue, mas não tem o hábito de realizar ações sociais ou mesmo defender causas específicas, seja durante os jogos, seja em outras agendas. Contudo, a união das cinco torcidas não necessariamente representou a dissolução delas, o que faz com que cada uma siga livre para promover ações, como fez a Psicoloucos em janeiro de 2021 ao divulgar na conta do instagram uma campanha de arrecadação para fazer um “sopão” em frente a hospitais, no auge crise pandêmica.

A irreverência é um elemento notável. Um dos membros passou a se fantasiar como homem aranha, usando uma versão preta da fantasia do herói dos quadrinhos e adequando a vestimenta a um dos uniformes do Manaus, na mesma cor. Foi apelidado de “Miranha do Manaus” e ganhou até uma reportagem<sup>19</sup>. O torcedor esteve presente na torcida durante meu campo, não mais fantasiado, geralmente integrando a bateria.

A influência política também não fica em segundo plano. O cofundador e presidente de honra do Manaus é o vereador Luis Mitoso. Will se tornou assessor parlamentar dele em 2020 e passou a ter um cargo especial no Manaus, motivo pelo qual abriu mão da presidência da torcida. Para ele, não faz sentido comandar o grupo e ter vínculo com o clube, o que poderia ferir a independência. De qualquer maneira, o criador tem notável influência na União Manaus como liderança.

O presidente é Mário Garcia, representante da Fúria Jovem e principal articulador da torcida, responsável por levar aos estádios as bandeiras e instrumentos, além de fazer a lista de chamada para os jogos no grupo da torcida no Whatsapp. Mário diz que sempre esteve envolvido com torcidas, desde a escola. Quando adolescente, frequentou os jogos do São Raimundo na Série B e integrou a torcida organizada Furacão Azul.

Como atleta, Mário fez parte das categorias de base do Nacional, sendo colega de jogadores amazonenses que se profissionalizaram, como Jhonatan, Railson e Hamilton. Sofreu uma lesão que o impossibilitou de continuar.

---

<sup>19</sup> Reportagem disponível no link: <https://www.acritica.com/esportes/multiverso-esmeraldino-conheca-matheus-harada-o-miranha-do-manaus-1.271108>. Acesso em 19 de agosto de 2024.

Então eu senti que a gente precisava ter a altura uma torcida que representasse nosso estado, nosso clube, porque pro tamanho do nosso estado, não ter um time numa Série B, numa Série A, é muito ruim pra gente. Como eu não posso estar presente no gramado por conta da contusão que eu tive, então achei uma forma de estar presente no estádio, ajudando o futebol (Mário Garcia).

O sucesso de público e a participação atuante da torcida nos jogos do Manaus até meados de 2021 chamou a atenção do Movimento Verde Amarelo (MVA), organização que reúne torcedores brasileiros em mais de 176 Embaixadas e 38 Modalidades esportivas<sup>20</sup>. Mário assumiu a embaixada do MVA em Manaus a partir de então. A integração com o movimento possibilitou a viagem dele até o Qatar para integrar a torcida brasileira na Copa do Mundo de 2022.

Além das responsabilidades logísticas e de comunicação, o presidente da torcida também movimenta um grupo de sócios, com participação mediante pagamento de um valor mensal de R\$ 30,00 para custear a manutenção do patrimônio da União Manaus. A essa altura, já no grupo da torcida no Whatsapp e com algumas observações de jogos na Série C de 2023, passei a contribuir com o programa como forma de consolidar minha integração e receber gratuitamente os ingressos para os jogos.

Em 21 de janeiro de 2024, cheguei com antecedência no Estádio Ismael Benigno para o jogo de estreia na temporada e no Campeonato Amazonense, contra o Rio Negro. A partir dali, iniciei um compromisso de sempre contribuir com a torcida carregando o patrimônio do carro para as arquibancadas e das arquibancadas para o carro, no fim. Deixei de lado o perfil espectador/observador e acionei o perfil torcedor, cantando o mais forte que podia, batendo palmas e até participando de algumas performances coletivas durante os jogos.

Para efeito de contextualização, o Manaus já apresentava uma gradual redução de público, passada a euforia do acesso à Série C em 2019 e as frustrações na tentativa de um novo acesso, desta vez para a Série B, entre 2020 e 2022. A queda para a Série D, em 2023, aliada com o sucesso e ascensão do rival Amazonas naquele ano, atraindo a atenção da torcida e da imprensa, colocaram o clube num patamar abaixo de outros tempos, com públicos inferiores a 500 presentes, em média<sup>21</sup>.

---

<sup>20</sup> Mais informações sobre o movimento disponível no link: <https://movimentoverdeamarelo.com.br/quem-somos/>.

<sup>21</sup> O cálculo para essa média de público foi feito a partir dos boletins financeiros dos jogos, publicados no site da Federação Amazonense de Futebol.

**Figura 25 - União Manaus durante jogo contra o Amazonas, em 2024**



Foto: Bruno Tadeu

Além de sentir na pele que o clima de forte calor, sempre seguido por chuva, era uma das principais adversidades de um torcedor no Amazonas, fiz da minha presença e participação um veículo para a conquista da confiança dos integrantes da torcida, ou pelo menos parte dela. Após três meses de dedicação a agenda de jogos, lancei minha estratégia de elaborar um censo da torcida, com autorização prévia de Mário e Will.

Percebi que não conseguiria fazer nos encontros em dias de jogo porque essas ocasiões eram de foco total no apoio ao time. Os tempos mais livres, como os intervalos dos jogos, eram para um necessário descanso, com comentários sobre a performance do time e resenha entre os amigos. Foi quando me convenci de que a coleta teria mais sucesso por via online, pelo Whatsapp, através do acesso aos membros do grupo da torcida.

Elaborei um texto me apresentando e explicando o mais breve possível sobre a pesquisa, seguindo de uma lista para preenchimento das seguintes informações: nome; idade; naturalidade; cor/raça/etnia; se é pai/mãe e quantos filhos; religião; estado civil; profissão/ocupação; ano de ingresso na União Manaus; se torcia pra algum time antes do Manaus, qual e se continua torcendo; e se já fez parte de outra torcida organizada.

Com essas informações acreditei ser possível obter um panorama básico do perfil da torcida, principalmente no que se refere às trajetórias como torcedores. Fiz o disparo na tarde do dia 13 de março de 2024, atingindo aproximadamente 80 torcedores. Num primeiro momento não tive retornos, mas logo o presidente se manifestou no grupo. “Galera? O Bruno

Tadeu mandou no privado de vocês. É de confiança. Pode responder. Dê essa atenção pra ele. Rapaz gente fina. De confiança”.

Ao ler a mensagem de Mário no grupo senti um alívio que me fez pensar no episódio de Geertz (1973) na aldeia balinesa. Acredito que a participação nos jogos, cantando e vibrando com a União Manaus, ajudando com o transporte dos materiais e contribuindo com o valor mensal de sócio da torcida constituiu a minha fuga dos agentes policiais durante a briga de galo em Bali, vivenciada pelo antropólogo estadunidense em 1958.

Logo após a fala do presidente comecei a receber respostas dos integrantes. No total, foram 27 retornos. Cheguei a insistir com alguns para que respondessem, sem sucesso com a maioria. Não pretendo especular as razões pelas quais não atingi ao menos metade do número de torcedores abordados, entendendo que estes são livres para se manifestar ou não. É válido pontuar que nem todos participam ativamente do grupo ou mesmo da torcida, que vivia um momento de queda no número de integrantes mais assíduos naquele início de 2024.

No entanto, verifiquei que alguns torcedores mais participativos optaram por ignorar minhas tentativas de contato. Esse foi um desafio no trabalho de campo. Se por um lado obtive um diálogo fluido e acessível com as lideranças, especialmente com Will, por outro minhas tentativas de abordagem com outros membros mais participativos da torcida foram sem sucesso, tanto na elaboração do censo quanto nas tentativas de conversas antes e no intervalo dos jogos.

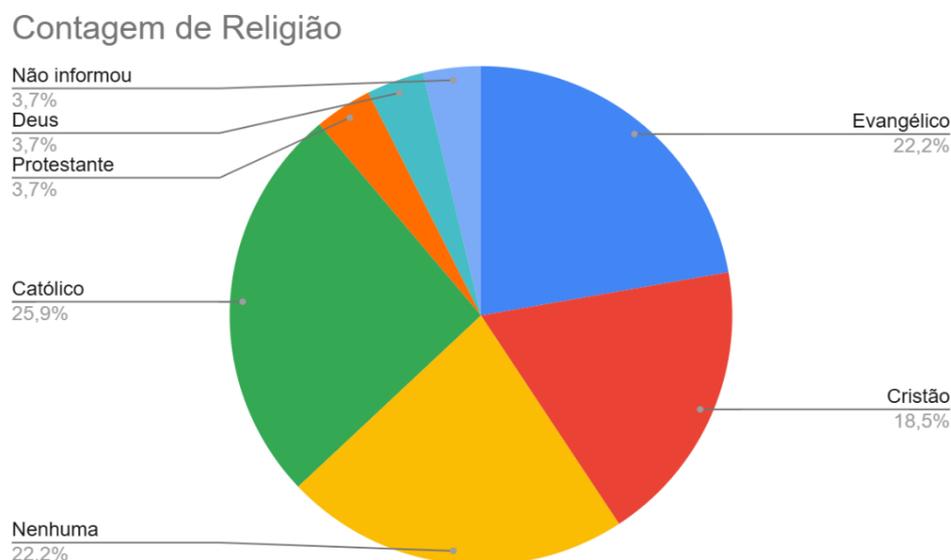
De qualquer maneira, o envio do questionário improvisado proporcionou uma coleta de dados que avaliei como suficiente para uma análise razoável sobre a torcida, além de conversas que possibilitaram estender o conhecimento a respeito de alguns integrantes, como detalhes em relação a adesão à União Manaus e memórias dos tempos de pertencimento a outras torcidas organizadas. Também foi possível estabelecer conexões entre observações etnográficas e dados concedidos.

Entre as respostas, alguns torcedores aproveitaram para enfatizar a preferência pela União Manaus por se tratar de uma torcida “tranquila” ou que “não se mete em confusão”. Nos estádios, a presença de crianças e idosos é comum próximo ao local em que fica a torcida. Eles geralmente são familiares ou amigos convidados dos integrantes. É o caso de um casal que usa o uniforme da torcida e costuma levar os dois filhos pequenos.

A média de idade entre os respondentes é de 30 anos. Foram 21 homens e seis mulheres. São 69,2% solteiros, 15,4% casados e 7,7% em união estável. Uma pessoa se disse

viúva, outra divorciada. Pouco mais de 40% se identificam como evangélico ou cristão, já 25,9% são católicos e outros 22% não possuem religião. 59,3% identificam-se como pardos, 18,5% como brancos e 11,1% negros. 61,5% têm filhos.

**Gráfico 1 - Divisão da torcida por religião**



Fonte: Censo União Manaus (2023)

Chamou a atenção a diversidade de ocupações profissionais entre eles. Três responderam trabalhar como motorista de aplicativo, outros três se disseram autônomos. No mais, todas as outras respostas foram de trabalhos variados, como agente de segurança, motorista de caminhão, engenheira agrônoma, auxiliar de produção, chef de cozinha, dona de casa, almoxarife, operador de máquina, militar aposentado e até pastor.

**Tabela 2 - Profissão dos integrantes da torcida União Manaus**

Profissão	Quantidade
Agente de segurança	1
Almoxarife	1
Assalariado	1
Assessor especial no TCE	1
Assessora de Mídias	1
Autônomo	3
Auxiliar de produção	1
Chef de cozinha	1
Design Gráfico	1
Dona de casa	1
Engenheira Agrônoma	1
Estudante	1
Industriária	1

Líder de operações aeroportuárias	1
Militar aposentado	1
Motorista de App	3
Motorista de caminhão	1
Não tem	1
Operador de Máquina	1
Pastor	1
Professora	1
Social Mídia do Manaus	1
Sublíder de produção Industrial	1

Fonte: Censo União Manaus (2023)

Entre os times que torciam antes, 37% tinham ou têm o Flamengo como preferência. Em segundo lugar ficou a opção “nenhum time”, com 18,5%, opção que dá a entender que o torcedor não tinha preferência por outro time antes do Manaus. 14,8% torciam ou ainda torcem para o São Paulo. São Raimundo-AM e Vasco foram ou ainda são a paixão cada para dois desses torcedores. Corinthians, Nacional-AM e “não torce mais” foram respostas individuais.

Um total de 16 respondentes apontaram que não faziam parte de nenhuma torcida antes de integrar a União Manaus, enquanto três eram - e continuam sendo - da Fúria Jovem Manaus, outra da Gavirmãos. Um respondeu ter feito parte da Força Jovem do Vasco, outro da Furacão Azul, do São Raimundo-AM, e outro da organizada do São Paulo em Manaus. Três não informaram se faziam parte de outra torcida antes da União.

Quanto à naturalidade, 74,1% nasceram em Manaus. Um único integrante nasceu em São Paulo, já os demais são oriundos de diferentes cidades do interior amazonense: Carauari, Itacoatiara, Codajás, Nhamundá, Manacapuru e Anamã.

Figura 26 - Mapa do Amazonas com o local de origem por torcedor da União Manaus



Fonte: Censo União Manaus (2023)

### 2.4.3 - Músicas e elementos da União Manaus

Dia de jogo é dia de ritual. Reunir-se com os integrantes da torcida uma hora antes do jogo, receber os ingressos, carregar o patrimônio para o estádio (faixas, bandeiras, instrumentos musicais, sacola com água etc.), amarrar as faixas nos pontos indicados pela liderança da ocasião e contribuir com o som que envolve os demais torcedores e, por certo, os jogadores em campo. Surdo, repique, caixinha, tamborim e rocar se misturam com as palmas e os cantos empolgados da torcida.

Segundo o presidente Mário Garcia, a União conta com um bandeirão de 60x30m, cinco faixas de 20 a 60 metros por 1 metro e meio, 15 bandeiras dos mais variados tamanhos e 17 instrumentos musicais, que somados contabilizam, de acordo com ele, aproximadamente R\$ 100 mil em patrimônio. Tudo com administração do dinheiro da própria torcida, sem patrocínios. Alguns materiais levam o nome de empresas que prestaram algum tipo de apoio pontual.

Entre as faixas, a mais usada é a que leva o nome da torcida, em verde, preto e branco. Outra diz ‘Da Amazônia para o mundo’, que é trecho de um dos cânticos. As bandeiras exibem escudos do Manaus, da União e rostos de ídolos, como o atacante Hamilton, um dos primeiros destaques da história do clube, além do volante Derlan, do zagueiro Thiago Spice e do presidente de honra e cofundador Luis Mitoso.

**Figura 27 - Repique da União Manaus**



Foto: Bruno Tadeu (2024)

Um adereço muito característico chama a atenção na torcida, que é a cabeça de uma figura indígena. Tem a mesma faixa verde com os traços da Arena da Amazônia presentes na animação usada no escudo da torcida, porém o rosto apresenta uma expressão nitidamente diferente. Neste material, feito de espuma e isopor, o indígena está esboçando um sorriso e não transparece a figura máscula do emblema. É o mesmo que foi danificado no episódio descrito no jogo contra o Náutico.

Will informou que trata-se do Índio Condera, adereço feito pelo artista parintinense Ailton Castro, a pedido de Mário. Num primeiro momento, pesquisei referências a alguma etnia identificada dessa forma, pois nunca tinha ouvido falar. Depois, tudo foi esclarecido: era

uma homenagem a Carlos Condera, torcedor símbolo do Manaus que faleceu aos 38 anos, em abril de 2020, sendo uma das vítimas da primeira onda de casos de Covid-19.

**Figura 28 - À direita, Carlos Condera. À esquerda, torcedores posam pra foto, um deles com o adereço de homenagem ao torcedor falecido**



Foto: Instagram da União Manaus

As músicas e ritmos são adaptações de clássicos compostos por Neginho da Beija-Flor (O campeão), Alceu Valença (Anunciação), Zé Ramalho (Frevo Mulher), entre outros, já transformados em canções de torcidas pelo Brasil e adaptados pela União ao contexto do Manaus. Algumas músicas reúnem mais elementos associados ao Manaus, como o fator regional. É o caso da adaptação de “Frevo Mulher”, uma das mais cantadas pela torcida.

A Arena é nossa casa é o Ninho do Gavião  
Esse manto é de peso é de muita tradição  
Quero te ver em primeiro vai pra cima Manaôos  
Bota raça, deem sangue, joguem sempre com amor  
Quando o Manaus joga a casa é cheia  
A arquibancada incendeia  
É o Gigante do Norte atropelando mais um! Mais um! Mais um!

Na adaptação de “O campeão”, o Maracanã torna-se Vivaldão, estádio que deu lugar à Arena da Amazônia, mas que através da lei estadual 3.966 de 9 de dezembro de 2013, sancionada no governo Omar Aziz, passou a ter o nome Arena da Amazônia - Vivaldo Lima.

Domingo, eu vou lá no Vivaldão  
Vou torcer pro time que sou fã  
Vou levar foguetes e bandeira  
Não vai ser de brincadeira, ele vai ser campeão  
Não quero cadeira numerada  
Eu vou pra arquibancada pra sentir mais emoção  
Porque meu time bota pra foder  
E o nome dele são vocês quem vão dizer, ô-ô-ô  
Ô, ô-ô-ô, ô-ô-ô, ô-ô-ô, Manaus!

Ô, ô-ô-ô, ô-ô-ô, ô-ô-ô, Manaus!

O hino do Manaus é o que mais reúne elementos regionais e reforçam a identidade do clube. Geralmente é cantado em momentos de euforia, em circunstância de vitória ou bom momento do time nas partidas.

Manaus, Manaus, Manaus  
Teu Gavião Real chegou  
Em Verde, Preto e Branco  
Estas são as cores do clube vencedor  
O Teatro Amazonas rebrilha com a luz da chama do esplendor  
Na grande floresta e igarapés ecoa o brado dos grandes Barés  
Cinco de maio de 2013  
No futebol surge o campeão  
Vibra a torcida, sempre aguerrida  
O pulso forte dessa nação  
E entre lutas e desafios  
Manaus é raça, Verde coração  
Ah! Quantas vitórias que virão  
Sei, sou feliz, tenho razão  
Voa, voa Gavião do Norte  
Tu és Guerreiro, tu és forte  
Eu sou Manaus, sempre vou vencer!  
Eu sou Manaus, sempre vou vencer!  
Eu sou Manaus, sempre vou vencer!

Nos momentos em que o time se encontra em apuros e precisa melhorar a performance, os torcedores puxam a letra que pede garra, lembrando que muitos atletas estão de passagem no clube, enquanto a torcida tem vocação de apoio permanente.

Mas eu só quero  
Que venham jogadores  
Que honrem a camisa e lutem sem parar  
Vamos Manaus, com força de vontade  
Mostrando pra torcida muita garra pra ganhar  
Passam-se os anos, passam-se os jogadores  
A União está presente e nunca para de cantar  
Por isso eu estou aqui  
Eu sou Manaus de coração  
Eu te sigo em toda parte  
Com a força da paixão  
Em 2018, nós ganhamos o Barezão  
Foi em cima do Fast (filha da puta!)  
Quatro a zero, Gavião

No início dos jogos ou nos momentos de festa, os torcedores celebram a boemia em uma das mais animadas.

Eu sou boêmio sim, senhor!  
E bebo todas que vier!  
Bebo pelo meu Manaus!

O meu único amor!  
E Dá-Lhe, Dááááá-lhe Manaôos!  
E Dá-Lhe, Dááááá-lhe Manaôos!  
E Dá-Lhe, Dá-lhe Manaôos!!!

A adaptação de “Anunciação” é mais cadenciada, geralmente cantada em momentos favoráveis ao Manaus nos jogos.

Eu vou cantando e apoiando  
Meu Manaus  
Amor igual é impossível comparar  
Sempre ao teu lado não importa onde for  
Se eu morrer até no céu eu vou te amar  
Manaus eu sou  
Não paro nunca de te amar  
Manaus eu sou  
A União é meu lugar

E um dos cânticos mais marcantes é entoado sempre em ocasiões de chuva, onde os demais torcedores buscam se abrigar. Nesses momentos, os integrantes da União Manaus se abraçam, movimentando-se de um lado para o outro e pulando na parte final, entoando:

Dá-lhe Dá-lhe Dá-lhe oh  
Dá-lhe oh  
Dá-lhe oh  
Nunca vou te abandonar  
Gavião do Norte  
A cidade vai parar  
Pra te ver e torcer  
Série C vai acabar  
E o Manaus, vai vencer  
Dá-lhe Dá-lhe Dá-lhe oh  
Dá-lhe oh  
Dá-lhe oh

Em uma das adaptações, a torcida empresta a referência de "*Brasil, decime qué se siente*", cântico da torcida argentina que ganhou fama durante a Copa do Mundo de 2014. Ela foi usada por torcidas como a do Vasco e, no contexto de Manaus, os torcedores aproveitaram o ritmo para provocar o Amazonas Futebol Clube, novo rival, além da deputada estadual Joana Darc, torcedora do clube, e o deputado estadual Ednailson Rozenha, presidente da Federação Amazonense de Futebol (FAF) e a quem a União acusa de ser simpático ao time adversário.

Em junho de 2023, Joana Darc foi notificada pelo Tribunal de Contas do Amazonas por possíveis irregularidades em um repasse de mais de R\$ 3,5 milhões em emenda parlamentar ao Amazonas Futebol Clube, que tem entre os patrocinadores o esposo da deputada, o empresário Aldenor Lima. Sassá, mencionado no fim da canção, é um dos

principais jogadores do Amazonas, reconhecido no Brasil pelas passagens por Botafogo, Cruzeiro e Coritiba. A Onça é a mascote do time.

Onça, me diz como se sente  
Só tem torcida se pagar  
Ganhar somente no apito  
Com o Rozenha a te ajudar  
A Joana te usou  
O dinheiro tu lavou  
MP agora é o seu maior terror  
Goleada já te dei  
Se quiser vai ter replay  
E o Sassá vai chorar mais uma vez

**Figura 29 - Torcedores tremulam bandeiras na parte externa da Arena da Amazônia**



Foto: Instagram da União Manaus

Uma das músicas mais animadas da União situa a região amazônica, entoando os dizeres de uma das principais faixas da torcida, ‘Da Amazônia para o Mundo’, cantada em momentos de euforia ou necessidade de incentivo ao time.

Ih! Pra Série B eu vou subir!  
E ninguém vai me segurar!  
Da Amazônia para o Mundo  
Eu vim aqui pra te apoiar!  
Ôh! Manaus Olê, Olê, Olê!  
Manaus Olê, Olê, Olê!  
Manaus Olê, Olê, Olê!

### **CAPÍTULO III - 'MORREU DE QUE? DE MANAUS!': MASCULINIDADES EM JOGO**

Ainda guardo na memória a emoção que senti ao ver surgir no horizonte o verde contrastante da grama, após subir a rampa que dava acesso à arquibancada do Estádio Jornalista Edgar Proença, o popular Mangueirão, em Belém-PA. O ano era 1996 e eu tinha seis anos de idade. Acompanhado de meu pai e alguns amigos dele, estava prestes a assistir presencialmente um jogo de futebol pela primeira vez. A partida foi entre Paysandu e Clube do Remo, rivais históricos na cidade.

Como criança apaixonada por esse esporte, meu estado era de euforia, curiosidade e apreensão. E esta última não era por acaso: historicamente, os jogos entre essas equipes são marcados por confrontos entre suas torcidas. Ir ao estádio assistir o famoso clássico Re-Pa era - e continua sendo até os dias de hoje -, portanto, uma ação de risco, motivo que fez dessa agenda a causa de angústia para minha mãe.

Após o encanto com a imponência daquela arena, comecei a reparar nas manifestações que vinham das arquibancadas. Havia cânticos em coro, que exaltavam as equipes ou provocavam a torcida adversária, quase sempre envolvendo a sexualidade. Muitos extravasavam e pareciam estar sob efeito de álcool. Lembro também de como qualquer mulher que entrava no campo chamava a atenção de parte do público, sendo alvo de gritos e assovios que, na época, eu não compreendia totalmente. Esses detalhes ficaram mais evidentes para mim ao longo dos anos, à medida que revi essas memórias e refleti sobre o comportamento de parte dos torcedores naquele ambiente.

Nenhuma dessas condutas - exceto o consumo de álcool - era familiar entre aqueles que me acompanhavam, mas também não causava incômodo. Como criança observadora, tentava identificar a reação deles perante a atmosfera hostil. Demorei um pouco para perceber que talvez ela fosse hostil apenas para mim. Inconscientemente, algumas questões estavam postas ali: é assim que devo me comportar? São essas as atitudes esperadas dos homens? Perguntas ofuscadas pela emoção de acompanhar a primeira partida de futebol in loco, mas guardadas no subconsciente.

Para todos os efeitos, aquela foi apenas a minha primeira vez num estádio. Não havia contexto, fórum, nenhuma oportunidade para refletir sobre o impacto de presenciar o comportamento daqueles homens naquele ambiente, sob aquelas circunstâncias. Só foi

possível deduzir que outros homens, das mais variadas idades, mas sobretudo adultos, se reúnem para fazer algo em comum, que é torcer para um time de futebol num estádio e, assim, comungar de atitudes que lhe parecem confortáveis naquele contexto. Muitas delas repulsivas para uma criança de seis anos, mas que não provocavam rejeição de quem lhe era comum.

Ao longo do tempo, passei a notar que, de alguma maneira, esse ambiente peculiar dos estádios em dias de jogo produzira no meu inconsciente o entendimento de que, no repertório dos diálogos futebolísticos para com outras pessoas, em especial homens, surge uma quase que involuntária demanda por uma performance dentro daquele universo. Assim, as resenhas mais sérias dentre os assuntos não-sérios (Toledo, 2010) são diretamente influenciadas por uma conduta que mistura zombaria e hostilidade.

É válido destacar que essa não é uma visão absoluta, sendo arriscado, ou mesmo equivocado afirmar que se trata de um fato intrínseco do torcer. Trata-se da soma de experiências pessoais vivenciadas e refletidas na região metropolitana de um estado, o Pará; num intervalo de tempo entre a década de 1990 e 2000, onde o futebol tem um significado específico e movimenta emoções em níveis de intensidades peculiares, relacionando linguagens e jeitos próprios.

Mais tarde, como profissional jornalista, observei de perto fenômenos semelhantes em algumas ocasiões na cidade de Manaus. Evidentemente, não são condutas que resumem o comportamento do torcedor. Como define Toledo

o universo espetacular e especular do torcedor de futebol pode ser compreendido como uma espécie de prisma por onde milhões de aficionados projetam e refratam infinitas frações de si mesmos uns sobre os outros. A partir dos incontáveis jogos vivenciados, interiorizando práticas num redemoinho (Toledo, 2010, p. 177).

Como foco de pesquisa aqui, a observação está direcionada ao estranhamento de uma reconhecível conduta hostil, agressiva e misógina que é possível encontrar nesse prisma<sup>22</sup>. E

---

<sup>22</sup> Um caso recente ocorreu em 1º de fevereiro de 2025, nas ruas do Recife (PE), momentos antes da partida entre Santa Cruz e Sport pelo Campeonato Pernambucano, quando o presidente da Torcida Jovem do Sport foi brutalmente espancado e violentado sexualmente durante um confronto entre torcidas organizadas. O episódio gerou indignação até mesmo entre líderes de torcidas organizadas pelo Brasil. O repúdio manifestado por esses grupos, no entanto, concentrou-se principalmente na violência sexual, sugerindo que, embora a violência física seja amplamente normalizada em determinados círculos das torcidas, há limites morais específicos que, quando ultrapassados, provocam reações mais contundentes. Esse caso evidencia as hierarquias de aceitabilidade dentro dos códigos internos das torcidas organizadas e os limites que, mesmo em contextos de rivalidade extrema, são percebidos como inaceitáveis.

em Manaus presenciei, em diversas ocasiões, ameaças e violências direcionadas a outros agentes que partilham ou poderiam partilhar do mesmo espaço, especialmente, em uma primeira instância, àqueles que não usam a mesma camisa ou distintivo. Transversalmente, àqueles que não incorporam uma virilidade característica do embate das arquibancadas.

Nesse aspecto, reside a misoginia, que se dispersa e toma proporções variadas, como o assédio direcionado a repórteres mulheres que trabalham entre o campo e as arquibancadas. O acúmulo desses casos na cidade de Manaus, inclusive, gerou uma manifestação das profissionais em 2018, no Largo São Sebastião, com coro pelo fim do assédio nos estádios<sup>23</sup>.

Depois de me afastar da cobertura jornalística esportiva, comecei a me interessar pelos debates sobre gênero, em especial na literatura em torno das masculinidades. O ponto de partida foi a obra ‘Homem não tece a dor - Queixas e perplexidades masculinas’, de Berenice Bento, que achei interessante e ao mesmo tempo me colocou diante de curiosidades em torno da pesquisa, das ciências sociais e das noções sobre masculinidades em si.

A priori, na condição de pai de uma menina, projetei a paternidade como possível foco de estudo ao ingressar na pós-graduação, como fez meu colega Jefferson Pinho (2024). No entanto, passei a vislumbrar o ambiente dos estádios de futebol como um campo onde a masculinidade hegemônica se materializa de forma mais evidente, oferecendo, talvez, as condições para um trabalho mais objetivo nesse perfil tão facilmente identificado nas arquibancadas.

A pesquisa de Pinho, ‘Os pais tão on: masculinidades, paternidades e performatividades de jovens pais na cidade de Manaus-AM’, explora as dinâmicas das masculinidades no contexto amazônico, com foco na experiência da paternidade. Seu trabalho se soma ao interesse crescente pelos estudos de gênero na região, oferecendo reflexões sobre como jovens pais negociam e ressignificam suas identidades masculinas em meio a expectativas sociais e experiências cotidianas. Quando li Lopes (2020) fazer menção ao aguante - como referência à capacidade de suportar a dor ao limite, mencionando os trabalhos dos antropólogos José Garriga Zucal e Verónica Moreira, ratifiquei a possibilidade valiosa de abordagem ao modelo de masculinidade que relaciona fatores morais a manifestações de apoio

---

<sup>23</sup> Reportagem sobre o ato disponível no link: <https://www.acritica.com/esportes/mulheres-do-esporte-amazonense-se-unem-a-movimento-nacional-contra-o-assedio-1.183880>. Acesso em 12 de dezembro de 2024.

incondicional, enfrentando tudo o que for necessário para prestar suporte ao time e vê-lo vencer a qualquer custo.

Ao definir e viver o campo de estudo, contudo, notei que as previsões e tendências de uma pesquisa estável quanto a coleta de dados junto a uma torcida foram logo embaralhadas por um discurso e práticas daquela que escolhi para compor meu objeto, a União Manaus: um pacto de não violência opera como uma norma mobilizadora para que os integrantes busquem a fuga dos estigmas aos quais convencionou-se atribuir às organizadas.

À medida em que compreendi a materialidade desse pacto, entendi a necessidade de ir além do que se oferecia, hipoteticamente, como um potencial inventário de masculinidades hegemônicas. Da mesma maneira, precisei estar vigilante para não adequar o grupo de torcedores como necessariamente pertencentes a perfis de masculinidades subalternas. Concordando com Grossi (2004) e dialogando com Connell (2005), as diferentes possibilidades de masculinidades, inclusive as não hegemônicas, podem ser fluidas e dinâmicas.

Entendendo a masculinidade como uma configuração prática no interior da estrutura de gênero, portanto assimétrica a outros entendimentos, como a feminilidade, além de permeada por categorias como classe, etnia/raça, orientação sexual e idade, discorro neste capítulo vivências do campo em diálogo com as concepções de autores no campo da antropologia das relações de gênero, entre outros que relacionam a temática ao universo do futebol.

### **3.1. Questões de gênero**

Ao longo do século XX, especialmente a partir dos anos 1970, a categoria gênero se tornou recorrente alvo de estudos no campo das ciências sociais por iniciativa de pesquisadoras feministas, que pontuaram questionamentos sobre papéis e expectativas em torno de homens e mulheres na ordem social. Abordagens que se multiplicaram à medida em que diferentes perspectivas foram apresentadas neste debate.

“Homem’ e ‘mulher’ são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes”. A frase de Joan Scott (1989, p. 9) ofereceu uma perspectiva que dimensiona bem o desafio dos estudos relacionados a gênero. Embora as relações históricas entre masculino e feminino constituam vasto material de análise sobre práticas de seus agentes, ambos os sentidos são flutuantes e

podem oferecer características muito específicas, a depender das intersecções as quais os sujeitos analisados se encontram.

Antes de mais nada, não se pode deixar de reconhecer a existência de uma ordem de gênero que, nas palavras de Connell (2014), é de fácil percepção, mas de difícil compreensão. Nitidamente, na maior parte do mundo os homens ocupam lugares de privilégio, enquanto as mulheres lidam com questionamentos e subalternização. Eles estão nas lideranças políticas e de Estado pelo mundo, ocupam os cargos de chefia com mais frequência no mundo corporativo e recebem os maiores salários. Esses fatos não configuram mera aleatoriedade.

De um modo geral, as ciências sociais ainda carregam notória perspectiva hegemônica por parte de seus pesquisadores e teóricos, descartando ou minimizando as construções sociais estabelecidas nas sociedades em torno dos corpos que nelas habitam. Suárez (1997) reflete sobre o viés sexista na interpretação de etnólogos sobre as diferenças dos papéis sociais de homens e mulheres. Ela aponta que

“Manter a tensão de conhecimento de que, por um lado, o gênero é uma construção exclusivamente simbólica - local e mutável - e, por outro, de que se trata de um fenômeno recorrente - universal e imutável em algum nível de compreensão -, não é nada alheio ao pensamento antropológico. Esta é, na realidade, parte da tensão mais ampla que a disciplina conserva entre o particular e o universal (Suárez, 1997, p. 42)”.

Já Sherry Ortner (1979), num sentido mais radical, apontou a condição de dominação das mulheres ao observar que nas mais variadas culturas analisadas elas são tratadas como mais próximas da natureza, considerando, principalmente, as implicações do papel reprodutivo. Para além de negar as diferenças entre masculino e feminino, questiona-se aqui dicotomias e universalidades em torno do gênero e a própria diferença como produto da cultura.

Se a história recente foi marcada por ondas feministas, reivindicações e críticas cada vez mais contundentes à desigualdade de gênero nos mais diversos campos, sobretudo o científico, por que ainda são tão escassas, se comparadas ao volume de obras feministas, as iniciativas daqueles que representam o campo mais hegemônico de gênero no sentido de contribuir para a superação da subordinação, na visão de Ortner, ou subalternização feminina? Neste espaço, a intenção não é ir em busca de uma resposta objetiva, mas provocar através da retórica.

Simone de Beauvoir (1949) marcou o debate afirmando que “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Sem necessariamente buscar um paralelo, entendendo a assimetria de

gêneros, a mesma máxima pode valer para os homens: a masculinidade é uma construção. Ao propor uma política da masculinidade, Raewyn Connell assinalou para a possibilidade de construção de novas condutas hegemônicas de gênero, já que as expressões dessas configurações de prática dadas na atualidade também foram construídas ao longo do tempo (1995).

“Não podemos pensar o ser mulher ou o ser homem como experiências fixadas pela natureza. Mas também não podemos pensá-los apenas como uma imposição externa realizada por meio de normas sociais ou da pressão de autoridades. As pessoas constroem a si mesmas como masculinas ou femininas. Reivindicamos um lugar na ordem de gênero - ou respondemos ao lugar que nos é dado -, na maneira como nos conduzimos na vida cotidiana (Connell, 2014, p. 39)”.

Antes de pensar em possibilidades de mudança histórica, vale compreender as características fundamentais do conceito de masculinidade hegemônica, para assim dimensionar o desafio. Há uma pluralidade de masculinidades que, entre si, constituem hierarquia. Há consenso cultural e centralidade discursiva, produção de variados exemplos hegemônicos e mudanças estratégicas nas relações de poder, capazes de remodelar a masculinidade (Connell, 2005).

E entre as áreas de atenção voltadas aos estudos da masculinidade apontadas por Connell está o fator geográfico. Os níveis local, regional e global constroem arenas que devem ser consideradas nesta abordagem, reconhecendo que cada uma dessas camadas merece a devida atenção. Dada a sua dinâmica, a masculinidade apresenta um potencial de investigação que não pode ser subestimado nas camadas locais e regionais, promissores campos de investigação.

Uma das contribuições neste nível é o de Mara Viveros Vigoya (2018) ao pesquisar as masculinidades na América Latina. E na abordagem das violências em torno da prática, a autora cita as torcidas desportivas. Ela reúne estudos no continente que apontam a violência tanto na arena do esporte quanto na formação de gangues como uma expressão forjada por jovens marginalizados, que recorrem à proteção do território e seus grupos como uma forma de performar o poder.

Viveros Vigoya (2018) aponta que, embora os homens sejam frequentemente beneficiários da dominação masculina, não há homogeneidade na experiência das masculinidades. Fatores como classe, raça, orientação sexual e idade criam desigualdades internas ao grupo masculino, distribuindo de maneira desigual tanto os benefícios quanto os custos de aderir às normas de masculinidade. Nesse contexto, as práticas de torcidas

organizadas, que frequentemente envolvem jovens marginalizados, podem ser vistas como formas específicas de responder a essas dinâmicas, oferecendo pertencimento e proteção, mas também reproduzindo padrões de dominação e exclusão.

Essa perspectiva pós-colonial revela que as relações de gênero não podem ser completamente compreendidas sem levar em conta as intersecções com outras formas de dominação, como as estruturadas pelo racismo e pelas desigualdades econômicas. No caso das torcidas desportivas, a masculinidade hegemônica não apenas organiza os comportamentos dentro do grupo, mas também define as formas de exclusão e pertencimento que se cruzam com a vivência de raça, classe e território.

Desta forma, são fundamentais as influências da literatura feminista neste campo de pesquisa, reconhecendo, sem falsas simetrias entre gêneros, a possibilidade de busca por uma alteridade torcedora por meio da prática antropológica (Lopes, 2020). Recentemente, etnógrafos já foram além do trabalho na arena esportiva em trabalhos dessa natureza. Para analisar o comportamento desses torcedores, os pesquisadores estão observando estes agentes na rotina diária, num olhar microssocial, a título de critério investigativo.

É fato notório que o ambiente de um estádio de futebol suscita comportamentos e expectativas em torno das práticas reproduzidas neste espaço: discursos ostensivos, tensão e hostilidade entre grupos de torcedores; a não aceitação da derrota; as condutas misóginas e homofóbicas como fator de afirmação. Comportamentos esperados, mas ainda pouco questionados cientificamente. Assim como boa parte das agendas onde a masculinidade hegemônica se oferece como robusto campo de investigação.

Cabe ressaltar alguns trabalhos realizados em diferentes campos das ciências sociais, dada a dinâmica e multidisciplinaridade do tema. Bandeira (2010) observa as performances das torcidas do Grêmio e do Internacional, no Rio Grande do Sul, como formadores de um currículo de masculinidades ensinado e reproduzido nos estádios, onde gritos e insultos inflamam a rivalidade e busca pela subalternização do adversário.

Damo (2005) realiza uma etnografia na perspectiva na formação de atletas jovens em busca do alto rendimento em centros de treinamento e constata como elementos atrelados à masculinidade são acionados como dispositivos para enfrentar desafios e incorporar anseios no espectro do futebol como espetáculo. O trabalho no Brasil e na França permitiu uma oportuna abordagem teórico-etnográfica onde elementos de gênero são relevantes na hipótese central.

Pisani (2018) traz, através de uma etnografia em um universo do futebol feminino na cidade de São Paulo, elementos antropológicos importantes para pensar o campo, desde atravessamentos sociais, afetos e violências de uma dimensão familiar nesse universo de pesquisa. Tudo isso compreendendo o ambiente futebolístico como reprodutor de normatividades cisgênero e heterossexual.

Por último e em destaque, cito as valiosas contribuições do pós-doutor em sociologia do esporte Felipe Tavares Paes Lopes, que defende a antropologia como disciplina competente para compreensão das torcidas organizadas de futebol, seu principal objeto de estudo (Lopes, 2020). O autor promove conexões entre a sociologia das torcidas e as oportunidades de abordagem nesse campo de forma extremamente oportuna para esta pesquisa.

Ao se posicionar na interseção entre o observador e o observado, a prática antropológica permite explorar não apenas os comportamentos visíveis dos torcedores, mas também as formas sutis e profundas de pensar, sentir e viver que moldam sua relação com o futebol, a torcida e os contextos sociais mais amplos. Lopes (2020) sugere que a sociologia das torcidas ganha novas perspectivas quando incorpora esse tipo de sensibilidade para reconhecer as vivências desses grupos como legítimas e multifacetadas.

Em geral, a produção antropológica em gênero e sexualidades no Brasil ainda carece de maiores estudos direcionados ao campo das masculinidades. Em balanço realizado entre os anos de 2008 e 2018, as antropólogas Mônica Franch e Silvana Nascimento dimensionaram o desafio em artigo na Revista ‘Ciências sociais hoje: Antropologia’, publicado em 2020. Em um vasto levantamento de grupos e trabalhos em torno da temática, as autoras apontaram a ausência.

No material, consta que “será preciso um esforço da nossa parte para compreender o modo como setores conservadores têm conseguido angariar adesões pela manipulação de símbolos associados a certos modelos de masculinidades, como a promessa de facilitar o acesso a armas de fogo”. Acredito que é possível ir ainda além quando se trata de aprofundar essa investigação.

Os contextos e componentes culturais que levam à reprodução do comportamento masculino hegemônico em um lugar com tantos significados para os brasileiros misturam as práticas da masculinidade com a dita paixão nacional. Estranhar a relação desses fatores tal qual uma criança de seis anos, visitando um estádio pela primeira vez, talvez seja um promissor exercício para antropólogos dialogarem com o legado de pesquisadoras feministas.

Entre tantas reflexões as quais me submeti na construção dessa pesquisa, desde o estágio de projeto até o momento da escrita derradeira, trago ao papel dois desafios pessoais que marcam este sujeito pesquisador no delicado estágio de escolhas teórico-etnográficas para organização das ideias. Trata-se de superar dois vícios. O primeiro diante de uma vivência profissional jornalista e escravo da objetividade textual, inimiga evidente para este fim cheio de nuances e sentidos que precisam ser construídos com boa dose de subjetividade.

O segundo e mais complexo desafio reside em minha posição como homem cisgênero, heterossexual e branco. Reconheço que minha abordagem sobre gênero e masculinidades não se dá pela vivência direta de muitas das experiências que emergem no campo, mas pela interpretação das interpretações de meus interlocutores. A partir do legado teórico feminista na antropologia e em outras áreas, compreendo que meu papel na condição de pesquisador não é o de assumir uma perspectiva completa ou universal, mas sim o de capturar e interpretar os significados atribuídos pelos sujeitos pesquisados, situando-os em suas relações sociais, culturais e históricas.

Se por um lado a teoria feminista coloca o gênero em questão para denunciar a desigualdade e reivindicar direitos, qual o tamanho do risco de abordar o assunto pelo ponto de vista histórico e prático do violador e promotor de injustiças? Quais ferramentas conceituais usar para não cair no risco de reificar esse lugar ao invés de promover debates que auxiliem na construção de um mundo em sentido oposto à violência de gênero?

A partir das concepções de Viveros Vigoya (2018), essas perguntas passaram a compor um pano de fundo para cada escolha construtiva nesta pesquisa. Por outro lado, procura-se construir sentido pelo lado do agente masculino. Essa agência vazia e ao mesmo tempo transbordante para os próprios homens e suas relações na concepção da palavra, tal qual, guardadas as devidas proporções e circunstâncias, o termo cultura para alguns povos tradicionais.

Diante desses reconhecimentos, uma interpretação das masculinidades possíveis em um campo onde o discurso mobiliza - ou se propõe a mobilizar - uma prática de não violência requer uma observação atenta à dimensão das relações de gênero. A partir dos relatos etnográficos a seguir, articulo práticas da União quanto ao pacto de não-violência, algumas configurações no campo de gênero e das performances relacionadas a fatores climáticos como afirmação do grupo.

Nesse sentido, recorro ao conceito de performance (Butler, 2003) para analisar as manifestações, reconhecendo que essas práticas não emergem apenas de repetições discursivas inconscientes, mas de atos deliberados e encenados, carregados de significados sociais e históricos. O torcer, no contexto do grupo, é atravessado por uma estética do espetáculo e da coletividade, onde o pertencimento e as afirmações identitárias se constroem no embate entre tradição e inovação.

### **3.2. ‘A nossa torcida nunca se meteu em confusão’: o pacto de não-violência**

Depois da primeira conversa prévia no jogo contra o Náutico, na estreia do Manaus pela Série C de 2023, combinei com Will para nos encontrarmos na partida seguinte, no dia 14 de maio, contra o Altos, do Piauí. Foi então que ele me convidou para uma feijoada em um dos bares/restaurantes da Praça do Caranguejo, por volta de 12h. Era o “esquenta” para o jogo e a torcida que estaria lá reunida iria para a Arena da Amazônia em seguida.

Foi um dos raros momentos que encontrei o grupo fora do ambiente de estádio, já que essas reuniões costumam ocorrer de maneira improvisada, pelo menos no período em que se realizou a pesquisa. Ao chegar no restaurante, cumprimentei Will, que me apresentou para parte do grupo, e notei que só fui brevemente notado por uma torcedora. Sem muita abertura para tentar estender o diálogo além do principal interlocutor, dediquei o primeiro momento à observação.

Era aniversário do presidente, Mário Garcia, com direito a bolo e parabéns. Uma celebração simples, em clima ameno. Ainda não tinha noção de quem eram aquelas pessoas, dos discursos e práticas, mas a primeira impressão foi de amizade e descontração com um nível de serenidade, sem grande empolgação pela celebração do aniversário nem maior ansiedade pelo jogo, poucas horas depois. O restaurante fica a pouco mais de um quilômetro da Arena da Amazônia. No calor forte de quase 14h em Manaus, todos foram de carro.

Naquele dia, a torcida viu o Manaus vencer o Altos por 1 a 0, com um público inferior a 1 mil pessoas no estádio. A União Manaus era quem reunia em bloco o maior número de torcedores e quem fazia mais barulho, rompendo o silêncio de um espaço monumental construído para receber quatro jogos de Copa do Mundo, em 2014, e projetado como legado.

Este vislumbrando sediar grandes eventos musicais do que futebolísticos pelo caráter multiuso, conforme o argumento das próprias autoridades defensoras do empreendimento<sup>24</sup>.

**Figura 30 - QR Code para acesso a vídeo de entrada da União Manaus na Arena da Amazônia**



Fonte: Bruno Tadeu

“A Arena é nossa casa, é o ninho do Gavião”, canta a União Manaus, composta por torcedores que viram aquele espaço ser ocupado por grande público em ocasiões recentes. Era o quarto ano seguido do Manaus na Série C. A euforia do acesso em 2019 e da boa campanha em 2020 se tornava um passado cada vez mais distante. Os holofotes se dividiram com a chegada do Amazonas à Série C e o título do novo rival no Campeonato Amazonense de 2023.

O bom começo naquela competição, com duas vitórias em três jogos, foi o ápice do time. Em 19 jogos, o Manaus venceu só mais três vezes, empatou outras cinco e foi derrotado em nove. A segunda e última derrota jogando em casa, contra o Brusque, já em 23 de julho, deu a dimensão da realidade do clube, caindo para a zona de rebaixamento à Série D. Foi um jogo em que a torcida manteve com animação o apoio até os 39 minutos do segundo tempo, quando o Brusque abriu o placar e, três minutos depois, ampliou para 2 a 0.

A frustração tomou conta e alguns integrantes, revoltados, ameaçaram protestar contra a diretoria, sendo contidos por outros. Se por um lado a insatisfação com o desempenho na iminência de um rebaixamento acometia o grupo, entre silêncios, críticas aos jogadores do próprio Manaus e diretoria, por outro o vínculo da torcida com o clube posicionava outros

---

<sup>24</sup> A defesa da construção de um novo estádio em Manaus para a Copa do Mundo de 2014 teve como principal argumento pelos representantes do governo do Estado o aspecto multiuso do espaço, conforme é possível verificar, por exemplo, na entrevista concedida pelo então secretário de Planejamento e Desenvolvimento Econômico do Amazonas, Marcelo Lima Filho, à Revista Exame, disponível no link <https://exame.com/brasil/estadio-amazonense-vai-custar-meio-bilhao-reais-594192/>. Acesso em 12 de novembro de 2024. Portanto, nem mesmo as autoridades locais destacavam, em primeiro plano, o futebol amazonense como beneficiário dos novos empreendimentos.

agentes na reflexão de que a provocação de tensões contra os próprios dirigentes não resultaria em nada construtivo.

Nesse cenário, uma criança que não estava exatamente entre o grupo da União se aproximou e, muito à vontade, puxou um coro no ritmo da música *Seven Nation Army*, da banda *White Stripes* - muito comum nos estádios, com os seguintes dizeres: “nós queremos respeito, e comprometimento!”. Os demais torcedores aderiram de imediato, respeitando a iniciativa do pequeno. O jogo foi encerrado com mais silêncios que protestos, estes pontuais.

E foi aqui o ponto de conexão com o relatado no início do segundo capítulo, quando tive uma conversa proveitosa com Will sobre torcidas e uma introdução a explanação sobre a União Manaus. Atento à conduta da torcida em se afastar do rótulo de briguenta, iniciei a abordagem relacionando esse fator com as observações feitas nos jogos contra o Náutico, na estreia, e o recém-encerrado, contra o Brusque, sem revide da violência sofrida no primeiro caso, sem protestos mais incisivos numa crise do time no segundo.

Relacionando um resumo do histórico das torcidas organizadas no Brasil com os valores escolhidos para a criação da torcida, ele disse uma frase que me chamou a atenção: “a gente pegou uma guerra que não era nossa”. Will se referia ao perfil de torcidas que se multiplicou rapidamente nos anos 1990, criadas ou instrumentalizadas para oportunizar uma agenda de confrontos violentos de outras origens, ou mesmo naturais da rivalidade no futebol.

Como verificado no capítulo anterior, essa conduta não é algo encontrado nos cânticos, nem manifestada em outras ordens como uma afirmação pacífica, mas restrita a uma negação de práticas relacionadas ao que historicamente é atribuído às organizadas. Mesmo o termo “organizada” foi evitado no nome União Manaus, com esse propósito. A escolha por não estabelecer alianças também foi uma medida pensada para “não ser alvo de ninguém”. Segundo Will, na União não há pistas nem atraso. O discurso tem alinhamento com o presidente Mário Garcia.

Eu levo na minha vida esses princípios. O que a gente aprende em casa a gente leva pra rua. Eu aprendi muito a respeitar as pessoas, respeitar o ser humano. Eu acho que a gente vir pro estádio num final de semana pra bater em outra pessoa, eu acho que tem outras formas de você se divertir, entendeu? Eu acho que aqui é mais pra gente torcer, extravasar. Acho que lugar de briga não é no estádio. Então assim, tudo que a gente pode fazer pra evitar esse tipo de situação, a gente sempre vai fazer. Eu tava até falando ali na rodinha com os caras que, por conta da nossa organização ali, de torcida, a gente sempre vai ter alguém fazendo chacota, querendo puxar briga. E eu incentivo os caras a não pegarem corda, entendeu? Porque, querendo ou não, muita gente vem pra cá só pra brigar. E a gente tenta evitar ao máximo isso daí. Eu acho que desde o dia que a gente se envolveu em torcida, a nossa torcida nunca se meteu em confusão (Mário Garcia, em depoimento no dia 21 de janeiro de 2024).

Na queda para a Série D, sacramentada em 26 de agosto de 2023, no empate em 0 a 0 com o Figueirense, Will comentou que a torcida reagiu com muita tristeza e raiva, mas não viu o episódio como um fator de decadência do clube, risco sempre presente no futebol amazonense a exemplo do que ocorreu com outros clubes tradicionais, como Rio Negro, Fast e São Raimundo. “Falei pros caras: primeiro jogo do Estadual, todo mundo aqui. Primeiro da Série D, todo mundo aqui, e a gente faz a nossa parte, que é torcer”.

### **3.2.1 ‘Se tiver briga, vai brigar só tu!’**

Já como integrante da União, fui um dos que esteve “lá”. Na ocasião, no Estádio Ismael Benigno, a Colina, em 21 de janeiro de 2024. Estreia do Campeonato Amazonense contra o Rio Negro. Fazia muito calor numa temperatura de 31 graus, intercalado com nuvens que prometiam chuva. A espera pela chegada do presidente da União Manaus com os materiais da torcida era marcada por conversas sobre o futebol amazonense.

O destaque do assunto era o Amazonas FC, que jogava no mesmo dia, no estádio Carlos Zamith, atraindo a maior parte da imprensa esportiva local, conforme observou um dos torcedores no trajeto até a Colina. Entre comentários sobre os reforços dos times e a realidade do clube na Série D, surgiu a necessidade de adaptar a letra de uma música tradicional da torcida: “Pra Série B eu vou subir” tornava-se, agora, “Pra Série C eu vou subir”.

Cerca de 20 minutos antes do jogo, o núcleo da torcida entrou na arquibancada com os materiais — bandeiras, instrumentos e itens para fixação. O local escolhido ficava à esquerda da cabine de imprensa, próximo à grade que separa a arquibancada do campo. Ao chegar, notei um jovem cadeirante com a camisa do Rio Negro, acompanhado por dois homens. A proximidade com a instalação da União gerou desconforto no trio, que preferiu mudar de lugar, mesmo após um membro da torcida dizer que não havia problema em permanecer.

Com as bandeiras hasteadas no muro superior da arquibancada e os instrumentos posicionados, a torcida iniciou suas atividades. Um dos integrantes, visivelmente alcoolizado, provocava a torcida adversária, mas foi rapidamente advertido: “se tiver briga, vai brigar só tu!”. Com menos de 20 integrantes posicionados atrás de uma das metas, a torcida rionegrina trocava provocações com a União, mesmo que de forma controlada e pontual.

Antes do apito inicial, a União cantou o nome dos jogadores, que respondiam com gestos de agradecimento. As comemorações intensas da torcida rionegrina à entrada do Rio

Negro em campo incomodaram alguns membros da União, que se sentiram obrigados a superar o entusiasmo adversário. No bloco, formado por cerca de 40 pessoas entre os 526 pagantes<sup>25</sup>, os cantos tradicionais e o hino do clube ditavam o ritmo, ao passo que quatro torcedores se revezavam nos instrumentos.

Com o jogo em andamento, a torcida mantinha cobrança interna para que ninguém parasse de cantar. Momentos de maior emoção em campo elevavam a intensidade dos cantos, enquanto as críticas se dirigiam majoritariamente ao árbitro. As lideranças inibiam provocações mais agressivas ao adversário, priorizando o foco no apoio ao time.

No intervalo, sem gols e com críticas pontuais aos jogadores, os torcedores aproveitaram para descansar. Quando o segundo tempo começou, uma chuva forte desabou, dispersando boa parte do público, exceto os membros da União. Sob a chuva, a performance da torcida se tornou mais intensa, com cantos e danças mais frequentes. Essa é uma ocasião que será mais explorada no capítulo 3.4.

À medida que o jogo caminhava para o empate sem gols, começaram as manifestações de insatisfação com o time: “Ei, Manaus, bora jogar!”. Com o avançar do jogo, parte da torcida migrou para a grade próxima ao campo, direcionando xingamentos ao banco de reservas do time adversário pelo alegado antijogo, já que os jogadores rionegrinos estavam retardando o seu andamento, visando manter o empate. A expulsão de Felipe, atleta do Manaus, aumentou a frustração e o clima de apatia até o apito final.

Ao fim, a retirada dos materiais foi acompanhada de conversas breves e reflexões sobre o apoio constante ao time, mesmo em meio às dificuldades. As manifestações ofensivas, ainda que presentes, focaram nos árbitros e adversários, com poucas críticas ao próprio elenco. A torcida parecia consciente das limitações do time e da necessidade de apoio no momento crítico.

Mais tarde, em conversa com Will, descobriria que a postura se deu em alinhamento com a diretoria, que pediu apoio e compreensão no início da temporada, dadas as dificuldades financeiras em montar um elenco competitivo após o rebaixamento. Esse é um fator que não se pode deixar em segundo plano na constituição das práticas da União Manaus, mesmo que

---

<sup>25</sup> Informação do Boletim Financeiro do jogo, divulgado pela FAF em seu site [fafamazonas.com.br](http://fafamazonas.com.br).

a independência seja uma intenção alegada por Will e que alguns torcedores critiquem pontualmente decisões da diretoria.

Dessa maneira, as manifestações mais ostensivas tinham como alvo aqueles que imediatamente ameaçavam os objetivos do Manaus em campo. Por ordem, os árbitros, quando as decisões mais discutíveis - ou nem tanto - eram tomadas de forma contrária aos interesses do time; os representantes dos times adversários, dos jogadores à comissão técnica, sobretudo quando estes tinham atitudes antidesportivas; e os próprios jogadores do Manaus, mediante a circunstância de derrota e mau desempenho aos olhares da torcida.

Lembro do jogo contra o São Raimundo, pela segunda rodada do Campeonato Amazonense de 2024, em 25 de janeiro, quando os torcedores, impacientes com o desempenho da zaga, pediram ao goleiro Waldson que se comunicasse com a defesa, de modo que seus ocupantes ficassem atentos aos ataques adversários. Ao ouvir as queixas, o goleiro interrompeu o silêncio e, pontualmente, cobrou os zagueiros, o que gerou risadas entre os torcedores pela reação imediata à crítica.

O auxiliar de arbitragem que estava próximo a torcida também foi alvo da jocosidade e de muitos xingamentos, conforme tomava decisões. Obviamente, aquelas contrárias ao Manaus causavam a ira dos torcedores. “Filho da puta!”. “Segura essa bandeira direito!”. Já as decisões favoráveis ao time renderam elogios. “Boa, bandeirinha! Nunca critiquei!”, em manifestações irritadas, mas em tom irônico, que por vezes não deixava claro se era irreverência ou raiva. No fim, novo empate, dessa vez em 0 a 0.

A primeira vitória do Manaus em 2024 veio na terceira rodada, por 2 a 1 contra o Manauara, então clube mais jovem do Amazonas na primeira divisão local. O resultado foi um alívio para a torcida, que se animou para compor a primeira caravana do ano, com destino à cidade de Manacapuru (a 68 quilômetros a oeste de Manaus). Em anúncio que circulava no instagram e no grupo da torcida, a viagem com ingresso custava R\$ 40 para sócios e R\$ 50 aos demais, sem nenhuma restrição aparente.

No dia 3 de fevereiro, cheguei exatamente 13h30 ao ponto de encontro, a Praça do Caranguejo, e fui um dos primeiros a entrar no ônibus. Alguns torcedores aguardavam fora, enquanto outros se acomodavam no veículo. Notei a entrada de um senhor, que já havia notado na órbita da torcida em outros jogos, e sua esposa acompanhados de uma criança. Após quase uma hora de espera, finalmente todos estavam no ônibus, quando o senhor pediu a Mário a autorização para rezar um “Pai nosso”.

Após o “amém”, a torcida começou a batucada e a cantoria. Em um dos trechos de uma música que continha palavrões, o senhor exclamou, bem-humorado: “olha que tem família aqui, menino!”. Assim começou nossa locomoção até Manacapuru. Um pouco depois da saída, o mesmo senhor puxou um louvor cristão, a música “Faz um milagre em mim”, que foi cantada em coro por boa parte dos torcedores presentes no ônibus.

Dali em diante, a batucada retomou com as músicas tradicionais cantadas pela União. Foram aproximadamente 1h30 de viagem. Chegamos atrasados no Estádio Gilberto Mestrinho, o Gilbertão, e o jogo contra o Princesa do Solimões já estava em andamento. O bloco de torcedores da União Manaus entrou no Estádio Gilbertão cantando e batucando, atravessando a arquibancada atrás de uma das metas.

O espaço destinado à torcida visitante já estava composto por outras organizadas do Manaus. Reconheci a Ira Jovem, que tinha um grupo menor, mas visivelmente organizado. Um de seus líderes tentou se aproximar de Will para propor algo, mas foi ignorado, o que gerou gestos irônicos do líder. Por um momento, houve um breve confronto de cânticos. Apesar disso, a União, equipada com bateria, tinha sua música predominando.

No primeiro tempo, a torcida manteve o ritmo animado que trouxera do ônibus, mesmo após o Princesa do Solimões abrir o placar. A batucada e os cânticos tradicionais seguiam inalterados. No intervalo, busquei conversar com Will e Mário sobre o censo da torcida. Durante a conversa, o líder da Ira Jovem reapareceu, desta vez sugerindo que as torcidas unissem forças nos cânticos. Após breve debate, os líderes da União concordaram, e ambas as torcidas começaram a entoar as músicas em uníssono, regidas pelo líder da Ira e por Will.

Pouco depois do início do segundo tempo veio uma chuva intensa. Isso não desanimou os torcedores, que intensificaram os cânticos e aumentaram o ritmo da batucada. Aos 15 minutos, Ibiapino converteu um pênalti para o Manaus e empatou o jogo, gerando uma explosão de comemoração. A virada veio nove minutos depois, com Renanzinho. A torcida entrou em êxtase. O terceiro gol, marcado por Denis Macedo em uma cobrança de falta aos 33 minutos, consolidou a vitória e foi celebrado com ainda mais entusiasmo.

Após o apito final, Will reuniu a torcida para parabenizar pelo apoio incondicional e aproveitou o momento para convidar a todos para cantar parabéns pela ocasião de aniversário da esposa, que esteve presente no estádio. Na volta para o ônibus, o clima era de festa e alívio, com muitas conversas sobre futebol e expectativas para os próximos jogos durante o trajeto de retorno a Manaus.

O Campeonato Amazonense foi dividido em dois turnos. No primeiro, o Manaus conseguiu a classificação como segundo colocado do Grupo A, atrás apenas do Amazonas, que tinha dois gols a mais de saldo. Foram duas vitórias, dois empates e uma derrota. Na fase seguinte, de quartas de final, teve como adversário o Nacional e foi derrotado por 1 a 0, após jogo equilibrado e também sob chuva intensa na Colina.

Após a partida, os integrantes da União Manaus se dispersaram, sem protestos. Na Colina, o percurso dos jogadores e membros da comissão técnica dos vestiários ao estacionamento, de onde os clubes geralmente saem de ônibus, também é acessível pela torcida quando não há bloqueio de acesso por policiais. Assim, um grupo de integrantes da Gavirmãos se reuniu nesse local, à espera dos jogadores.

O técnico Aderbal Lana, profissional em atividade mais longo do futebol amazonense e um dos mais respeitados no estado, passou direto para o ônibus sem ser abordado. Um grupo de jogadores passou em seguida e foi questionado pelos torcedores que ali estavam. Começou numa conversa séria, que escalonou para uma movimentação de ameaça por parte dos torcedores, acuando os jogadores e familiares que estavam por perto.

Um dos integrantes da União Manaus ajudou a conter os ânimos. Minutos depois, Mário orientou os torcedores no grupo de whatsapp para que não reagissem daquela forma, ressaltando que as manifestações da União se restringem às arquibancadas e em diálogo direto com a diretoria. Com a eliminação no primeiro turno, o técnico Aderbal Lana foi demitido. No dia 13 de fevereiro, o Manaus anunciou a contratação do técnico Renatinho Potiguar.

A mudança surtiria efeito técnico no time, que alcançaria seis vitórias e um empate no segundo turno, com vitória sobre o estreante Parintins na final. O feito levou o Manaus à decisão do Estadual contra o Amazonas, vencedor do primeiro turno. A partida terminou empatada e o Manaus foi melhor nas cobranças de pênaltis (4 a 2), alcançando, assim, o sexto título estadual em 11 anos de existência.

### **3.3. ‘No futebol não existe espaço para preconceito’**

Ainda no primeiro turno, o jogo da eliminação foi tenso pela derrota e confusão na saída dos jogadores, mas também por uma acusação de racismo. O Nacional fez o gol da vitória aos 40 minutos do segundo tempo, gerando grande frustração para os torcedores da União Manaus e interrompendo um apoio eufórico sob chuva intensa. A alegria deu lugar ao

silêncio, seguido de tensão e protestos direcionados ao banco de reservas do time adversário, acusado de retardar a partida após o gol.

Alguns torcedores chutaram uma poça de água acumulada na arquibancada, logo acima do banco de reservas, em direção a ele. Outros mais exaltados pisavam na lona que servia de cobertura ao local. Alguns jogadores reservas do Nacional que ali estavam protestaram, intensificando o bate-boca, até o momento em que o atleta Patrick começou a apontar continuamente em direção a um torcedor da União, demonstrando revolta. Foi possível notar que ele o acusava de uma injúria racial. Este fato não foi perceptível por mim.

De dentro do campo e com o jogo ainda em andamento, a gritaria entre torcedores e jogadores se intensificou. A torcida negava a acusação de Patrick e protegia o integrante acusado, afirmando que ele também é negro. O atleta chamou os policiais e continuou apontando em direção ao torcedor, que primeiro tentou se esconder entre os outros presentes, mas logo foi descoberto e, assim, saiu do estádio. Na súmula da partida, no quadro “observações eventuais”, consta o seguinte relato do árbitro:

Informo que após o termino do jogo o jogador n13, sr Patrick correaa costa, da equipe do nacional, veio em minha direção e me comunicou que um torcedor não identificado localizado na torcida organizada do Manaus, o ofendeu com injurias racista, o chamando de macaco. informo que comuniquei o policiamento para tomar as providencias cabíveis.

O fato foi comentado pelo presidente da torcida no grupo do whatsapp, que pediu aos integrantes para evitar esse tipo de conduta. Alguns comentaram lamentando o episódio, com ironia ao fato de o torcedor acusado também ser negro. Um deles destacou a identidade cabocla e “descendência indígena” daqueles que compõem o grupo. Na conta do Instagram, o clube publicou nota após tomar conhecimento do fato constatado em súmula.

O Manaus FC repudia veementemente qualquer ato de racismo. A discriminação racial é inaceitável e vai contra os princípios de respeito e igualdade que defendemos. O caso só veio ao conhecimento do clube através do relato na súmula. Se o Clube tivesse presenciado o fato, teria identificado o torcedor b envolvido e tomaria as medidas imediatas.

Como visto no capítulo anterior, quase 70% dos integrantes da torcida que responderam ao censo se identificam como pardos ou pretos. O percentual é muito próximo dos 73% dessa população no estado do Amazonas, de acordo com o Censo de 2022 do IBGE. Embora a questão racial não seja uma pauta regularmente discutida e problematizada pela

torcida, um novo incidente trouxe novamente o assunto à tona, menos de dois meses depois do episódio na Colina.

No dia 3 abril, houve um confronto entre torcedores após a partida entre Manaus e Unidos do Alvorada, na Arena da Amazônia. Alguns torcedores foram detidos, entre eles Joilton da Costa Mendonça, de 20 anos. Em publicação<sup>26</sup> no dia seguinte ao ocorrido, a União Manaus repudiou a ação da Polícia Militar do Amazonas, afirmando que o torcedor não teve envolvimento na briga e denunciando ato racista por parte dos PMs.

Ontem dia 03/04/2023 - podemos presenciar mais um caso de preconceito no meio do futebol. Joilton da Costa Mendonça 20 anos. Que estava assistindo o jogo atrás do banco de reservas do Alvorada FC, Foi levado pela polícia ( choque ). Dizendo eles ter participado da confusão que envolveu as torcidas do Manaus e Alvorada. Joilton estava com seu irmão de 13 anos assistindo jogo. E foi abordado por 2 polícias e levado para o camburão da polícia. Em nenhum momento ele saiu do seu local onde estava assistindo o jogo. E foi levado simplesmente por conta de sua aparência. O mesmo nunca se envolveu em brigas de torcidas e sempre foi um exemplo de pessoa. Sendo agredido por um policial. Que explicando a ele não fazia parte da confusão e tendo como prova o presidente do Manaus Geovani Miranda e o vice presidente Bismark. O mesmo foi encaminhado para delegacia no camburão da polícia e sendo tratado como um bandido. Sem nada ter feito. Fica aqui nosso repúdio a discriminação e ação dos policiais no jogo do Manaus. No futebol não existe espaço para preconceito. Pessoas negras também são pessoas do bem. A União Manaus nunca se envolveu em nenhum tipo de confusão. Sendo um exemplo de torcida no estado. Segue o vídeo nos arquivos e em nenhum momento ele aparece nos vídeos. Racismo é crime. Somos todos iguais.

Nota-se que, embora a União Manaus de fato não tenha como prática em suas manifestações um discurso racista, ainda que esta problemática não seja alvo de debates internos, um torcedor supostamente utilizou um termo racista para agredir verbalmente um jogador do time adversário, fato que foi reconhecido e repudiado pelos próprios integrantes da torcida. Nesse reconhecimento, também se passou a ideia de que a ação ocorreu “no calor do momento”. Ou seja, num ambiente em que as tensões do embate supostamente conduziram o discurso de um indivíduo a esse patamar.

Quando a torcida interpretou ter sido vítima de racismo pela detenção alegadamente injustificada de um integrante, esses torcedores mobilizaram sua “agência interseccional” (HENNING, 2015) para denunciar um ato de agentes do estado que entenderam ter sido

---

<sup>26</sup> Disponível no link: [https://www.instagram.com/p/C5WsYRqPdnd/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/C5WsYRqPdnd/?img_index=1). Acesso em 8 de novembro de 2024.

efetuado por um princípio racista, já que Joilton é um jovem preto e sequer estaria próximo do local do confronto, de acordo com os representantes da União Manaus.

Como a diferença é notada e articulada pelos torcedores num âmbito dinâmico, no qual a visão política e social dos assuntos étnico-raciais não está na agenda, mas a discriminação é percebida tanto como uma prática própria, mesmo que ocasional e em “circunstância intempestiva”, quanto ameaça à própria torcida, podendo ser um fator de geração de estigmatização. Piscitelli (2008) observa que

como a diferença nem sempre é um marcador de hierarquia nem de opressão, uma pergunta a ser constantemente feita é se a diferença remete à desigualdade, opressão, exploração. Ou, ao contrário, se a diferença remete a igualitarismo, diversidade, ou a formas democráticas de agência política (Piscitelli, 2008, p. 269).

De maneira semelhante, mas um pouco mais subjetiva reside a percepção em torno do componente indígena, presente no escudo e usado como um adereço, sem mencionar seu fácil reconhecimento nos traços corporais daqueles que integram a União Manaus. Ainda em relação ao Censo de 2022, a capital amazonense possui a maior população de pessoas autodeclaradas indígenas do país, totalizando 71.713.

Em jogos decisivos envolvendo times de outros estados, não é difícil encontrar nas redes sociais queixas de torcedores amazonenses a atitudes racistas de apoiadores das equipes adversárias. “Terra de índio!”, “aí (no Amazonas) só tem índio!”, “só tem Boi Bumbá, não tem futebol” são frases que circulam entre prints e compartilhamentos indignados.

Will reconhece essa conduta, principalmente nos momentos em que a torcida viaja para acompanhar o time fora da região Norte. Ele lembra uma prática muito comum diante desses discursos, assimilados por jogadores e articulados como resposta em comemorações de gol, como faziam as atletas do Iranduba, conforme mencionado no capítulo 1, e também o atacante Hamilton, ex-jogador do Manaus e ídolo da torcida.

É um preconceito bobo, porque o Brasil tem origem indígena, não é só no norte, (é) norte-nordeste, sul e sudeste. Então é um preconceito bobo. Mas a gente também sofre quando viaja, sofre por comentários na internet... “Sofre”, entre aspas, né? Eu não... Me chamar de índio, para mim, não é uma ofensa. É reconhecer a minha raiz indígena. E eu, particularmente, que tenho bisavós indígenas... então, para mim, é um orgulho (Will Hobson).

### **3.3.1. As mulheres da torcida e a árbitra**

Na primeira vez que estive próximo da União Manaus, observei que uma das bandeiras fazia alusão a uma torcida feminina. Havia mais mulheres do que percebi em meu período de campo mais participativo. Descobriria depois, no entanto, que aquela ocasião era uma das quais as torcidas se unem para reforçar o apoio ao time. Tanto aquela bandeira quanto boa parte das torcedoras não eram integrantes da União Manaus, mas sim da Gavirmãos.

Tratava-se do Núcleo Feminino da Gavirmãos, criado por Will, segundo ele, na época em que liderava a torcida. Vinculada a Gavirmãos, a torcida é a que costuma reunir em um mesmo espaço o maior número de torcedoras. No levantamento do censo da União houve retorno de seis mulheres entre os 28 respondentes. Em meu período de campo poucas vezes foi possível presenciar mais de uma delas integrando o bloco da torcida.

Luciana Oliveira, industriária de 36 anos, é uma das mais presentes. Ela já foi integrante da Gavirmãos. No momento da pesquisa disse ser solteira. Tem um filho. Perguntei aos torcedores, em dado momento, o que significava para eles fazer parte de uma torcida organizada e como eles se viam percebidos por outras pessoas na condição de integrantes. Luciana falou sobre “se unir em um único objetivo”, e que, “para alguns familiares, (compor torcida) é uma perda de tempo”, mas que para ela é “mostrar o amor pelo nosso time, um amor que não tem explicação”.

Professora, casada e mãe de cinco filhos, Lene Rosas, 35, admite estar muito desmotivada com o time e, por isso, não estava comparecendo aos jogos. Ela lembra que, quando estava “na ativa”, sentia orgulho de vestir a camisa da torcida. “Consegui trazer a minha família toda para ver um jogo do nosso Manaus. Mandei fazer camisa para todo mundo. Então, eles veem a gente, sim, com um certo respeito. Pensam que a gente tem respaldo no time e tudo isso, entendeu?”, disse.

Hellen France, 23, foi a única torcedora a fazer parte da bateria da União Manaus. Também esteve ausente nos jogos do Manaus em 2024, mas afirmou que ainda faz parte da torcida. Ela disse que, no começo, se encantou com a União Manaus. “Foi quando eu conheci o Mário e ele me aceitou na torcida, logo depois eu comecei a tocar os instrumentos e foi incrível”.

Deborah Cavalcante, 26, é casada com Igor Cavalcante, 29. Eles têm dois filhos. Ambos são frequentes nos jogos. Enquanto Igor integra o que seria a linha de frente da torcida, tocando instrumentos e puxando cânticos, Deborah direciona maior atenção aos dois filhos pequenos, os mais jovens entre as pessoas agrupadas em torno da União.

A esposa de Will, que preferiu não se manifestar no censo, também se faz presente, eventualmente também com o filho, a quem dedica atenção. No jogo em Manacapuru, foi homenageada pelos torcedores em razão do aniversário, a pedido de Will. A saudação respeitosa da torcida ao cantar o “parabéns” simbolizou o clima de respeito e conexão familiar entre os integrantes.

Sendo um pesquisador homem, pode ser equivocado afirmar que a União Manaus não representa, sob nenhum aspecto, um grupo hostil à presença de mulheres. Contudo, definitivamente, a misoginia não faz parte dos discursos e muito menos é uma prática deliberada, potencialmente em consideração às mulheres que compõem a torcida, sobretudo as esposas, filhas e demais familiares dos integrantes que se somam.

Analisando as falas das torcedoras e observando as dinâmicas durante os jogos, não se pode ignorar também o contexto pelo qual elas estão inclusas nesse espaço. Quando presentes em maior número, a maioria delas está com a responsabilidade do cuidado aos filhos, nos momentos em que os esposos e pais estão mais voltados à participação na cantoria do núcleo.

A participação efetiva de uma mulher nas agendas e performances da torcida foi, durante o campo, uma imagem ocasional e de exceção. Will me falou de uma torcedora que se afastou da organizada supostamente em razão dos ciúmes do namorado. Situação que, no período da pesquisa, não foi constatada como elemento de afastamento de algum torcedor, embora os ciúmes das cônjuges sejam algumas vezes mencionados em contexto de piadas uns com os outros.

Mesmo que não intencionalmente, o ambiente majoritariamente composto por homens acaba operacionalizando subjetivamente para dificultar a presença e maior participação efetiva das mulheres, a despeito da alegada falta de interesse por maior protagonismo no grupo ou estabelecer autonomia para a construção de um núcleo feminino da União, de acordo com meu interlocutor.

Considerando o trato da torcida com mulheres em contexto em conflito com o grupo, um episódio em especial chamou a atenção. No dia 9 de fevereiro, o Manaus recebeu o Rio Branco, do Acre, pela Série D do Campeonato Brasileiro. Na ocasião, a arbitragem foi comandada por Andreza Helena de Siqueira, de Minas Gerais e representante FIFA. Como em outros episódios, as reações oscilaram conforme as decisões da árbitra, mas desta vez os xingamentos ganharam elementos de gênero.

“Foi falta não, rapariga!”, reclamou um torcedor, que atraiu olhares e sorrisos desajeitados de outros torcedores no espaço onde predominava uniformizados com a camisa do União Manaus. Quando a árbitra tomou uma decisão de penalizar com cartão amarelo um jogador do Rio Branco, um torcedor reagiu: “ela é melhor que os homens, essa mulher aí!”. Já nas decisões que geravam o mínimo de discussão, ela recebia xingamentos sempre relacionados ao fato de ser mulher. “Vai apitar futebol feminino, caralho!”.

Essas reações foram pontuais, promovendo união deliberada entre a liberdade que alguns torcedores sentem para xingar árbitros mediante a qualquer decisão prejudicial ao Manaus e a escolha do fator gênero como meio para tentar ofender a profissional em questão. Observou-se também que a maior parte da torcida não se sentiu à vontade para endossar manifestações dessa ordem, optando, todavia, pelo silêncio ou indiferença.

Quando abordei Will perguntando se algumas condutas homofóbicas eram práticas da torcida, ele respondeu que “o futebol, ele por si só, é muito machista”, justificando que o grupo evita gritos e manifestações dessa natureza, mas também admitindo que ocorre ocasionalmente. “O papel de liderar não é impor o que eu quero, mas controlar o que eles querem. Pra que isso seja feito da melhor forma possível. Eu não posso inibir, que aí tu não é líder, tu já é ditador”, disse Will.

“Baitola”, “viadinho”, “come gay” são alguns termos usados pela torcida num amplo universo de gritos, cantos improvisados e xingamentos que compõem o vasto vocabulário de um dia de jogo, ainda que usados com cautela no sentido de evitar punições<sup>27</sup>. Levando em consideração toda a vivência que já tive em ambiente de estádio, não classificaria a homofobia como uma conduta notável dentro das práticas dos torcedores da União Manaus, embora ela esteja lá, não podendo ser ignorada, levando em conta as expectativas em torno do ambiente.

### **3.4. Quando a resistência ao clima é o ‘teste de masculinidade’**

Quando se fala em masculinidade nos estádios de futebol, pode-se pensar, em primeira ordem, nos conflitos entre torcidas, na xenofobia, no bairrismo, entre outros fatores que passam pela ameaça à integridade de homens nesse ambiente. São brigas nos arredores das

---

<sup>27</sup> No Amazonas, a homofobia nos estádios tem penalização prevista em lei desde agosto de 2023 (Lei nº 6.379).

praças esportivas e casos chocantes de mortos e feridos após confrontos em contexto de jogo ou não.

Em campanha de conscientização sobre a violência lançada no dia 5 de novembro de 2024, o Ministério do Esporte, em parceria com entidades esportivas, contabilizou 384 mortes dessa natureza no Brasil entre 1993 e 2023. Um fenômeno que mobilizou a mídia, atraiu cientistas sociais e reforçou o estigma em torno daqueles que integram o espetáculo de maneira mais dedicada.

Como foi possível perceber pelos relatos e observações apresentadas nesta pesquisa, a União Manaus buscou fugir desse enquadramento ao se constituir de maneira a evitar os conflitos nesses moldes em que se convencionou relacionar as torcidas, enquanto protagonista da agência violenta nos espaços futebolísticos e além. Influenciado por diferentes gerações e tendências, o grupo busca catalisar a energia para o apoio ao Manaus.

Mas a violência física e direta entre grupos, motivada por uma infinidade de razões de ordem global, regional, étnica, entre outras, não é a única possibilidade de expressão dessas masculinidades torcedoras. Independente da briga, um princípio ronda o universo de sujeitos que moldam as identidades encontradas nesse lugar que movimenta emoções, tensões e articula símbolos: a capacidade de aguentar a dor ou qualquer desconforto em nome do time.

Essa característica pode estar envolvida em diferentes âmbitos, desde o financeiro, com o investimento em materiais esportivos e deslocamento para acompanhar os jogos, passando pelo familiar, onde se deixa de lado compromissos particulares para dedicar mais tempo ao clube. Em se tratando da União Manaus, destaco o aspecto climático, onde a intensidade da chuva ou do calor são elementos a serem suportados como demonstração de apoio irrestrito.

No jogo de estreia em 2024, contra o Rio Negro, tive essa percepção logo de cara. O jogo estava em 0 a 0 e sem grandes emoções. A torcida estava animada por se tratar do primeiro jogo do ano e disposta a fazer sua parte num contexto de recente rebaixamento para a quarta divisão. Após o intervalo da partida, começou uma chuva muito intensa no Estádio da Colina.

Vale descrever e ilustrar, conforme a imagem 11, que a Colina não dispõe de espaços cobertos. A exceção é a cabine de imprensa e área que fica acima, onde costumam ficar os cinegrafistas. Esse ponto é usado como abrigo quando por grande parte da torcida quando

chove forte. Mas o espaço é pequeno e muitos vão para os banheiros, perdendo totalmente o campo de visão da partida.

**Figura 31 - Estádio da Colina e o céu nublado que anuncia chuva**



Foto: Bruno Tadeu (2024)

Nesse momento, coloquei uma capa de chuva. Isso me fez pensar em possíveis julgamentos da torcida, o que não aconteceu. Ouvi apenas uma provocação generalizada de um dos torcedores, quando a maioria procurou abrigo: “torcida tapioca!”. Na realidade, pareceu ser direcionada à torcida do Rio Negro, que também preferiu ir atrás de algum dos poucos locais cobertos do estádio.

Em dado momento, fui convidado para performar com os colegas uma coreografia em que os torcedores se perfilavam um ao lado do outro, em quatro degraus da arquibancada, fazendo um movimento para o lado e para o outro. “Bora, Tadeu! Bora, Tadeu!”, convidou um dos torcedores. Foram vários cânticos que se sucederam nesse espaço de tempo em que a chuva esteve mais intensa.

À medida em que os demais espectadores se dispersaram, os que compunham o bloco da União cantavam mais forte e pulavam com mais intensidade, destacando-se em meio ao jogo, em meio àqueles que assistiam ou fugiam da água. Estar na chuva com os integrantes pareceu consensual e motivo de orgulho, no sentido de demonstrar para todos ali que a torcida apoia o time sob qualquer circunstância.

Contra o Princesa, em Manacapuru, a chuva também apareceu após o segundo tempo, o que animou ainda mais os integrantes da União. “Nunca vou te abandonar Gavião do Norte” é um dos cantos mais entoados nessas horas, que começa com os torcedores abraçados,

cantando juntos e termina com saltos e gritos no “dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe ô!”. Os torcedores do Princesa dispersaram em busca de abrigo enquanto a União Manaus era a protagonista do espetáculo do lado de fora do campo.

Nessa ocasião, a empolgação da torcida coincidiu com uma bela reação do time do Manaus, que estava perdendo de 1 a 0 quando a chuva começou. No ritmo da torcida, a equipe se fortaleceu e venceu o jogo por 3 a 1, causando uma euforia na torcida impulsionada pelo sentimento de que valeu a pena se deslocar até a cidade para prestar apoio ao time.

No jogo contra o Nacional, o efeito foi contrário. A chuva veio e a torcida mais uma vez foi o centro das ações fora de campo, cantando o mais forte possível, pulando sem parar, à medida em que a chuva se intensificava. No entanto, o Manaus sofreu um gol no fim da partida e a frustração foi seguida da tensão com o banco de reservas do time adversário e o bate-boca que culminou na acusação de racismo.

Vale constatar que os momentos de chuva são um problema para as mulheres que integram, mas não participam efetivamente das manifestações da torcida em razão do cuidado focado nas crianças. Elas se abrigam ou recorrem a um guarda-chuva. Os torcedores aproveitam essa ocasião para pedir para elas guardarem os aparelhos celulares, evitando que molhem.

A exposição ao sol e a intensidade do calor é um outro lado da mesma moeda. São quase duas horas de cantoria por jogo. Quando a intensidade das vozes diminui, quem lidera a bateria chama a atenção. “Bora apoiar! Bora apoiar”. É possível notar um revezamento entre aqueles que puxam os cantos e pedem mais intensidade do grupo no apoio. As cobranças são generalizadas, mas incisivas. Quem está entre os torcedores da União precisa cantar o mais forte que puder.

Assim, a torcida que por desarticular alianças e estruturas na busca por uma identidade não-violenta, tem como performatividade a demonstração de apoio intenso, sobretudo no clima adverso, em busca de uma notabilidade que a dimensione na condição de um grupo que suporta o que for necessário para ser o que mais apoia o time em todo o Amazonas.

Pertencente a isso, senti na pele os efeitos de cantar a plenos pulmões em sol e chuva. Todo pós-jogo gerava um esgotamento incomum, sem contar o acometimento por resfriado após a exposição nas arquibancadas. No grupo de whatsapp, alguns torcedores se queixavam desses problemas como justificativa para não ir a alguns jogos, enquanto outros zombavam.

Na eliminação do Campeonato Brasileiro da Série D de 2024, em circunstância de impaciência e revolta da torcida, o sol e a chuva eram usados como elementos para compor a crítica da torcida, que sempre esteve presente mesmo nessas condições. Deu o máximo em circunstâncias adversas que, embora também enfrentadas pelos jogadores, o desempenho em campo e os resultados colocaram tudo a perder.

Um exemplo extremo desse apoio incondicional aconteceu em 9 de março de 2024, um sábado, na Colina, no esperado confronto contra o rival Amazonas, ainda pelo Campeonato Amazonense. Havia 651 torcedores pagantes, com a União Manaus presente e barulhenta, se destacando entre aqueles que acompanhavam a partida. O tempo estava nublado, mas fazia calor.

O Manaus abriu o placar logo aos minutos, o que gerou euforia imediata nas arquibancadas. A empolgação da torcida embalou o bom desempenho inicial do time, que se manteve no ataque, criando chances e controlando a posse de bola. Porém, aos 31 minutos, o Amazonas empatou com uma jogada individual de Renanzinho, que driblou dois marcadores antes de finalizar com precisão. O gol foi celebrado pela torcida adversária, e os torcedores do Manaus reagiram tentando reanimar o time com cânticos e palmas.

Na volta do intervalo, o Manaus retomou o controle do jogo e marcou o segundo gol aos 15 minutos do segundo tempo, restabelecendo a vantagem no placar. Apesar disso, o desempenho do time começou a cair, e a equipe foi recuando à medida que o Amazonas aumentava a pressão. A torcida começou a se inquietar. A tensão crescia, e o temor de um novo empate era evidente, mesmo com o Amazonas atuando com um jogador a menos após uma expulsão polêmica.

Durante a parada técnica do jogo, Will subiu na grade que separava as arquibancadas do campo e convocou os torcedores a aumentarem a pressão sobre o adversário. “Vamos pra cima, vamos fazer o Amazonas sentir!” gritava ele, enquanto o time adversário se reunia próximo ao setor ocupado pelos torcedores do Manaus. A tensão nos minutos finais era palpável. “O Manaus tá pedindo pra tomar gol”, comentou um torcedor ao meu lado.

Apoiado até o fim, com os celulares dos torcedores para o ar com as lanternas ligadas, o Manaus resistiu ao adversário e anotou o terceiro gol aos 52 minutos do segundo tempo, aumentando a festa. Os cantos que eram entoados num esforço de concentração e intensidade diante da possibilidade de sofrer o empate viraram pura alegria pela vitória. Era o triunfo diante do time amazonense em melhor fase no momento, campeão da mesma Série C na qual o

Manaus foi rebaixado. Um título histórico, inédito, que o clube esmeraldino almejava desde 2020 e que viu um clube criado em 2019 alcançar logo na estreia, em 2023.

Pelo envolvimento que construí com a torcida, também me deixei levar pela euforia, mas à medida que ela começou a reduzir, notei em meio aos torcedores um movimento de preocupação. Alguns tiraram a camisa e começaram a sacudi-la para ventilar alguém que estava deitado. Demorei para notar quem era, pois formou-se uma pequena aglomeração ao redor. Circulei em torno do grupo até achar uma brecha para identificar quem estava ali e descobri que era Will.

Ele começou a convulsionar, assustando os amigos, que se desesperam em busca de ajuda. A imagem foi perturbadora. Ver meu interlocutor naquelas condições me trouxe a memória recente de um acidente vascular cerebral (AVC) sofrido pelo meu pai já durante o período do mestrado, em agosto de 2023. A esposa de Will estava presente e chorava bastante. Mário e os torcedores que prestavam suporte pediam para que outros chamassem por ajuda.

Fui um dos que corri para a grade no limite da arquibancada para chamar o assessor de comunicação do clube, que estava no campo, na tentativa de acionar a diretoria. Logo o presidente de honra Luis Mitozo acionou a ambulância que estava no estádio e os profissionais conduziram Will pela maca até o veículo no gramado. Um repórter no trajeto tentou filmar de perto a situação e foi empurrado por Mário, revoltado com a postura do profissional diante da situação de fragilidade do amigo.

Vimos Will ser levado de ambulância, com o Mário de acompanhante, e dispersamos trocando a alegria da vitória pela preocupação com a saúde do criador da torcida. Após o trajeto para casa, enviei mensagem para Mário em busca de notícias. “Ele tá melhor, mano. Tá voltando aos poucos”, respondeu. Com a imagem forte na cabeça, esperei por um boletim médico mais contundente.

Às 20h42 daquele sábado, Mário publicou no grupo da torcida uma foto de Will sendo conduzido na cadeira de rodas dentro do hospital, lúcido, sorrindo e recebendo medicação intravenosa, já com alta médica. “Bebam água”, foi a primeira mensagem de Will após o mau súbito. Enviei a ele no dia seguinte uma mensagem perguntando como ele estava, aliviado pela alta e sugerindo um *checkup* médico, no sentido de verificar eventuais problemas que poderiam ter causado o mal-estar.

Wil agradeceu a preocupação, disse que já tinha feito um *checkup* em dezembro anterior e que, apesar do sobrepeso, não tinha nada fora do normal. “Ontem tive uma crise nos

rins. Estava muito quente”, contou. Ele informou que não lembrava do jogo. A memória mais recente era a chegada no estádio. “Fui ver os gols pelo celular. Muita emoção kkk. Morreu de que? De Manaus!”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol é um esporte em que o coletivo e o individual se misturam, proporcionando uma dinâmica altamente complexa e reunindo uma infinidade de variáveis que podem justificar a vitória, o empate ou a derrota. A qualidade dos jogadores, do treinador, da tática escolhida, do preparo físico, emocional e as condições do ambiente de jogo são alguns dos fatores determinantes para, a depender do alinhamento entre um e outro, indicar as possibilidades de sucesso ou fracasso. Isso sem contar os imponderáveis, os aspectos imprevisíveis proporcionados por um confronto equilibrado.

Empresto essa percepção para situar o desafio de uma interpretação a partir dos discursos e práticas de um grupo organizado de torcedores, uma empreitada ainda mais envolvida por variáveis, onde o coletivo e o individual se relacionam em outras ordens, e sucesso ou fracasso ganham uma infinidade de dimensões, aprofundando-se em relatividade.

Compreendendo essa dinâmica, ressalto que o esforço aqui empreendido se trata de um texto, construído a partir de uma busca pela descrição densa, reconhecendo teorias e conceitos da antropologia e das ciências sociais como um todo. Todos aqueles que fazem parte da União Manaus e o grupo em si possuem cada um sua perspectiva de ação e trajetória, que não pode ser resumida em uma pesquisa.

Essas pessoas carregam motivações, dores e ambições diversas, mas frequentemente são colocadas em posições de subalternização. A masculinidade, tema central desta investigação, é um elemento que, em sua forma hegemônica e idealizada, não apenas perpetua desigualdades, mas também contribui para a própria subalternização daqueles que não se encaixam plenamente nesse modelo. Isso evidencia um risco adicional: o de perder de vista a alteridade dos torcedores, suas vivências singulares e complexas.

Pesquisar masculinidades sendo um homem branco e heterossexual, sobretudo quando os interlocutores são homens pardos e pretos, é, portanto, olhar profundamente para si, buscando entender os lugares, práticas, épocas e circunstâncias do que está além de si. Não pretendo aqui romantizar esse exercício de alteridade que é elementar na antropologia, apenas reconhecê-lo como fator relevante.

Destaco ainda o fato de que este trabalho foi elaborado com o reconhecimento de que muitos aspectos da história do futebol amazonense, destacada no primeiro capítulo, as gerações dos grupos organizados de torcedores, verificadas no segundo, e da interpretação

etnográfica pelo olhar de gênero, no terceiro, oferecem oportunidades de aprofundamento em novas pesquisas em caráter multidisciplinar.

Quão valiosos não seriam os registros relacionados à concepção e organização das torcidas dos clubes amazonenses e da própria seleção do estado, por exemplo, depois do fim do ciclo econômico da borracha? Como se dava, em maior riqueza de detalhes, a dinâmica do torcer nos anos 1960 e 1970, nos quais os registros apontam como período de maior engajamento com o futebol amazonense?

Como se deu a origem de torcidas como a Narraça, a mais longeva em atividade, entre outras, a partir dos anos 1990, período de maior disseminação desses agrupamentos pelo Brasil? Como a violência é operacionalizada em grupos no Amazonas em que o conflito com outros é uma prática reconhecida? Como a mídia registra e analisa esses confrontos?

São algumas perguntas oferecidas para trabalhos complementares a este, na busca pelo desdobramento do pensamento científico em torno do fenômeno do futebol e seus aficionados. Mesmo na União Manaus, evidentemente caberiam novos olhares, novas perspectivas para um aprofundamento da análise dentro do tema, aqui delimitada em direção à interpretação das masculinidades.

Sem formalidades nem hierarquia rígida, tampouco valores atrelados a causas políticas ou sociais, o grupo exerce um notável esforço por se destacar nos ambientes de jogos pelas performances, sempre conduzido por integrantes que estimulam os presentes a cantarem com a maior frequência e intensidade possível, direcionando apoio ao time do Manaus. Marcar presença e fazer da torcida o agrupamento mais numeroso e vibrante em suporte ao clube é nitidamente o principal objetivo.

A construção do sentido do torcer passa prioritariamente pela crença de que os movimentos coordenados nas arquibancadas exercem uma influência direta no desempenho dos atletas dentro de campo, aspecto que costuma ser observado em considerações das lideranças após vitórias mais difíceis e com maior engajamento dos torcedores. Isso, sobretudo, quando o ambiente é adverso, seja pela chuva ou pelo calor intenso.

A convicção dessa organização coletiva em sintonia com os objetivos nas arquibancadas traz aos integrantes a sensação de que pertencem ao melhor grupo organizado de torcedores do estado. E mesmo diante das outras torcidas do Manaus, esse fator é destacado em comentários internos, nos quais os outros são sempre alvos de ironias, mesmo que ocorram

eventuais parcerias e união para apoio em bloco, como ocorreu no jogo relatado em Manacapuru, contra o Princesa do Solimões.

O pacto de não-violência, componente percebido como discurso e prática ainda que permeado por algumas controvérsias, ofereceu um interessante elemento de análise a partir do seu efeito perante os corpos dentro e fora da torcida. Há um código evidente para que se evite o conflito e a violência física de qualquer ordem, o que reverbera nas provocações a outras torcidas e nas relações internas.

Essa escolha da União Manaus passa invariavelmente pela tentativa de escapar da histórica estigmatização das torcidas organizadas, termo esse evitado propositalmente no nome do grupo. É, também, uma aceitação, em algum nível, da lógica promovida pelo estado e pela mídia, além de uma constituição que não passa por ideais políticos ou ideológicos, mas na oportunização de uma reunião de amigos fãs do esporte em torno de um jovem clube amazonense.

É importante reconhecer que a violência nos estádios ou na órbita dos símbolos do futebol pode ser estimulada por uma infinidade de motivações e valores, entre os quais a masculinidade hegemônica por si, como prática histórica. Apesar do estigma, os confrontos e danos provocados por esse fenômeno não se resumem a problemáticas de ordem social mais ampla, demandando também responsabilidades das torcidas como agentes protagonistas desse contexto.

Influenciadores ou influenciados pela própria regra, os integrantes da União Manaus demonstram uma notável conduta pacífica no âmbito dos estádios e nas relações que estabelece, ainda que tudo comporte exceções. Independente, não foi a intenção aqui investigar a aplicabilidade desta característica por si, mas reconhecê-la como elemento importante na identidade do grupo e como ela permeia outras perspectivas.

Aqueles corpos que buscam um rompimento com a associação à reprodução da violência direcionam esforços para reproduzir manifestações de apoio incondicional ao Manaus Futebol Clube, enquanto torcida que faz mais barulho, que canta mais alto, performa mais intensamente em condições climáticas adversas, em se tratando do estado do Amazonas.

Esse empenho pode ser diretamente relacionado a um perfil específico de masculinidade, já reconhecido em alguns textos nos estudos sobre o futebol, que condiciona a honra à capacidade de resistir à dor ou qualquer tipo de desconforto para provar a dedicação.

Os integrantes da União Manaus demonstraram esse ímpeto enfrentando sol e chuva, o que gerou um mal-estar no próprio líder e idealizador.

Embora não seja um debate interno, pelo menos não durante o período em que se realizou a pesquisa, os atravessamentos de um grupo formado majoritariamente por homens pardos são articulados e transformados em agência no momento em que um integrante é injustificadamente detido pela polícia após um contexto de briga no estádio. Também são usados para criticar uma suposta manifestação racista de um membro em um jogo.

Nessa esteira interseccional, mulheres mães têm mais dificuldades em participar ativamente da torcida, se não na linha de frente, por cuidar dos filhos enquanto o pai ocupa esse ofício, pela própria ausência nos jogos. Outras precisam lidar com os ciúmes do namorado ou julgamentos da família. Se estiver em alguma situação de oposição ao Manaus, como na arbitragem, o fato de ser mulher vira o mote para os ataques verbais, pelo menos para alguns, diante da indiferença de outros.

A União Manaus apresenta suas particularidades únicas no que diz respeito ao enquadramento de gênero, tal qual, potencialmente, cada torcida formula sua conduta. Os quadros de violência nos estádios, alvo já consolidado de estudos nas ciências sociais no Brasil e no mundo, se apresentam como recortes em que o olhar pela perspectiva da interseccionalidade, especialmente no campo de gênero e das masculinidades, oferece um terreno fértil para análises.

De igual forma, o olhar para uma Manaus do futebol popular, no capítulo 1, atravessa as percepções em relação à cidade e o futebol espetacularizado, ambiente em que se enquadram os torcedores desta pesquisa. Vislumbro, em uma futura oportunidade, abordar este campo em busca de compreender os significados em torno desse esporte em uma matriz comunitária, sob um prisma em que a identificação com o território e a prática se aprofundam.

A escolha por uma pesquisa na linha de gênero remete a desafios e compromissos políticos pessoais. A busca por uma contribuição nesse campo exige articulações detalhadas, configura riscos em cometer equívocos que podem reforçar a estigmatização de sujeitos em variados contextos, mas o esforço se faz com vistas à contribuição para um mundo mais justo. O exercício, assim, exige alteridades em diferentes dimensões.

Uma delas passa pelo reconhecimento de variadas possibilidades da expressão masculina, mesmo compreendendo que não é objetivo deste trabalho mapeá-las num limite alcançável. Nesse aspecto, conversas com as obras de Viveiros Vigoya (2018), Connell (1995),

Vale de Almeida (1995) e Butler (2003) aqui presentes tentaram elucidar a dimensão dentro de um cenário possível e aberto para desdobramentos em futuras pesquisas.

Acredito não ser possível atribuir uma designação específica para o perfil de masculinidade característico dos integrantes da União Manaus, pelo menos não dentro do que foi observado no campo. O que pode ser vislumbrado é o potencial de um acordo antiviolença como efeito de produção de relações internas e externas. Se o princípio é evitar o mais simbólico ato de uma suposta irracionalidade comum na tensão de interesses do futebol, há de se reconhecer um grau importante de conscientização por parte desses sujeitos, o que contrasta às masculinidades hegemônicas, permitindo compreendê-las, as masculinidades, como múltiplas.

## REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, L.; REGO, F. C. V. S. do; DURAZZO, L. A Escrita contra a cultura. *Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, [S. l.], v. 5, n. 8, p. 193–226, 2018.

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade*. BH: Letramento/justificando, 2018.

ALMEIDA, C. 2018, *Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidade nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras*, tese de doutoramento em antropologia social, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina.

ARCHETTI, Eduardo P. *Masculinidades: fútbol, tango y polo en Argentina*. Buenos Aires: Deldragón, 2016.

ANDRADE, Rodrigo Fadul. 2013. *Preparativos para a Copa do Mundo de 2014 na cidade de Manaus/AM: uma abordagem antropológica*. Dissertação de mestrado em antropologia. Manaus: Museu Amazônico/PPGAS-UFAM.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. *Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol*. *Revista Brasileira de Educação* v. 15 n. 44 maio/ago. 2010.

BRAGA, Rodrigo Guimarães Saturnino. *Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais de Futebol: uma história política do futebol brasileiro da primeira república ao estado novo (1922-1945)* / Rodrigo Guimarães Saturnino Braga. – 2021.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 2000. “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”. In: *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP. pp. 17-35.

CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

CLIFFORD, James; MARCUS, Georg E.E. (Editores). *Writing Culture. The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1986.

COELHO, Paulo Vinícius. Bola fora: a história do êxodo do futebol brasileiro. São Paulo: Panda Books, 2009.

CONNELL, Raewyn. Políticas da Masculinidade. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol.20, nº 2,jul./dez. 1995, pp. 185-206.

CONNELL. Raewyn; MESSERSCHMIDT James W; Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. In: Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. Gênero: uma perspectiva global. São Paulo: nVersos, 2014.

DA MATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DA MATTA, Roberto (org.). Universo do futebol. Rio de Janeiro: Pinakotek, 1982.

DAMO, Arlei Sander. Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DE OLIVEIRA, Marcos Roberto Russo. Amizades, Porradas, Facadas e Caseiras Fumegantes: uma história das galeras de Manaus (1985-2000). 2017. Dissertação (Mestrado em História - Cultural) - Universidade Federal do Amazonas.

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO (EBC). O rádio na história das Copas: qual foi o primeiro Mundial por ele transmitido? Disponível em: <https://radios.ebc.com.br/todas-vozes/2018/06/o-radio-na-historia-das-copas-qual-foi-o-primeiro-mundial-por-ele-transmitido>. Acesso em: 15 set. 2024.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. A busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional. Coimbra: Edições 70, 2019.

FAVRET-SAADA, J. (2005). “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada (P. Siqueira, Trad.). Cadernos De Campo (São Paulo - 1991), 13(13), 155-161. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161>

FRANZINI, Fábio. "A futura paixão nacional: chega o futebol." MELO, Victor Andrade de & DEL PRIORE, Mary (Org.). História do Esporte no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

- HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. *Mediações*, Londrina, v. 20, n. 2, p. 97-128, jul./dez. 2015.
- KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 1998.
- LOVISOLO, Hugo. Sociologia do esporte (futebol): conversações argumentativas. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
- LOPES, F. T. P. A alteridade torcedora: contribuições da prática antropológica para a compreensão das torcidas organizadas de futebol. *Revista de Estudos Universitários - REU*, Sorocaba, SP, v. 46, n. 2, p. 213–229, 2020.
- LOPES, Felipe Tavares Paes (2016). A construção do problema social da violência no futebol brasileiro: dominação e resistência. *Athenea Digital*, 16(2), 89-113. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/athenea.1571>.
- GASTALDO, Édison. O fato social total brasileiro: uma perspectiva etnográfica sobre a recepção pública da copa do mundo no Brasil. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v. 19, n. 40, p. 185-200, 2013.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2019.
- GROSSI, M. P. *Masculinidades: Uma Revisão Teórica*. Antropologia em primeira mão (pp. 5-37). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
- GUEDES, Simoni. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1998.
- GUTTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: Uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- LOUREIRO, Antônio J. S. *Amazônia: 10.000 anos*. Manaus: Metro Cúbico, 1982.
- MELO DA CUNHA, Flávia; Dulley, Iracema; Feriani, Daniela Moreno. *Etnografia, etnografias: ensaios sobre a diversidade do fazer antropológico*. 1. ed. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2011. v. 1.

- MESQUITA, Otoni Moreira de. Manaus: História e Arquitetura – 1852/1910. Manaus: Editora Valer, 1999.
- MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra! Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- MURAD, Maurício. A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- NASCIMENTO, Mayra Leal do. Torcida, substantivo feminino: interações e relações de gênero nas torcidas do clássico Remo x Paysandu. 2020.
- PEIRANO, Mariza. "Etnografia não é método". Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.
- PESSOA, Alba Barbosa. Infância e Trabalho: Dimensões do Trabalho Infantil na Cidade de Manaus (1890-1920) / Alba Barbosa Pessoa. Manaus: [s.n.], 2010, 180p., ilustrado.
- PISANI, Mariane da Silva. 'Sou feita de chuva, sol e barro': o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. 2018. 245 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- PINHO, Jefferson Queiroz de. Os pais tão on: masculinidades, paternidades e performatividades de jovens pais na cidade de Manaus-AM, tese de doutorado (Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024.
- PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 11, n. 2, 2008. DOI: 10.5216/sec.v11i2.5247.
- PIZARRO, J. O.; Rial, Carmen; RIGO, L. C. Sociologia Econômica e Megaeventos Esportivos: análise da Copa do Mundo 2014 e perspectivas. REVISTA OBSERVATORIO DEL DEPORTE, v. 4, p. 43-56, 2018.
- PORTO, Valdirene Aparecida Pires. Imprensa, imigração, trabalho e sociabilidades femininas na Belle Époque Manauara, 1880-1920. 2016. 184 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.
- PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de. História do esporte no Brasil: Do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

- RAMOS, Alcida Rita. Metodologias. Nem contra, nem a favor, muito pelo contrário. Cuadernos de Antropología Social, Buenos Aires, n.50, p,21-31, 2019.
- REY, Kamyle Medina Monte. Zona Franca de Manaus: análise dos 50 anos de atuação estatal no âmbito da Suframa em busca da promoção do desenvolvimento da Amazônia. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Governança e Desenvolvimento na Escola Nacional de Administração Pública). Brasília, 2019.
- RIAL, Carmen. El invisible (y victorioso) fútbol praticado por mujeres en Brasil. Nueva Sociedad, v. 1, p. 114-126, 2013
- RIBEIRO, R. O caminho da bola: 100 anos de história da FPF. São Paulo: CNB, 2000.
- RODRIGUES FILHO, Mario. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; FORTES, Rafael. ‘Brasil-grande, estádios gigantescos’: toponímia dos estádios públicos da ditadura civil-militar brasileira e os discursos de reconciliação, 1964-1985. Tempo. Niterói, v. 27, n. 1, p. 166-183, 2021.
- SANTOS JUNIOR, Paulo Marreiro dos. Manaus da Belle Époque: um cotidiano em tensão. A utopia da modernidade na cidade disciplinar, 1890-1920. Cadernos de História (UFOP. Mariana), v. 02, p. 01-21, 2007.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. 1995. v. 20, n.2, p.71-99.
- SILVA, Carmen Novoa. Pepeta: Páginas de Vida e História. Valer, 2007.
- SOUZA, Eduardo Araripe Pacheco de. Fazer alianças, uma escolha determinante entre o protagonismo e a invisibilidade dos grupos organizados de torcedores de futebol no Brasil. Tese. Programa de pós-graduação em Antropologia da UFPE, Recife, 2016.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcer: a metafísica do homem comum. Revista de História, São Paulo, n. 163, p. 175–189, 2010. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i163p175-189. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19175>.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. Senhores de Si. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade. Lisboa: Fim de Século. 264 p., 1995.

VIEIRA NETO, Gaspar. Memórias do esporte bretão caboclo: Os primórdios do futebol no Amazonas. Manaus: Editora do autor, 2017.

VIVEROS VIGOYA, Mara. As cores da masculinidade: Experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

ZAMITH, Carlos. Baú Velho. Manaus, Editora Valer, 2008.

## GLOSSÁRIO

**Amistoso:** Partida de caráter não oficial, realizada entre equipes esportivas com o objetivo de treinamento, entrosamento ou avaliação de jogadores, sem valer pontos ou troféus em competições.

**Escalção:** Relação dos jogadores escolhidos por um técnico para iniciar ou participar de uma partida, geralmente detalhando as posições que ocuparão em campo.

**Esquema tático:** Estratégia ou organização utilizada por uma equipe esportiva para dispor seus jogadores em campo e executar ações ofensivas e defensivas de maneira coordenada.

**Meta:** Estrutura formada por traves e rede, localizada nas extremidades do campo, utilizada para marcar gols em esportes como o futebol.

**Tabelinha:** Jogada rápida e coordenada entre dois jogadores da mesma equipe, em que um passa a bola ao outro e imediatamente corre para receber de volta, buscando avançar ou superar adversários.

**Tapuia:** Termo de origem indígena utilizado de forma ampla para designar povos indígenas brasileiros que não pertenciam ao grupo Tupi. Em contextos mais regionais, pode ser usado como referência a identidades culturais específicas ou significados locais.